

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**AS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DO *GREENPEACE*  
PARA SUSCITAR O DEBATE SOBRE O MEIO  
AMBIENTE NA ESFERA PÚBLICA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Rafaela Caetano Pinto**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**

**AS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DO *GREENPEACE* PARA  
SUSCITAR O DEBATE SOBRE O MEIO AMBIENTE NA  
ESFERA PÚBLICA**

**Rafaela Caetano Pinto**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em  
Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**Orientador: Prof . Dr. Maria Ivete Trevisan Fossá**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a dissertação de Mestrado

**AS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DO *GREENPEACE* PARA SUSCITAR O DEBATE  
SOBRE O MEIO AMBIENTE NA ESFERA PÚBLICA**

elaborada por  
**Rafaela Caetano Pinto**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Maria Ivete Trevisan Fossá, Dr.**  
(Presidente/Orientador)

**Márcio Simeone Henriques, Dr. (UFMG)**

**Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, 08 de março de 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho não foi uma obra solitária, porque muitas pessoas, direta ou indiretamente, tiveram um papel importantíssimo durante a minha caminhada acadêmica. São estas pessoas que, neste momento, eu quero lembrar.

Agradeço, primeiramente, a Deus, que permitiu que este desafio fosse alcançado. Agradeço, ainda, à minha família: aos meus pais, Randel e Maria, que, além da vida, me deram apoio e carinho nesta caminhada, e ao meu irmão, Renan, que, da mesma forma, foi importante durante este período.

Agradeço ao meu noivo, Vinícius, por seu apoio e amor incondicionais em mais esta empreitada.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por contribuir com a minha formação. Agradeço, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, aos seus funcionários e aos seus professores, pessoas extremamente relevantes nesta conquista. Ainda, no âmbito do Programa, agradeço aos professores da Linha de Pesquisa de Mídia e Estratégias Comunicacionais, os quais foram imprescindíveis na construção da minha pesquisa.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Ivete Trevisan Fossá, pelos seus ensinamentos. Além disso, agradeço pelo companheirismo e pelo encorajamento, durante seis anos, que me transformaram como pessoa e como pesquisadora.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha banca e que trouxeram significativas contribuições para a melhoria do meu trabalho, Prof. Dr. Mário Simeone Henriques, Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eugenia Mariano da Rocha Barichello.

Agradeço a todos os meus colegas de mestrado, especialmente a minha amiga Solange Prediger, que esteve ao meu lado em todos os momentos bons e ruins.

Agradeço aos meus amigos queridos que fazem minha vida mais feliz. Em nomes de todos, cito, aqui, alguns deles, que estiveram comigo durante este período: Simone Machado, Daniela Tolfo, Patrícia Pérsigo, Patrícia Pichler, Fabiana Pereira, Marinês Lazzari e Graziela Motta.

**A todos vocês a minha eterna gratidão e carinho!**

**“É fraco continuar querendo coisas e não tentar consegui-las.”**

***Joanna Field***

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DO *GREENPEACE* PARA SUSCITAR O DEBATE SOBRE O MEIO AMBIENTE NA ESFERA PÚBLICA**

AUTORA: RAFAELA CAETANO PINTO

ORIENTADOR: MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 08 de março de 2012

Antes, entendida como um espaço físico de discussão e limitada às pessoas habilitadas a representar os demais indivíduos, hoje, a esfera pública ampliou-se e possibilita que mais pessoas possam participar do processo deliberativo de tomada de decisões. Os meios de comunicação têm potencializado a mudança, através de sua mediação social estratégica, assim como o fazem os movimentos sociais envolvidos neste processo, os quais buscam dar suporte aos cidadãos a fim de que eles engajem-se por uma causa e, dessa forma, possam ampliar o espaço de discussão sobre determinado assunto. Da mesma forma, os movimentos sociais criam estratégias para que os seus objetivos tenham visibilidade na mídia, por meio de ações ativistas espetaculares, por exemplo. Assim posto, os movimentos sociais dão visibilidade aos seus escopos de trabalho e, por meio da circularidade de ideias, geram discutibilidade dos assuntos em questão na esfera pública. Assim sendo, a problemática deste trabalho pretende entender como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação do debate, na esfera pública, sobre o meio ambiente. O objetivo é analisar como as estratégias ativistas do *Greenpeace* contribuem na ampliação e na sustentação do debate, na esfera pública, em relação ao meio ambiente. Para tanto, propõe-se verificar os três jornais de maior circulação no Brasil, em 2010; identificar, nestes jornais e no *site* institucional do *Greenpeace*, como repercutem as estratégias ativistas desenvolvidas pela organização sobre os seus escopos de trabalho, no Brasil, no primeiro semestre de 2011; e, a partir daí, construir subsídios teóricos para o campo da comunicação a partir da análise realizada. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo e a técnica, a análise categorial, conforme as compreendem Bardin (1977). O *corpus* de pesquisa delimita-se às notícias relativas às ações ativistas do *Greenpeace* realizadas no Brasil, no primeiro semestre de 2011, referentes aos cinco escopos de trabalho desenvolvidos pela organização no país e aos comentários feitos por leitores nos espaços disponíveis para manifestação a respeito destas matérias, quando existirem. As matérias foram extraídas dos três jornais de maior circulação no Brasil e do *site* do *Greenpeace*. De acordo com os índices do Instituto Verificador de Circulação (IVC), divulgados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), os jornais são: Super Notícia (MG), Folha de São Paulo (SP) e O Globo (RJ), respectivamente, como os três primeiros colocados. Embora sejam veículos completamente distintos em suas lógicas de produção e funcionalidade, almeja-se verificar como as premissas da visibilidade e da discutibilidade, necessárias à formação da esfera pública, estão presentes nestes veículos a partir de suas pautas referentes às ações ativistas do *Greenpeace*. De acordo com as análises, pôde-se perceber que a organização consegue sustentar os debates na esfera pública ao dar visibilidade às suas ações e gerar discutibilidade sobre elas.

**Palavras-chave:** Esfera pública. Movimentos sociais; *Greenpeace*.

## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **THE ACTIVISTS STRATEGIES OF GREENPEACE TO RAISE THE DEBATE ON THE ENVIRONMENT IN THE PUBLIC SPHERE**

**AUTHOR: RAFAELA CAETANO PINTO  
ADVISOR: MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ**

Before, understood as a space for discussion and limited to people qualified to represent other individuals, today the public sphere has expanded and it allows more people to participate in the deliberative process of decision making. The media have enhanced the change, through their strategic social mediation, as do social movements involved in this process, which seek to support people so that they engage themselves for a cause and thus may widen the discussion on an issue. Likewise, social movements develop strategies so that their objectives have visibility in the media, by spectacular activists actions, for example. Thus being placed, social movements give visibility to their scope of work and, through the circularity of ideas, generate debate the matters in question in the public sphere. Thus, the paper aims to understand how the activists strategies of Greenpeace collaborate in expanding the debate in the public sphere on the environment. The goal is to analyze how the activists strategies of Greenpeace expand and contribute in sustaining the debate in the public sphere in relation to the environment. It is therefore proposed to verify the three major newspapers in Brazil, in 2010, to identify in these newspapers and the institutional site of Greenpeace, as activists echo the strategies developed by the organization about their scopes of work in Brazil in the first half of 2011, and from there, build theoretical support for the field of communication from the analysis. The methodology used is content analysis and technical analysis categories, according Bardin (1977). The corpus of the research is delimited to the news regarding the activists actions of Greenpeace held in Brazil in the first half of 2011, for the five scopes of work developed by the organization in the country and comments made by readers in available spaces regarding these matters, if they exist. The subjects were drawn from three major newspapers in Brazil and the site of Greenpeace. According to the contents of Circulation Control Institute (CCI), published by the National Newspaper Association (NNA), newspapers are: Super Notícia (MG), Folha de São Paulo (SP) and O Globo (RJ), respectively, as the top three. Although they are different vehicles in their logical production and functionality, was aim to verify how the assumptions of visibility and debate necessary for the formation of public sphere, are present in these vehicles from their agendas for the actions of Greenpeace. According to the analysis, one can perceive that the organization can sustain the debates in the public sphere to give visibility to their actions and generate debate about them.

**Keywords:** Public sphere. Social movements. Greenpeace.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro analítico-comparativo das dimensões das estratégias de comunicação para Mobilização Social.....	46
Quadro 2 – O processo de derivação das categorias.....	68
Quadro 3 – O processo de derivação da categoria intermediária “visibilidade”.....	94
Quadro 4 – O processo de derivação da categoria intermediária “discutibilidade”.	96
Quadro 5 – O processo de derivação da categoria final “ampliação da esfera pública”.....	100

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 ESFERA PÚBLICA - ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 O SURGIMENTO E A DECADÊNCIA DA ESFERA PÚBLICA: OS CONCEITOS DE VISIBILIDADE E DE DISCUTIBILIDADE.....	16
1.2 A REVISÃO CONCEITUAL HABERMASIANA DE ESFERA PÚBLICA E A ASCENDÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	20
1.3 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA ESFERA PÚBLICA..	24
<b>2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A SUA CONTRIBUIÇÃO À SOCIEDADE ATUAL.....</b>	<b>33</b>
2.1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS: CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	34
2.2 A MOBILIZAÇÃO SOCIAL COMO PRINCÍPIO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	42
2.3 O ATIVISMO COMO ESTRATÉGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	49
<b>3 O <i>GREENPEACE</i> COMO PRODUTOR SOCIAL E SUAS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS.....</b>	<b>58</b>
3.1 O <i>GREENPEACE</i> COMO PRODUTOR SOCIAL.....	59
3.2 METODOLOGIA.....	65
<b>3.2.1 <i>Corpus</i> de pesquisa.....</b>	<b>67</b>
3.3 ANÁLISE.....	68
3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	69
<b>3.4.1 As Categorias Iniciais.....</b>	<b>69</b>
<b>3.4.2 As Categorias Intermediárias.....</b>	<b>93</b>
<b>3.4.3 A Categoria Final.....</b>	<b>100</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

A esfera pública, problematizada pelo filósofo alemão Jürgen Habermas (2003b), surgiu como uma função política fomentada pelos interesses da classe burguesa, bem como pelos debates que ocorriam nos cafés europeus em decorrência daquele cenário de interesse de classe. Os debates davam-se em ambientes físicos e eram privados, abertos apenas para as pessoas habilitadas a deliberar sobre assuntos relevantes à sociedade, sendo que estas discussões eram pautadas segundo o que era veiculado nos jornais artesanais da época.

Dessa forma, a imprensa possuía um importante papel social, no momento em que as suas matérias de cunho politizante fomentavam a discussão na esfera pública. Isso até a transformação de suas características com a Indústria Cultural, que convertia os conteúdos informativos em produtos massivos. Neste aspecto, Habermas (2003b) aponta para a mudança na função política da imprensa para uma imprensa aclamadora, com características de comercialização.

Assim, o autor repensa a influência dos meios de comunicação de massa e atribui-lhes à dissolução da esfera pública. Habermas (2003b) afirma que a imprensa, constituída pelos preceitos da Indústria Cultural, desfez a opinião pública e, ao mesmo tempo, impediu a constituição de uma esfera pública propriamente dita. Habermas (2003b), influenciado pela Escola de Frankfurt, não percebeu a nova forma de mediação permitida pelos meios de comunicação e, em virtude disso, subestimou a importância social deles.

A esfera pública, ao longo do tempo, sofreu modificações em seu conceito, bem como em sua estrutura. Esta temática foi revista por outros autores, assim como pelo próprio Habermas, já que o contexto no qual o estudioso desenvolveu o seu pensamento passou por diversas transformações políticas, sociais, tecnológicas, entre outras. Autores, como Thompson (1998), entendem a importância dos meios de comunicação na constituição da esfera pública e consideram a mediação proporcionada por eles inerente à formação desta esfera.

Além disso, hoje, a esfera pública não se caracteriza como um espaço físico no qual pessoas com o poder de fala reúnem-se em um espaço delimitado a fim de debater assuntos pertinentes à sociedade. Ao contrário, o seu espaço é difuso e multifacetado, em que as pessoas, mesmo não estando no mesmo ambiente, discutem sobre assuntos que estão em pauta.

A desterritorialização da esfera pública pode ser compreendida através do uso dos meios de comunicação e, mais recentemente, da internet, a qual possibilita que os indivíduos

debatam temáticas de interesse coletivo, problematizem-nas sem a necessidade de contiguidade espacial. Desse modo, a constituição dos debates, na esfera pública, encontra, na internet, um meio de alargamento da referida esfera, ao passo que torna acessível o debate a um número maior de pessoas.

Os meios de comunicação também dão visibilidade ampliada às temáticas sociais, ao permitir que elas sejam vistas e discutidas pelos indivíduos. Embora Habermas (2003, 2003b) considerasse a discutibilidade como uma propriedade inerente à esfera pública, não se pode deixar de ponderar, assim como Gomes (2008b), que a visibilidade conduz à realização de debates já que faz circular as informações necessárias para tal.

A esfera pública, além de ser ampliada pelos meios de comunicação também é estendida pelos movimentos sociais. De acordo com Quevedo (2007), os movimentos sociais criam novos espaços para a discussão de assuntos que tangenciam a sociedade. Através do desenvolvimento de estratégias ativistas, com características espetaculares, os movimentos sociais provocam a visibilidade necessária à sua causa e, dessa forma, juntamente com a circularidade de ideias, criam as condições necessárias para a discutibilidade de seus escopos de trabalho.

Em face dessas considerações, além das mudanças tecnológicas que favoreceram a ampliação da esfera pública, pode-se afirmar que os movimentos sociais também têm papel semelhante nesse processo, no que diz respeito à sustentação de debates sobre determinados temas relevantes à sociedade civil. Os movimentos sociais representam a voz de minorias que, destituídas de poder, não conseguem fazer chegar o clamor de seus interesses aos grandes meios de comunicação de massa. Desse modo, os movimentos sociais mobilizam os seus integrantes a fim de discutir e definir ações para que consigam ampliar o espaço de debate e obter soluções para os problemas que enfrentam.

Os movimentos sociais são expressões de minorias que, embora representem quantitativamente inexpressividade, qualitativamente interferem no processo democrático, pois dão voz ativa aos atores sociais, fazendo com que influenciem os centros de poder, conforme assinala Sodré (2005). Ademais, estes movimentos têm o intuito de mobilizar as pessoas para enfrentar os problemas que permeiam a sociedade. A mobilização social, em conformidade com Toro e Werneck (2004), evidencia-se na convocação de vontades na busca de objetivos comuns que implicam soluções visadas pelo grupo.

A mobilização social, segundo Mafra (2008), parte do pressuposto de que as ações espetaculares que buscam uma audiência simpatizante à causa tornem-se interlocutores a favor dos movimentos através das informações crítico-rationais que dão suporte aos debates

em favor deles. Ao ensejarem mobilizar os indivíduos para a causa pela qual defendem, os movimentos sociais trabalham, por meio do ativismo, para envolvê-los e engajá-los na discussão da problemática. Além disso, o ativismo, conforme Henriques (2007), dá visibilidade aos movimentos sociais. Tanto as formas de mobilização, quanto às de ativismo, auxiliam na formação da esfera pública, já que dão visibilidade aos movimentos, ao mesmo tempo em que geram discutibilidade a respeito de seus escopos.

Na era da informação, em que se vive, os movimentos sociais espalhados pelo mundo conseguem unir-se em imensas redes regionais e internacionais em defesa do interesse público. Estas redes eletrônicas espalhadas pelo mundo têm a capacidade de reagir imediatamente aos acontecimentos, de acessar e compartilhar fontes de informação, além de pressionar governos, organismos internacionais e corporações como parte de suas estratégias de campanhas e de ações ativistas. Alguns pesquisadores avaliam que a era da informação está testemunhando uma migração do poder, que se desloca dos estados-nação em direção às novas alianças e às coalizões não-governamentais. Ao perceber estes novos delineamentos do contexto social, os movimentos sociais alteraram a sua forma de ação e passaram a atuar em rede (SCHERER-WARREN, 2011) a fim de dar uma resposta a este cenário, bem como de se inserir nesta nova dinâmica.

A partir de uma análise dos movimentos sociais com maior expressão na esfera pública, pode-se verificar que o *Greenpeace*, em sua condição de produtor social (TORO e WERNECK, 2004), possui relevância na sociedade contemporânea, uma vez que, além de ser um movimento legitimado, discute uma temática importante que preocupa a sociedade em geral, a degradação ambiental. O *Greenpeace* foi criado em 1971, no Canadá. Hoje, desenvolve os seus escopos de trabalho em 43 países. No Brasil, a organização atua desde 1990, buscando soluções para as temáticas: Amazônia, Clima e Energia Renovável, Nuclear, Oceanos e Transgênicos. O *Greenpeace* ganha visibilidade nos meios de comunicação por suas ações ativistas, as quais buscam, estrategicamente, chamar a atenção da sociedade para as agressões ao meio ambiente que estão causando o desequilíbrio ecológico mundial.

Pelo exposto, esta dissertação, intitulada **As estratégias ativistas do *Greenpeace* para suscitar o debate sobre o meio ambiente na esfera pública**, possui como **tema** a esfera pública e os movimentos sociais. A referida temática, em sua amplitude, enseja entender de que forma a esfera pública é construída pela discussão que os movimentos sociais buscam sustentar nos meios de comunicação.

A partir dessa premissa, a **delimitação** do tema está no estabelecimento de condições para o debate, na esfera pública, sobre o meio ambiente através das estratégias ativistas do

*Greenpeace* realizadas no Brasil, no primeiro semestre de 2011. Aqui, pretende-se compreender como as estratégias ativistas desse movimento podem contribuir para que se estabeleçam condições para o debate, na esfera pública, a respeito do meio ambiente. A fim de responder às indagações construídas nesse percurso de pesquisa, a dissertação possui como **problemática** o questionamento: Como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação do debate, na esfera pública, sobre o meio ambiente?

**Este estudo justifica-se** pelo fato de ser, primeiramente, uma motivação pessoal. Desde a graduação, assuntos relacionados ao meio ambiente mostravam-se bastante interessantes. As disciplinas cursadas no Mestrado em Comunicação fizeram com que o projeto inicial apresentado à banca, na seleção, ganhasse novos rumos, chegando até os movimentos sociais que trabalham com a temática ambiental.

O *Greenpeace* foi uma organização instigadora como objeto de pesquisa pela sua forma de atuação mundial. Além disso, com suas estratégias ativistas, o *Greenpeace*, como movimento social, possibilita pensar o alargamento da esfera pública ao fazer uso da tecnologia da informação para ligar os defensores locais às questões globais.

Além das justificativas pessoais, este trabalho tem significativa relevância nos estudos do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ao abordar a relação de duas temáticas importantes, os movimentos sociais e a esfera pública. O conceito de esfera pública é relevante no curso, principalmente, na linha de pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais, visto que ele permeia a importância da discutibilidade e da visibilidade na contemporaneidade.

A esfera pública pode ser entendida, atualmente, como um espaço difuso, multifacetado e inter cruzado por diferentes vozes. Assim compreendida, ela não se restringe à opinião daqueles que detêm o poder da fala, pois esse poder expandiu-se e viabilizou que uma gama de pessoas pudesse expor as suas problemáticas neste novo espaço, desterritorializado e plural, características proporcionadas, sobretudo, pelos meios de comunicação.

Ademais, o estudo configura-se como expressivo para o Mestrado em Comunicação por tratar a importância dos movimentos sociais e como o *Greenpeace* tem atuado no Brasil a respeito de seus escopos de trabalho. Além disso, o estudo busca verificar de que forma as estratégias ativistas do referido movimento, que se relacionam a estes escopos, sustentam o debate na esfera pública.

Através do estado da arte desta pesquisa, encontraram-se vários trabalhos que discorrem sobre a temática “Movimentos sociais”, já que ela é objeto de pesquisas em diversas áreas do conhecimento como a Comunicação, a História, a Sociologia, entre outras.

Já a temática “Esfera pública” é analisada *a priori* a partir dos estudos de Jürgen Habermas e vem sendo atualizada sob novas perspectivas, inclusive através dos meios de comunicação. Este estudo inova ao buscar entender de que forma as estratégias ativistas do *Greenpeace* sobre seus escopos de trabalho fomentam o debate sobre o meio ambiente na esfera pública, que se alarga com a utilização dos meios de comunicação.

O **objetivo geral** do trabalho consiste em analisar como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação e na sustentação do debate, na esfera pública, em relação ao meio ambiente. Para tanto, foram traçados **objetivos específicos**, que incluem, verificar os três jornais de maior circulação no Brasil em 2010; identificar, nestes jornais e no *site* institucional do *Greenpeace*, como repercutem as estratégias ativistas desenvolvidas pela organização sobre os seus escopos de trabalho no Brasil, no primeiro semestre de 2011; e construir subsídios teóricos para o campo da comunicação a partir da análise realizada.

A **construção teórica e metodológica desta dissertação faz-se em três capítulos**. No primeiro, trata-se, inicialmente, a respeito da esfera pública, conceito que será focado sob as perspectivas de Habermas (2003, 2003b), Thompson (1998), Rodrigues (1990), Gomes (2008, 2008b), entre outros. O segundo capítulo abordará a temática dos movimentos sociais, que será entendida conceitualmente a partir de autores como Gohn (2003), Touraine (1978), Quevedo (2007), Sodré (2005), Habermas (2003), Maia e Mendonça (2008), Scherer-Warren (2011), entre outros. Estudiosos como Henriques (2004), Toro e Werneck (2004) e Mafra (2008) serão ponto de referência para que se possa tratar a respeito da mobilização social como estratégia utilizada pelos movimentos sociais a fim de conseguir maior adesão dos cidadãos em prol da causa defendida pelo movimento. Além disso, o ativismo será focalizado no mesmo capítulo. Assim, entende-se, a partir, principalmente, dos estudos de Henriques (2004, 2007, 2010) e Mafra (2008), de que forma as ações desenvolvidas pelos movimentos sociais buscam modificar determinados cenários, concomitantemente com a procura pela visibilidade e pelo comprometimento de mais indivíduos com a causa social.

O último capítulo refere-se à metodologia da dissertação e reflete sobre o papel do *Greenpeace* como produtor social da preservação ambiental e como as suas ações ativistas procuram sustentar o debate sobre o meio ambiente na esfera pública. A metodologia escolhida para ser desenvolvida no trabalho é a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), através da técnica de análise categorial, em que as unidades de texto são agrupadas em rubricas de sentido. O *corpus* de pesquisa foi composto pelas notícias referentes às ações ativistas relacionadas aos escopos de trabalho do *Greenpeace* realizados no Brasil, no primeiro

semestre do ano de 2011, formado ainda pelos comentários deixados pelo público, os quais eram gerados a partir destas notícias nos espaços que lhes eram destinados, quando existiam.

As notícias escolhidas foram aquelas veiculadas nos três jornais de maior circulação no Brasil e no *site* institucional do *Greenpeace*. Segundo dados divulgados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), conforme pesquisa do Instituto Verificador de Circulação (IVC), os jornais de maior circulação, no ano de 2010, foram, respectivamente, Super Notícia (MG), Folha de São Paulo (SP) e O Globo (RJ). Optou-se, no caso presente, pela facilidade de acesso, investigar as notícias na versão *on line* destes jornais. A escolha dos jornais e do *site*, embora com características diferentes, deu-se pelo fato de se indagar de que forma a visibilidade e a discutibilidade, premissas fundamentais à formação da esfera pública, estão presentes nestes dois tipos de veículos.

A partir das 12 (doze) categorias iniciais de análise, chega-se a duas categorias intermediárias, que são visibilidade e discutibilidade. Estas duas categorias originaram a categoria final, ampliação da esfera pública.

De acordo com a análise, pôde-se perceber que o *Greenpeace* consegue obter visibilidade de suas ações ativistas nos meios de comunicação, já que elas são pensadas estrategicamente com tal objetivo, além de ir ao encontro das lógicas midiáticas. Os meios de comunicação possuem um papel fundamental, neste contexto, já que permitem que as pautas dos movimentos sejam dadas a ver pelos indivíduos. A visibilidade que as ações alcançam possibilita inferir que isso dá suporte para que haja a discutibilidade sobre os escopos de trabalho do *Greenpeace*. Esta premissa da esfera pública pode ser notada, com maior destaque, no *site* da organização, que intencionalmente destina espaços para comentários a fim de tematizar os seus escopos. De acordo com isso, pode-se asseverar que a organização consegue sustentar o debate na esfera pública através do alcance das duas premissas fundamentais à sua constituição, a visibilidade e a discutibilidade.

## 1 ESFERA PÚBLICA - ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

A noção de esfera pública foi abordada pelo filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, ainda nos anos 60, do século XX, quando ele publicou *Mudança Estrutural na Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. O nome de Habermas está associado à Escola de Frankfurt do pensamento social. Os integrantes daquela Escola foram inspirados pela obra de Karl Marx, no entanto, diferentemente dele, deram atenção à influência da cultura de massa na sociedade capitalista moderna.

Os frankfurtianos afirmavam que a difusão da indústria da cultura, com os seus produtos homogeneizados, enfraquecia a capacidade dos indivíduos desenvolverem um pensamento crítico e independente. Habermas (2003b) analisa o avanço da mídia desde o início do século XVIII até os dias de hoje, traçando o surgimento e a queda da esfera pública, denominada, por ele, como sendo uma arena de debates públicos, na qual é possível discutir temas de interesse geral e formar opiniões.

A esfera pública desenvolveu-se nos salões e nos cafés de Londres, Paris e de outras cidades europeias tendo sido fomentada pela divergência entre os interesses do Estado e da classe burguesa. As pessoas reuniam-se para discutirem as questões do momento e as notícias que surgiam nos folhetos de notícias e nos jornais que recém apareciam. Habermas (2003b) defende que os cafés e os salões foram importantes na primeira fase da evolução da democracia, visto que, mesmo contando com um número restrito de pessoas, os salões introduziram a ideia de resolução de problemas políticos através da discussão pública. Assim, a esfera pública, no seu nascedouro, envolveu a reunião de indivíduos em situação de igualdade em um fórum para debate público.

O debate público e democrático como promessa assumida, nesta primeira fase da evolução da esfera pública, não se concretizou totalmente na concepção de Habermas (2003b), pois foi sufocado pelo avanço da indústria da cultura que transformou a esfera pública à medida que as opiniões deixaram de ser formadas por meio de discussão racional aberta e passaram a ocorrer pela manipulação e pelo controle, como no caso da publicidade.

Dos anos 60 aos dias atuais, muitas críticas foram dirigidas à obra de Habermas, contribuindo, inclusive, para as reformulações teóricas que o autor apresenta sobre esfera pública em *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*, cujos fundamentos estruturam os pilares da democracia moderna e de um modelo específico de democracia, o deliberativo.

Nesta dissertação, toma-se a noção de esfera pública como conceito central, por entender-se que a esfera pública é a responsável por realizar a intermediação entre a sociedade

política e a civil de modo que esta faça-se valer como “um parceiro de discussão oficialmente qualificado” (HABERMAS, 2003b, p. 85) em relação à sociedade política. Além disso, tal conceito é básico para que possamos compreender, atualmente, a opinião pública, bem como o modelo de política deliberativo.

Este capítulo terá como base inicial a obra de Habermas (2003b) - *Mudança Estrutural na Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa* - para que se possa apreender o conceito de esfera pública e a sua importância na formação da opinião pública e na constituição da política deliberativa atual. Posteriormente, esta mesma obra será revisitada pelo próprio Habermas (2003) com o livro *Direito e Democracia: entre facticidade e validade* e, principalmente, por autores como Thompson (1998), Rodrigues (1990), Gomes (2008, 2008b), entre outros, para rever alguns aspectos de sua teoria.

Estes autores partem da premissa que os meios de comunicação não esvaziaram o poder de argumentação do indivíduo através do consumo dos produtos culturais massivos. Ao contrário, os meios de comunicação de massa passaram a mediar os debates entre a sociedade civil, fazendo-o sob uma nova perspectiva. Isso reflete-se no modelo deliberativo atual, que pode ser fomentado através de debates munidos de informações dispostos nos meios de comunicação.

## 1.1 O SURGIMENTO E A DECADÊNCIA DA ESFERA PÚBLICA: OS CONCEITOS DE VISIBILIDADE E DE DISCUTIBILIDADE

Hoje, o conceito de esfera pública é essencial para entender a formação da opinião pública e a participação política dos cidadãos nas decisões deliberativas, justamente porque as duas principais instâncias formadoras do conceito de esfera pública, visibilidade e discutibilidade, são as sustentadoras das duas categorias citadas anteriormente, opinião pública e sistema político deliberativo. Jürgen Habermas é reconhecido por ter apresentado a estrutura social e a função política da esfera pública, sendo que a sua obra serviu para que estudos posteriores surgissem embasando este conceito. Ainda que o filósofo tenha sido contestado por alguns autores, não se pode abordar o conceito de esfera pública sem fazer referência a Habermas.

Para apresentar a esfera pública, o autor perpassa pelas premissas da visibilidade e da discutibilidade. A esfera pública, além da qualidade do estar visível, foi concretizada a partir da discutibilidade entre integrantes da sociedade característica da época, capitalista e burguesa.

Através da atividade capitalista, o comércio ganhou força nas cidades e mobilizou os fluxos migratórios para estes locais. A partir daí, uma nova classe colocou-se no cenário, a burguesa, que possuía interesses políticos divergentes daqueles do Estado, criando-se uma discrepância entre as duas instâncias, o que acabou por criar a esfera pública burguesa. Para Habermas:

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social (HABERMAS, 2003b, p. 42).

A esfera pública burguesa foi idealizada a partir da luta de interesses entre o Estado e a nova classe que reivindicava o reconhecimento de suas necessidades. Este espaço criado entre estas tensões instituiu as condições necessárias para a formação desta esfera pública. Além disso, a burguesia lutava contra a dominação e a autoridade do Estado, do mesmo modo que almejava estes benefícios.

A família burguesa foi preponderante na formação crítica desta esfera e, segundo Habermas (2003b), a construção crítica dos debates deu-se, a princípio, na esfera íntima familiar. A leitura de romances, a sua discussão e, conseqüentemente, a leitura das informações oriundas da imprensa artesanal formaram a esfera literária que, em decorrência, subsidiou a cultura crítica do público participante da esfera pública burguesa.

A esfera pública literária encontrava-se, pois, intimamente relacionada à esfera pública política. As pessoas privadas (classe burguesa) com discursos enriquecidos reuniam-se em público para discutir os assuntos de seu interesse. De acordo com Habermas (2003b, p.44), neste ponto, encontra-se a função política da esfera pública, ao tensionar os interesses do Estado com os da classe burguesa, “[...] o esboço literário de uma esfera pública a funcionar politicamente [...]”.

A discutibilidade, fundamentada na formação crítica da classe burguesa, desenvolvia-se em determinados locais. Habermas (2003b) assinala que a função política da esfera pública somente dava-se em espaços físicos que abrigavam a discussão pública, de caráter aberto ao público habilitado a discorrer sobre determinados assuntos. O autor aponta a importância dos cafés, dos salões e das comunidades de comensais como lugares apropriados para a formação de debates coesos. Teoricamente, estes espaços eram abertos, mas, na prática,

a esfera pública era excludente, uma vez que mulheres, por exemplo, não tinham direito a participar.

Ao focar outro pilar da esfera pública, a visibilidade<sup>1</sup>, Habermas (2003b) sublinha que, inicialmente, a ideia de publicidade, ou seja, de tornar público, estava ligada à figura dos maiores detentores do poder público. A publicidade dos assuntos relacionados aos representantes públicos não permitia o segredo de suas práticas.

Além disso, a publicidade possuía estreita relação com os jornais impressos que circulavam no período em que surgiu a sociedade burguesa. A imprensa artesanal da época, com jornais de pouca tiragem, com notícias pequenas, entre outras características, compartilhava os assuntos de interesse público. Embora o acesso a estes impressos fosse restrito, a publicidade, elaborada de forma crítica, já perpassava alguns âmbitos da sociedade a ponto de transformar os seus contornos.

A imprensa exerceu, pois, um papel preponderante na esfera pública política, à medida que mediava os debates entre a sociedade e o Estado. A imprensa, que possuía cunho crítico, levava a informação sobre assuntos relevantes à sociedade, especialmente, no que tangia à política. De tal modo, que os indivíduos partícipes do processo utilizavam estas informações para embasar os seus discursos.

A esfera pública sofreu modificações ao longo da sua existência, tanto do ponto de vista estrutural, como do ponto de vista político. Conforme Habermas (2003b), uma das causas da mudança estrutural desta esfera foi a interpenetração entre as funções do Estado e da classe burguesa.

Deve-se referir que a esfera pública emergiu no momento em que se deu um tensionamento entre os interesses do Estado e da classe burguesa. Quando estes dois âmbitos descaracterizaram as suas funções intrínsecas, estatizando a sociedade e privatizando o Estado, a problematização enfraqueceu. O conflito de interesses inicial cedeu lugar ao apagamento das funções políticas da esfera pública. Habermas (2003b, p. 177) ressalta que, “a partir da esfera privada publicamente relevante da sociedade civil burguesa constitui-se uma esfera social repolitizada, em que instituições estatais e sociais se sintetizam em um único complexo de funções que não é mais diferenciável”.

De acordo com Habermas (2003b), outro fator que influenciou a mudança na estrutura da esfera pública foi a Indústria Cultural, que, segundo o autor, fez com que o público pensador de cultura se transformasse em outro, consumidor de cultura. Logo, o

---

<sup>1</sup> Habermas (2003b) deixa claro que, em sua teoria, a discutibilidade é mais relevante para a formação da esfera pública do que a visibilidade.

público crítico da esfera pública literária, desenvolvida, a princípio, na esfera íntima da família e ampliada nos cafés, cedeu lugar a um “pseudo-público” (HABERMAS, 2003b, p. 189), formado pelos consumidores dos produtos culturais advindos dos meios de comunicação de massa.

O autor pondera que o debate realizado nos cafés e nos salões por pessoas privadas estava ligado, de certa forma, aos modos de produção e consumo da imprensa artesanal da época. O consumo dos produtos massivos tornava as discussões apolíticas. Os meios de comunicação, conduzidos por ordens mercadológicas, passaram a converter a sua publicidade crítica em publicidade comercializável.

A esfera pública literária crítica perdeu a sua força para a indústria cultural no âmbito íntimo familiar, assim como nos cafés, nos salões, nas associações, etc., que acabaram perdendo a sua função socioestrutural dentro da esfera pública. Dessa forma, os indivíduos não são mais chamados a debater e a deliberar sobre as temáticas sociais, isso se restringe a instituições representativas.

A imprensa que fomentara a esfera pública mudou os seus contornos e foi a principal influenciadora da desintegração desta esfera, pontua Habermas (2003b). O jornalismo literário de informação, com características artesanais e lucros modestos, passou a exibir características de um jornalismo de opinião, com “publicidade *demonstrativa e manipulativa*”, conforme Habermas (2003b, p. 270 – grifos do autor).

De acordo com Habermas (2003b), a Indústria Cultural barateava os produtos para maior consumo e transformava o seu conteúdo, por meio de recursos sonoros e visuais, de forma que ficasse compreensível a todos. O acesso facilitado a um maior número de pessoas não fez com que a esfera pública se ampliasse. Ao contrário, acredita Habermas (2003b), a principal função da esfera pública, a política, desfez-se, já que a publicidade demonstrativa não conseguiu dar subsídios para argumentações deliberativas. Para o autor, o “consumo de cultura está certamente desprovido em grande parte da intermediação literária [...]” (2003b, p. 200). Ele postulava que, embora houvesse maior visibilidade, perdia-se em discutibilidade.

O autor desconsidera a participação dos meios de comunicação de massa na formação da esfera pública porque a veiculação de suas informações não colaborava na formação da razão e da capacidade crítica dos indivíduos, na verdade, apenas criava um ambiente de recepção passiva de seus produtos de entretenimento com produção indiferenciada.

O filósofo argumenta que a comunicação massiva enfraquece a formação da opinião pública, uma vez que, para ele, os receptores, nessa condição, não expressam a sua opinião.

Além disso, a formatação desse tipo de comunicação impossibilita a resposta dos públicos, bem como as suas ações, já que eles são controlados por autoridades. Assim, a autonomia dos públicos é minimizada pelas mencionadas instituições. Isso se reflete também nas deliberações públicas.

De uma forma geral, Habermas (2003b) é crítico quanto à importância dos meios de comunicação tanto na formação da opinião pública, quanto no desenvolvimento da esfera pública que, segundo ele, se diluiu diante da nova imprensa. Para o autor, a característica fundamental à constituição da esfera pública, a discutibilidade, foi suprimida pela falta de criticidade das informações oriundas dos meios de comunicação de massa. Posteriormente, Habermas, assim como outros autores, retomou a sua obra e revisou esta teoria, ao entender os meios de comunicação como atores essenciais no contexto da esfera pública.

## 1.2 A REVISÃO CONCEITUAL HABERMASIANA DE ESFERA PÚBLICA E A ASCENDÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Uma densa literatura, após este mal estar midiático proposto por Habermas (2003b), surgiu focando tanto os aspectos que envolvem a qualidade argumentativa que a indústria da comunicação promove, quanto a acusação de que os *media* provocam uma desconexão entre a sociedade civil e a sociedade política, compreendendo-se, dessa forma, os *media* como um obstáculo à deliberação pública.

As revisões de Habermas deram-se mais no campo da recepção do que no campo da produção da Indústria Cultural. Nas palavras do filósofo, fica explícita esta constatação quando ele afirma ter feito uma análise reducionista e muito pessimista da “capacidade de resistência e, sobretudo o potencial crítico de um público de massa pluralista e largamente diferenciado, que transborda as fronteiras de classe em seus hábitos culturais” (HABERMAS, 1999, p. 17).

Em sua obra *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*, Habermas (2003) retifica as suas considerações sobre os meios de comunicação, bem como a influência deles na constituição da esfera pública. Segundo ele, esta esfera

[...] se caracteriza através de horizontes abertos, permeáveis e deslocáveis. A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e *opiniões*; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de condensarem em opiniões *públicas* enfeixadas em temas específicos (HABERMAS, 2003, p. 92 – grifos do autor).

Habermas já concebe, de certa forma, a esfera pública a partir da comunicação e, do mesmo modo, com uma instância de discussão acessível a outros indivíduos para formar julgamentos e opiniões, assim como parece entender que esta esfera não se vincula a um lugar específico. O autor trata de esferas públicas que se desterritorializam e, para ratificar esta ideia, complementa:

Quanto mais elas se desligam de sua presença física, integrando também, por exemplo, a presença virtual de leitores situados em lugares distantes, de ouvintes ou espectadores, o que é possível através da mídia, tanto mais clara se torna a abstração que acompanha a passagem da estrutura espacial das interações simples para a generalização da esfera pública (HABERMAS, 2003, p. 93).

Habermas (2003) retoma os meios de comunicação para a constituição da racionalização discursiva, ao passo que reconhece a sua importância na constituição da esfera pública. De acordo com tal perspectiva, Marques (2008) assevera que as revisões propostas por Habermas acompanharam a concepção de que os meios de comunicação são estruturas que complexificam a relação entre as arenas de discussão nos processos deliberativos sociais.

Segundo Marques (2008), o novo pensamento de Habermas entende os meios de comunicação, ao invés de despolitizantes, como agentes centrais nos fluxos comunicativos e deliberativos, ou seja, eles possuem a função de intermediar as demandas vindas dos atores centrais e periféricos para o processo de decisão. Marques (2008), parafraseando Habermas, assegura que os meios de comunicação possuem centralidade nesse processo por darem visibilidade às questões advindas dos diferentes atores, por permitirem a simultaneidade de acesso aos conteúdos discutidos em diversos campos por uma ampla audiência e também por tornarem esses conteúdos acessíveis em qualquer espaço de tempo.

Outro ponto importante na obra *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*, que deve ser apontado, é a distinção que Habermas (2003) faz entre diferentes tipos de esferas públicas de acordo com as suas especialidades:

Em sociedades complexas, a esfera pública forma uma estrutura intermediária que faz a mediação entre o sistema político, de um lado, e os setores privados, de outro lado. Ela representa uma rede supercomplexa que se ramifica espacialmente num sem número de arenas internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, que se sobrepõem umas às outras; essa rede se articula objetivamente de acordo com pontos de vista funcionais, temas, círculos políticos, etc., assumindo a forma de esferas públicas mais ou menos especializadas, porém, ainda acessíveis a um público de leigos (por exemplo, em esferas públicas literárias, eclesíásticas, artísticas, feministas, ou ainda, esferas públicas 'alternativas' da política de saúde, da ciência e de outras); além disso, ela se diferencia por níveis, de acordo com a densidade da comunicação, da complexidade organizacional e do alcance, formando três tipos de esfera pública: esfera pública *episódica* (bares, cafés, encontros na rua),

esfera pública da *presença organizada* (encontros de pais, público que frequenta o teatro, concertos de Rock, reuniões de partidos ou congressos de igrejas) e esfera pública *abstrata*, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente). Apesar dessas diferenciações, as esferas públicas parciais, constituídas através da linguagem comum ordinária, são porosas, permitindo uma ligação entre elas (HABERMAS, 2003, p. 107 – grifos do autor).

De acordo com Maia (2008), a esfera pública episódica contempla debates que envolvem pessoas em interações simples e que utilizam as suas vivências para discutir. Geralmente, estes discursos não têm grande alcance, mas, de qualquer forma, endossam discussões que podem ser desenvolvidas em âmbitos mais formais, como é o caso da esfera pública de presença organizada. Já a esfera pública abstrata inclui os meios de comunicação em seu processo. A autora alerta que, embora os meios de comunicação disponibilizem bens simbólicos e visibilidade ampliada, eles não podem ser considerados como esfera pública propriamente dita. Observa, porém, que eles fornecem subsídios para a sua formação.

Habermas (2003) recupera a ideia de que a esfera pública faz uma mediação entre os âmbitos público e privado, mas repensa uma conexão reticular entre as diferentes esferas e a sobreposição de suas áreas, o que demonstra uma visão mais atualizada do autor em relação à estrutura e à função da esfera pública que se contextualiza em uma dinâmica social complexa.

O autor demarca a visibilidade da indústria da comunicação como um lócus por excelência da esfera pública abstrata. Neste sentido, algumas perspectivas teóricas atuais percebem contribuições positivas da comunicação de massa para a formação de um debate público. No entanto, Gomes ressalta que pontos problemáticos devem ser levados em conta, uma vez que:

[...] passamos de uma perspectiva que claramente responsabilizava a comunicação industrial de massa pela desvirtuação da esfera pública (*Mudança Estrutural*), para uma perspectiva que aceita como fato concreto que a esfera pública predominante repousa sobre a plataforma da comunicação pública mediada pelos meios de massa, pagando, contudo, pelos ganhos em acessibilidade e abstração com a perda da discutibilidade ou, ao menos, de níveis democraticamente densos de discussão pública (*Direito e Democracia*) (GOMES, 2008b, p. 117-118 – grifos do autor).

Na concepção habermasiana, as noções de visibilidade e discutibilidade não apresentam pesos iguais e a sua escolha recai ao significado de discutibilidade como propriedade da esfera pública, já que o conceito de opinião pública que mais agrega as questões deliberacionista é de “opinião coletiva resultante da discussão pública” (GOMES, 2008, p. 112).

Gomes (2008) admite que o primeiro tipo de opinião pública é aquela que se deriva da troca de argumentos. O segundo tipo é a opinião publicada que, ao contrário da primeira, não se sustenta pelo debate público, ela caracteriza-se pela publicidade acessível nos meios de comunicação de massa. Aqui, a visibilidade é uma premissa relevante para a sua formação e os principais responsáveis pela sua formação seriam os profissionais da mídia que, por meio dos enquadramentos e de seleção dos materiais informativos, dão visibilidade a determinados fatos políticos capazes de influenciar o terceiro tipo de opinião. Este é, por conseguinte, a opinião pública resultante das pesquisas políticas e mercadológicas. O autor afirma que Habermas compreende a opinião pública a partir do primeiro modelo, baseado na discutibilidade, mas Gomes (2008) alerta que os outros dois tipos são mais importantes devido à influência da visibilidade nos campos sociopolíticos.

Assim sendo, Gomes (2008) pontua:

A predileção pela discutibilidade em detrimento da visibilidade tem como conseqüências enfraquecer empiricamente a noção de esfera pública, embora, de um ponto de vista ideal (epistemológico, como prefere Habermas), a escolha se justifica. A rigor, o fato de as opiniões públicas dos tipos dois e três serem mais eficazes do ponto de vista da influência política, aponta para o fato de a visibilidade ser, na prática, mais influente do que a discutibilidade. Significa que a discussão pública tem menor eficiência na produção da influência do que a exposição pública. Significa que a visibilidade e os sistemas especializados na sua produção e gestão, a começar pelos meios de comunicação de massa, têm papel central para a democracia contemporânea (GOMES, 2008, p. 115).

Observa-se, assim, que a influência da opinião pública publicada sobre o sistema político é imensa em função da sua capacidade de influenciar a opinião pública do terceiro tipo. As opiniões circulantes no espaço de visibilidade dos *media* conferem maior chance de influenciar politicamente do que aquelas opiniões que não estão visíveis nos *media*. Isso permite inferir que a visibilidade não possui um valor menor do que a discutibilidade no contexto atual e que os meios de comunicação não são reducionistas na formação da esfera pública.

Para Habermas, a esfera pública sempre foi marcada, primordialmente, pela discutibilidade em detrimento da visibilidade, sendo que, para ele, os meios de comunicação de massa criam um ambiente propício para a opinião pública, do mesmo modo que proporcionam maior acessibilidade, racionalidade, visibilidade e discutibilidade.

Gomes (2008), contudo, sublinha que, no momento em que a discutibilidade sobrepõe-se à visibilidade, a esfera pública é enfraquecida, já que os meios de comunicação

são os formadores da opinião pública. Para Gomes (2008b, p. 162): “É a visibilidade que ancora a discutibilidade na democracia”.

Gomes (2008b) aponta que a esfera pública possui duas instâncias, a esfera de visibilidade pública e a esfera de discussão pública. A primeira é a esfera da informação e do conhecimento, em que há a exposição para a formação da argumentação, característica da segunda esfera, a esfera de discussão pública, que é importante para o modelo democrático já que é formada a partir da exposição de informações, juntamente com a discussão pública. Acredita-se, desse modo, que a formação de uma opinião pública dá-se pela informação crítica veiculada pelos meios de comunicação de massa, por isso, entende-se os meios de comunicação como atores fundamentais na formação e na ampliação da esfera pública tendo em vista que eles fazem circular as informações para que, posteriormente, a discussão seja realizada pela sociedade civil. Além disso, eles dão visibilidade ampliada às temáticas sociais por meio de suas lógicas e de seus profissionais que organizam o conteúdo das informações. Embora os meios de comunicação possuam lógicas midiáticas próprias, conseguem dar visibilidade a diferentes atores sociais que buscam discutir os problemas que envolvem a sociedade.

### 1.3 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA ESFERA PÚBLICA

O entendimento de esfera pública, a partir dos conceitos de Habermas (2003b), é relevante para que se possa contextualizá-lo a partir do próprio autor que é o estudioso mais importante do tema e, da mesma forma, para que seja possível revisitá-lo e rever algumas considerações feitas por ele no que tange ao papel dos meios de comunicação na formação da esfera pública. Habermas é um autor originário da Escola de Frankfurt e que vê a comunicação sob aspecto funcionalista e manipulador, devido à Indústria Cultural. No entanto, pode-se ponderar que, hoje, a comunicação transpõe este cenário ao mostrar o seu caráter social estratégico. Além disso, os meios de comunicação não fizeram com que a esfera pública enfraquecesse, ao contrário, a nova forma de mediação dos assuntos relevantes à sociedade pelos meios de comunicação fez com que a esfera pública se remodelasse.

Para Rodrigues (1990), a comunicação emerge em um contexto técnico-racional e caracteriza-se, de início, para este fim. Segundo ele, deixaram de “[...] constatar a sua constituição discursiva como estratégia legitimante do poder, como efeito de discurso” (RODRIGUES, 1990, p. 10). A comunicação não era entendida pelo seu viés discursivo, nem tampouco pelo seu poder, considerando-a como instituição de mediação social.

O poder legitimador da comunicação não era assim concebido porque parte das ciências humanas “[...] estava assim reservado um devir técnico pragmático de inspiração behaviorista [...]” (RODRIGUES, 1990, p. 9). A teoria behaviorista do estímulo-resposta transformava a comunicação em um processo maquínico e redutor da relação entre atores envolvidos no processo. Por isso, ainda nas considerações de Rodrigues, “a problemática comunicacional emerge no pensamento científico como quadro epistêmico destinado a dar conta das estratégias discursivas, fluidas e plurais, que se jogam hoje no espaço público” (RODRIGUES, 1990, p. 13).

Rodrigues analisa a comunicação como um processo transformador da sociedade por identificá-la como um jogo estratégico, em que o discurso pode ser utilizado como forma de poder. Fazendo-o, porém, não somente no que tange à manipulação dos públicos, também no que diz respeito à forma de mediar os interesses sociais na esfera pública.

Conforme afirma Rodrigues (1990, p. 56): “Os tempos fortes da comunicação nas sociedades modernas actuais deixam, por conseguinte, de ser tempos de consumação para se tornarem processos estratégicos [...]”. A compreensão sobre a comunicação deve superar as linhas teóricas da indústria cultural e incluí-la como formas estratégicas de ações discursivas. Além disso, segundo este teórico, ela transforma os espaços e as experiências sociais, o que evidencia outra visão a respeito da comunicação, em que ela torna-se um processo legitimante do poder discursivo e da mediação da esfera pública.

A relação entre a sociedade e os meios de comunicação não pode ser entendida como um processo de estímulo e resposta, nem mesmo como uma questão de consumo informacional, ou seja, o consumo massivo sem a percepção ativa do receptor ou o entendimento da informação concebida como produto vendável deve ser compreendido a partir de uma transformação do cenário social que se faz pela mediação dos meios de comunicação. Acrescente-se que estes são constituídos por processos estratégicos que transformam a sociedade e toda a sua forma de constituir-se.

A mídia adentrou o processo comunicacional e estendeu as possibilidades da comunicação interpessoal. As logotécnicas, como denomina Rodrigues (1990), ao invés de serem interpretadas como instrumentos de dominação, tornaram-se o próprio ato da comunicação. Para Rodrigues (1990, p. 94 – grifos do autor), a “distância entre a técnica e o discurso não será propriamente anulada com o advento das logotécnicas; é *deslocada*”. Conforme o autor, “A distância entre a técnica e o discurso, em vez de anulada, é *ultrapassada* pelo devir reticular das logotécnicas” (1990, p. 94 – grifos do autor). Assim, pode-se observar que as técnicas, ao serem inseridas no ato de comunicação, apenas mudam

esta ação, não a corrompem. Os meios de comunicação ampliam a potencialidade do ato comunicativo e o maximizam através do fluxo reticular. O discurso, anteriormente, permitido pelo contexto face a face, hoje, é possibilitado pelos *media* que modificaram este processo.

Sodré (2002) também pontua a interação entre os sujeitos e a técnica por meio da sociotécnica. Em consonância com o autor, a mediatização é outorgada por meio de tecnointerações, as quais, inclusive, permitem novas formas de sociabilização por meio de uma tecnocultura, bem como novas ordens de entendimento da sociedade a partir da comunicação intermediada pelos *media*.

Rodrigues (1990) destaca que a comunicação discursiva é importante porque a linguagem é um sistema universal, mas as técnicas utilizadas neste processo também oferecem vantagens. Para ele,

[...] a integração destas formas de sociabilidade reticular num sistema técnico próprio convertem-na na forma privilegiada de organização de espaço público, a ponto de se ter já tornado na forma de mediação e de visibilidade do conjunto das nossas relações sociais, sobrepondo-se assim às relações de vizinhança, de convívio directo e imediato, de participação na vida pública e até de trabalho. Paradoxalmente, as relações sociais são já hoje tanto mais directas, no quadro das formas de sociabilidade reticular, quanto mais mediatizados forem (RODRIGUES, 1990, p. 126).

O autor avalia que o emprego das técnicas proporcionou a reorganização do espaço público<sup>2</sup>, como também possibilitou maior visibilidade, de forma reticular, aos assuntos de interesse público, além do distanciamento entre os indivíduos. O espaço público foi ampliado e desterritorializado, assim sendo as pessoas não precisam dividir o mesmo espaço para serem informadas. A desterritorialização das interações de proximidade foi possível graças aos meios de comunicação que mediam as relações através de suas lógicas e reorganizam o espaço em rede.

Ao contrário do que Habermas (2003b) afirmava sobre o declínio da esfera pública e a sua relação com os meios de comunicação de massa, Rodrigues (1990) responde que a comunicação está intimamente ligada com a construção da esfera pública. Assim posto:

A esfera pública é, por conseguinte, a cena em que o jogo das interações sociais e o movimento dos actores ganham visibilidade social. Por isso, a comunicação não é apenas um instrumento à disposição dos indivíduos, dos grupos informais ou dos grupos organizados para darem a conhecer factos, acontecimentos, pensamentos, vontades ou afectos. É, sobretudo, o processo instituinte do espaço público em que se desenrolam as suas acções e os discursos e coincide com o próprio jogo dos papéis que as instituições lhe destinam. Daí a natureza paradoxal da comunicação,

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, as palavras “espaço público” e “esfera pública” serão utilizadas como sinônimas.

ao mesmo tempo instituinte e instituída, processo de elaboração de um espaço público e agenciamento das regras impostas pela conformidade social, pluralidade feita de múltiplas singularidades. A comunicação inscreve-se, por isso, no *mundo comum*; pressupõe-no, elabora-o, restabelece-o, desloca-o. É esta multiplicidade de modalidades de inscrição dos processos comunicacionais no mundo comum que torna a abordagem positivista da comunicação uma pretensão ideológica redutora, uma abordagem instrumental que oblitera as dimensões que escapam a interesses, imediatos ou mediatos (RODRIGUES, 1990, p. 141 – grifos do autor).

A comunicação torna-se um aspecto fundamental para o desenvolvimento da esfera pública e, dessa forma, não pode ser reduzida aos seus aspectos técnicos e funcionais, embora também relevantes neste contexto. Mas a comunicação vai além da sua funcionalidade e se estabelece como uma estratégia dos discursos sociais. Rodrigues (1990) condena as visões tecnicistas sobre a comunicação e entende a complexidade deste processo no que concerne aos seus discursos e aos seus atores envolvidos, demonstrando, para ele, de que forma o processo comunicacional é estratégico. Além disso, o autor reitera que os processos comunicativos têm a capacidade de reelaborar os contextos e de instituir a esfera pública.

Outro estudioso fundamental para a compreensão da importância dos meios de comunicação na sociedade é Thompson (1998). Este sociólogo percebe como a mídia insere-se na vida da sociedade moderna e de que forma modifica este contexto através da sua mediação. Ele, assim como Rodrigues (1990), não vê os meios de comunicação somente sob os seus aspectos tecnicistas e funcionais, mas considera que eles possuem lógicas estratégicas.

Além de ser contrário às ideias reducionistas da Escola de Frankfurt com relação à comunicação, Thompson (1998) assume a sua aversão aos preceitos da Indústria Cultural, argumentando que, embora o conteúdo veiculado para o público seja indiferenciado, isto é, a informação difundida como produto cultural massificado, o público não pode ser tomado como passivo no processo de recepção. Para ele, embora a difusão seja de longo alcance, a apropriação é individual, visto que cada um possui contextos socioculturais diferentes.

Thompson (2009, p. 139) considera que a recepção “é um processo social complexo” e complementa esta afirmação ao registrar que a visão reducionista da Indústria Cultural pertence à “falácia do internalismo” (2009, p. 143). Agregue-se, ademais, que o autor qualifica como positiva a pluralidade de receptores que a Indústria Cultural abrange.

Em conformidade com Thompson (1998), a sociedade moderna não pode ser entendida sem a participação dos meios de comunicação, haja vista que

[...] nós só poderemos entender o impacto social do desenvolvimento das novas redes de comunicação e do fluxo de informação, se pusermos de lado a idéia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com os outros

permanecem fundamentalmente inalteradas. [...] o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo. Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face-a-face que caracterizam a maioria dos nossos encontros quotidianos. Eles são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros situados em locais distantes. De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum (THOMPSON, 1998, p. 13-14).

A comunicação é, aqui, entendida como o processo fundamentalmente estruturante da vida social moderna. Ela alterou o modo de ser e estar neste cenário, pois além de modificar as relações interpessoais, primordiais na relação de comunicação, fragmentou e expandiu o espaço destas relações, que ganharam novos contornos mediados. Além disso, a comunicação muda as formas de ação e de poder, antes construídas por indivíduos privilegiados, dotados de informação, e de um espaço comum de discussão. Isso possibilitou não só uma alteração dos próprios indivíduos, mas também das relações estabelecidas por eles.

Thompson (1998) observa que o indivíduo, ou melhor, o *self* (eu) também se modifica a partir das mediações. Segundo o autor, esta formatação do eu torna-se mais reflexiva e aberta, já que depende de si mesmo para constituir a sua identidade, a qual, do mesmo modo, necessita, cada vez mais, dos recursos simbólicos provenientes dos meios de comunicação. Além dos subsídios locais, os meios de comunicação veiculam informações de espaços e tempos distantes, o que enriquece a experiência do indivíduo.

Assim compreendidos, os meios de comunicação não são meros transmissores de informação em um contexto de recepção massivo sem condições de interpretação destas informações, de mudança de seu repertório e as relações posteriormente estabelecidas entre os indivíduos. Assim, como os meios de comunicação estenderam as formas de comunicação entre os indivíduos, antes compreendidas em contextos co-presenciais, eles também transformaram as relações ao mediar a sociedade midiaticamente. Os *media* propiciaram um distanciamento social através da mediação discursiva e da interação através das técnicas.

A nova forma de mediação social, a fragmentação do espaço e a difusão de informações simbólicas fizeram com que o poder pudesse ser dissolvido entre as demais instâncias devido à ação estratégica dos meios de comunicação. São estas características que, sob o ponto de vista adotado nesta pesquisa, não permitem afirmar que a esfera pública decaiu com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e de seu conteúdo. O que aconteceu foi que o seu debate restrito localmente e a determinados falantes foi ampliado e

desterritorializado. A esfera pública mediada pelos meios de comunicação difundiu-se espacialmente e passou a contemplar um maior número de indivíduos com direito à fala, informados para tal.

Dessa maneira, os meios de comunicação puderam dar visibilidade, qualidade importante da esfera pública, aos assuntos de interesse social e isso possibilitou que o poder de discutibilidade, característica fundamental na constituição desta esfera, pudesse ser disseminado entre mais integrantes da sociedade devido à oferta de informações. Dessa forma, concorda-se com a relevância dos meios de comunicação, assim como foram para a constituição da sociedade atual, para a formação da esfera pública e para ampliação e sustentação de seus debates.

Thompson (2009) alerta que a esfera pública idealizada por Habermas (2003b) não pode ser pensada nos dias atuais, pois o cenário em que se vive não viabiliza a transposição e o desenvolvimento daquela esfera concebida pelo estudioso. Segundo Thompson (2009), o debate co-presencial, que propicia a crítica racional no ambiente físico, não se aplica ao novo contexto social de um espaço fragmentado.

A produção, o armazenamento e a circulação de conteúdos simbólicos, com a evolução dos meios de comunicação, foram crescendo exponencialmente, fato que resultou em aumento de poder dos indivíduos, que puderam usar estas informações para alcançar os seus objetivos (THOMPSON, 1998). Segundo o estudioso, a comunicação está relacionada com o poder simbólico por envolver o processo entre a produção e a recepção dos conteúdos e a sua utilização para buscar objetivos do indivíduo ou de grupos.

Thompson (1998) reitera a ideia de que os meios de comunicação de massa modificaram as interações entre a sociedade e que não há como pormenorizar o papel dos meios de comunicação, já que o cenário histórico e social também se transformou. O autor denomina as novas interações de quase interação-mediada, que se diferencia da comunicação co-presencial, de caráter monológico, haja vista que os seus conteúdos podem estar difusos no tempo e no espaço, a sua produção é orientada para um público generalizado e não é permitido que o enunciador empregue “deixas” simbólicas (THOMPSON, 1998).

A quase-interação mediada foi viabilizada pela publicidade mediada que proporcionou a relação entre os públicos mesmo com o seu distanciamento espaço-temporal. Segundo Thompson (1998), este tipo de publicidade propiciou que a visibilidade fosse dada cada vez mais e em maior escala pelos meios de comunicação de massa.

Conforme Thompson (1998), a publicidade servia, primeiramente, para dar visibilidade aos assuntos públicos de cunho político para que eles pudessem ser debatidos em

lugares especializados, o que Habermas (2003b) afirmou em seus estudos. No entanto, existe outro tipo de publicidade, a mediada, que é desterritorializada e caracteriza-se como uma instância capaz de dar visibilidade ao que veicula. No caso em questão, ela retira os acontecimentos do seu local e transpõem-nos espaço-temporalmente, o que lhes dá visibilidade ampliada (THOMPSON, 1998).

Tratou-se anteriormente da importância dos meios de comunicação no que tange à mediação dos contextos sociais e à sua influência na constituição da esfera pública, visto que dá visibilidade ampliada às temáticas sociais para a sua posterior discussão. Mas é significativo lembrar que também abordou-se a relevância do entendimento de esfera pública para o conceito de deliberação pública. Acresça-se que Maia (2008b) traz importantes considerações que reiteram o papel fundamental dos *media* neste contexto.

Maia (2008b) também vai de encontro às perspectivas reducionistas do mal estar midiático, em um primeiro momento, determinado por Habermas (2003b), que aponta os meios de comunicação de massa como fomentadores da apatia político-social. A autora busca equacionar a relação entre a deliberação pública e os meios de comunicação através de sua visibilidade e de seu papel como agentes fomentadores de debates públicos, da opinião pública e de mobilizações sociais. Segundo a autora, a esfera pública é estruturada diretamente pelos *media*, pois eles instigam os debates através da circulação de informações.

A autora afirma que, para existir debate deliberativo, há a necessidade de publicidade, assim como de outros fatores, como a não-coerção, a forma argumentativa, a inclusividade, a reciprocidade, entre outros. Ela enfatiza que a deliberação deve ser midiaticizada: “Não há outro espaço para a divulgação de informações que se iguale aos meios de comunicação, em termos de amplitude e repercussão” (MAIA, 2008b, p. 93).

Maia (2008b) considera os *media* como sistemas<sup>3</sup> que apresentam imbricações negativas, mas que possuem lógicas que amparam a visibilidade, as condições para a deliberação pública e para a mediação – que passa por diversos constrangimentos e imbricações. A autora ainda lembra sobre o papel dos profissionais de comunicação, através do agendamento, nesse processo das lógicas midiáticas. Para ela, a deliberação mediada é permitida por diversas lógicas, tais como: a acessibilidade dos atores sociais aos meios de comunicação e o uso de suas vozes como fonte; a identificação e a caracterização dos interlocutores; a utilização de argumentos pelos pares a fim de justificar o seu posicionamento; a reciprocidade e a responsividade no diálogo entre os interlocutores; e a

---

<sup>3</sup> Maia (2008b) considera como característica de um sistema a sua autonomia e a sua cultura com valores simbólicos próprios compartilhados entre o grupo.

reflexividade e a revisibilidade de opiniões dos indivíduos após conhecer os argumentos. A crítica de Maia (2008b) postula-se à acessibilidade dos atores aos *media* que possuem filtros midiáticos de diferentes ordens, o que acaba dando visibilidade a alguns atores em detrimento de outros, e à qualidade argumentativa dos atores envolvidos no debate e à constante revisão de seus conceitos que enriquecem o processo de decisão.

Além dos papéis desenvolvidos pelos meios de comunicação de massa na mediação entre a sociedade e na formação da opinião pública, acresça-se-lhes a internet como um *media* relevante neste contexto comunicacional. A internet é um meio exponencial que, através da sua estrutura em rede, viabiliza a conexão muitos-muitos, além da transposição de inúmeras informações acessadas ao bel-prazer dos indivíduos.

Na segunda metade do século XX, os meios digitais ampliaram o seu espaço e possibilitaram a produção e a distribuição de conteúdos, diferentemente das mídias de massa, colaborando, assim, para a ampliação da esfera pública. Além disso, a noção de espaço público, do mesmo modo, foi modificada, aquele espaço determinado pelas mídias massivas, agora, é atravessado por diversas vozes que estão na internet e têm liberdade em produzir e consumir conteúdos.

Para Lemos (2004, p. 144), a internet, com o seu sistema rizomático, caracteriza-se como “um espaço de agregações sociais múltiplas”. Além da não-passividade dos indivíduos, o seu lugar desterritorializa-se em uma rede complexa, em que o mais significativo é as relações simbólicas e o seu ambiente pluralista de debates. Próxima à ideia de Lemos (2004), Póvoa (2000, p. 14) assegura que a internet é um “poderoso equalizador social”.

A internet complementa a ação dos meios de comunicação de massa ao ser um espaço fluído, com fronteiras abertas e livres, em que os indivíduos têm maior liberdade para criar, bem como para buscar as informações de seu interesse. A rede mundial ainda amplia a esfera pública, tendo em vista que disponibiliza uma quantidade maior e mais variada de informações, que são tomadas pelos indivíduos conforme a sua necessidade e a sua curiosidade.

Lemos e Lévy (2010) atualizam o conceito de esfera pública através da internet, pontuando que as mídias digitais, juntamente com a globalização econômica e informacional, modificaram a sociedade e o seu espaço, que se tornou difuso e multifacetado, perdendo a sua característica palpável de lugar. Esta reconfiguração alterou também o entendimento de espaço público que, anteriormente, era dado como ambiente físico de debate e, hoje, mostra-se como um lugar ainda de discussões, mas desterritorializado.

De uma forma geral, buscou-se compreender o conceito de esfera pública e a sua relevância no contexto sociopolítico atual. Da mesma forma, o papel dos meios de comunicação de massa e, mais recentemente, da internet na mediação entre os campos sociais através da circulação de informações e da visibilidade ampliada para endossar o debate na arena pública deliberativa. Contudo, não se pode deixar de fazer referência a atores importantes nesse cenário, como o são os movimentos sociais. Como lembrou Thompson (1998), estes atores foram excluídos da discussão da esfera pública política, mas o seu papel social tão significativo fez com que o seu lugar fosse revisto (HABERMAS, 2003). Por isso, no próximo capítulo, procura-se examinar de que forma a atuação dos movimentos sociais amplia a discussão na esfera pública.

## 2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A SUA CONTRIBUIÇÃO À SOCIEDADE ATUAL

Os movimentos sociais são ações coletivas que contam com a participação de diversos atores (MAIA e MENDONÇA, 2008) que tomam para si os problemas sociais em forma de objetivos passíveis de melhoria. Estas ações não tiram a responsabilidade do Estado em relação às suas políticas públicas de melhoria social, mas permitem que os indivíduos exerçam os seus direitos de democracia e cidadania, demonstrando que eles não são apáticos quanto aos problemas sociais.

Assim posto, faz-se possível entender os movimentos sociais como ações coletivas voltadas para objetivos sociais (GOHN, 2003). Eles, ademais, possuem determinados princípios que, segundo Touraine (1978), são o de totalidade, o de oposição e o de identidade, os quais afirmam as bases dos movimentos sociais e norteiam as suas ações.

Os movimentos sociais caracterizam-se como expressões das minorias, as quais representam qualitativamente o poder daqueles que lutam contra as hegemonias, conforme Sodré (2005). Para tanto, faz-se necessário que as minorias sejam visíveis para dar voz às suas reivindicações e, por isso, elas buscam os meios de comunicação. Sodré (2005), contudo, adverte que os meios de comunicação podem silenciá-las.

Autores como Moraes (2001) e Downing (2002) ressaltam que o silenciamento ocorre devido aos filtros editoriais de ordem econômica e ideológica que os meios de comunicação possuem. Assim sendo, a entrada das pautas dos movimentos sociais tem difícil acesso a tais meios e, quando isso acontece, podem ocorrer distorções dos seus discursos. Entretanto, Paiva (2005) argumenta que, ainda assim, os meios de comunicação são importantes no que tange à visibilidade das minorias. Desse modo, estes atores sociais procuram pressionar os centros decisórios do poder político ao expor as suas reivindicações (HABERMAS, 2003).

A mobilização social também é um processo que envolve os movimentos sociais, tendo em vista que eles necessitam convocar os indivíduos para desenvolver as suas ações. De acordo com Henriques (2004), a comunicação torna-se essencial nesse sentido, visto que ela envolve em um processo relacional os indivíduos e os movimentos sociais. A mobilização ocorre de acordo com um processo vinculativo que pode ser gerado, segundo Mafra (2008), por meio de aspectos espetaculares, festivos e argumentativos. Todos estes elementos propiciam que as estratégias desenvolvidas pelos movimentos sociais, além de gerar uma audiência simpática à causa, formem indivíduos capazes de argumentar em favor dos escopos de trabalho destes movimentos.

Os movimentos sociais, segundo Quevedo (2007), fazem com que os assuntos relevantes à sociedade sejam discutidos na esfera pública ao criar espaços plurais de discussão. Para isso, eles precisam engendrar estratégias que pautem os meios de comunicação de massa. E, aqui, considera-se o ativismo.

Para Henriques (2007), o ativismo vem ao encontro de duas premissas dos movimentos sociais, a mobilização social e a visibilidade. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os movimentos dão visibilidade aos seus objetivos nos meios de comunicação, conseguem movimentar mais pessoas na busca do seu imaginário convocante (TORO e WERNECK, 2004).

Além da mobilização, outro fator importante almejado pelos movimentos sociais é a visibilidade para a legitimação de suas causas. Os meios de comunicação tornaram-se centrais na composição dos movimentos sociais, tanto, conforme alerta Scherer-Warren (2011), que há uma reestruturação na composição destes movimentos. Se, antes, eles assumiam características de lutas de classes, hoje, procuram atuar em rede e através dos meios de comunicação a fim de gerar maior discutibilidade através da circularidade de ideias.

A visibilidade pretendida pelos movimentos e a discutibilidade sobre as temáticas sociais propostas por eles demonstram que estes atores são imprescindíveis para o alargamento da esfera pública. Assim posto, os movimentos sociais buscam legitimar-se através de suas estratégias para pautar os meios de comunicação, assim como procuram colocar em discussão os seus escopos de trabalho.

Para focar os movimentos sociais e os diversos conceitos que os envolvem, cabem ser ponto de referência estudos de Gohn (2003), Quevedo (2007), Touraine (1978), César (2007), Henriques (2004, 2007 e 2010), Schmidt (2007), Moraes (2001), Sodré (2005), Paiva (2005), Barbalho (2005), Toro e Werneck (2004), Mafra (2008), Habermas (2003), Thompson (1998), Scherer-Warren (2011), entre outros.

## 2.1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS: CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Os movimentos sociais, segundo Maia e Mendonça (2008), são atores coletivos, participativos, que estabelecem interações com os demais atores sociais, sejam eles internos ou externos, sendo que isso modifica os seus contornos constantemente. As redes de interação dão pluralidade aos movimentos, do mesmo modo que criam tensões em seu âmbito interno. Estes atores coletivos também interagem com o ambiente externo a fim de dar visibilidade às

suas demandas e aos seus escopos de trabalho. Reiterando a questão das relações interacionais, Maia e Mendonça pontuam:

Em diversos *âmbitos interacionais*, os membros de uma agência social coletiva podem elaborar questões e proceder à *tematização pública* das mesmas. Por meio de uma trama de relações, podem *traduzir* e *generalizar* seus argumentos, mas para tanto dependem de aspectos da cultura partilhada (MAIA e MENDONÇA, 2008, p. 130 – grifos dos autores).

Os autores afirmam que o partilhamento entre os movimentos sociais e os diferentes âmbitos possibilita que estes atores coletivos, além de tematizar as problemáticas sociais, generalizem os seus argumentos, a partir de uma cultura que seja comum a todos, para que façam com que os demais atores compreendam as suas reivindicações. Maia e Mendonça (2008, p.133 – grifos dos autores) destacam que “[...] os fluxos discursivos que perpassam um movimento social – e que ocorrem em diferentes *âmbitos interacionais* – se cruzam e embasam a própria configuração desse ator”, ou seja, a própria dinâmica dos movimentos sociais é atravessada pelas relações que se estabelecem a partir das interações postas.

Ainda segundo os autores, tais relações permitem uma reapropriação dos sujeitos que reveem as suas perspectivas, o que reflete na sua participação nos movimentos sociais. Próxima a esta ideia, Gohn (2003) afirma que os movimentos sociais são,

[...] ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.), até as pressões indiretas (GOHN, 2003, p. 13).

Os movimentos sociais possuem objetivos determinados que procuram soluções para dadas problemáticas sociais e, para tanto, necessitam mobilizar os indivíduos para atuarem em sua causa coletivamente. A sociedade pode, através destes movimentos, desempenhar o seu papel de cidadania e democracia na busca por seus direitos de vida digna, bem como no exercício de seus deveres em sua condição de sujeitos ativos na busca de melhorias. Além disso, em consonância com Gohn (2003, p. 15), os movimentos sociais, “ao realizarem estas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social”. De forma geral, os movimentos sociais desenvolvem diferentes estratégias para chamar os indivíduos a participar de suas ações na condição de atores fundamentais neste processo.

Nesse sentido, ainda segundo a autora, os movimentos atuam como “forças sociais organizadas” (2003, p. 13) que mobilizam os indivíduos, de forma que “energias sociais antes

dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas [...]” (GOHN, 2003, p. 14). Isso faz com que, de acordo com os objetivos e os valores do movimento, os indivíduos sejam reunidos com o intuito de maximizar soluções em prol da melhoria da vida social. De acordo com esse pensamento, que caracteriza os movimentos sociais como atores que organizam ações coletivas a favor da melhoria social, Quevedo enuncia que

[...] o Movimento Social é um fenômeno coletivo com organização estruturada e identificada, com finalidade específica de arrematar um certo número de pessoas, que decidem coletivamente mudar, alterar uma situação de injustiça social, propugnando por uma sociedade mais justa, com maior inclusão social, ou seja, uma sociedade para todos. Em síntese, os grupos sociais, num dado momento, tratam de reordenar o cotidiano, transformando-o (QUEVEDO, 2007, p. 29).

Touraine (1978) trata de determinados princípios que envolvem os movimentos sociais que, em conformidade com o autor, se configuram como uma forma de conduta coletiva, além das condutas de crises organizacionais, das tensões institucionais e dos protestos modernizadores. Os movimentos são, para ele, “a transformação do conflito social em luta contra o poder estabelecido” (TOURAINÉ, 1978, p. 335).

Touraine (1978), ademais, assinala que os movimentos, que lutam contra um adversário explícito a favor da mudança social e, para tanto, mobilizam os indivíduos, possuem características naturais como: identidade, oposição e totalidade. O princípio de identidade, para Touraine (1978), dá-se pela formação e pela definição do ator por ele próprio.

Acrescente-se, em continuidade, que existem os princípios de oposição e totalidade. O primeiro caracteriza-se como a contrariedade a um determinado adversário, ou seja, o seu contramovimento, segundo Touraine (1978). Para o autor, “[...] só se pode falar de princípio de oposição se o ator se sente confrontado com uma força social” (TOURAINÉ, 1978, p. 346). Já o princípio de totalidade situa o campo em que o movimento social atua ou, conforme Touraine (1978, p. 347 – grifos do autor), “o princípio de totalidade nada mais é que o *sistema de ação histórica* cujos adversários, situados na dupla dialética das classes sociais, disputam entre si a dominação”.

Para o autor, o campo de ação histórica é bastante importante para que se definam as bases do movimento, assim como para o conhecimento do contexto em que ele está inserido. Touraine (1978) assevera que o movimento não “fala” somente em nome do presente, mas que traz consigo problematizações passadas e soluções futuras, uma vez que se trata de um ator do campo da ação histórica que conduz, em sua composição, um contexto histórico.

Outro ponto significativo abordado por Touraine (1978) é a questão da alienação. O autor pondera que a alienação não ocorre quando há a formação de movimentos sociais, ao contrário, a apatia dos indivíduos quanto às questões relevantes à sociedade não se aplica em tal contexto. Pode-se, no caso, asseverar que esta consideração de Touraine (1978) afirma-se quando os indivíduos, inseridos nos movimentos sociais, buscam exercer os seus direitos e os seus deveres de cidadãos.

O cidadão, conforme declara César (2007), é o indivíduo que, no seu cotidiano, desenvolve ações que transformam a sua realidade. Trata-se, pois, para o autor, de um indivíduo coletivizado que “traz embutido o conceito da cidadania, pois se comporta como um sujeito social comprometido e articulado na formação/transformação da realidade” (2007, p. 82).

A cidadania pode ser concebida tanto como um direito quanto como um dever do cidadão, porque à medida que possibilita a luta pela conquista de direitos sociais, oportuniza que os direitos sejam compartilhados pelos demais indivíduos. Para Kunsch (2007), é papel da sociedade civil “influenciar a mudança do *stato quo*, do poder do Estado e do mercado, para atender às demandas das necessidades emergentes locais, regionais e globais” (2007, p. 60).

A democracia, por sua vez, também é um valor importante que tangencia os movimentos sociais. Além disso, está interligada com o exercício da cidadania pela sociedade civil (TOURAINÉ apud SCHMIDT, 2007). Para Henriques (2004, p. 62), a “democracia é uma ordem social ‘autofundada’ [...]”, em que os cidadãos envolvidos com a liberdade do seu exercício democrático são aqueles que, posteriormente, também a utilizarão.

A relevância dos movimentos sociais não se restringe à práxis da cidadania e da democracia, tampouco à tentativa de minimizar os problemas sociais. Eles colocam em discussão assuntos essenciais à sociedade que, muitas vezes, não são pautados pelos meios de comunicação. Os movimentos sociais, por seu turno, conseguem pautá-los ao desenvolver estratégias que lhes deem visibilidade e, dessa forma, recolocam estes assuntos em discussão na esfera pública. Em consonância com Habermas<sup>4</sup> (2003, p. 99), os movimentos sociais “captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas, condensam-nos e os transmitem, a seguir, para a esfera pública política”. Estes atores são sensíveis aos problemas sociais e, por meio de função política e social, levam as suas reivindicações até as instâncias detentoras do poder.

---

<sup>4</sup> No livro *Direito e democracia: entre facticidade e validade*, Habermas revê as suas considerações sobre a esfera pública e repensa o papel dos movimentos sociais no contexto social.

Para Alvarez et al. (apud QUEVEDO, 2007, p. 30), os movimentos sociais “criaram espaços públicos plurais, informais e descontínuos, onde pode ocorrer o reconhecimento dos outros como portadores de direito”. Assim, pode-se asseverar que estes movimentos desconfiguram a ideia inicial de esfera pública (HABERMAS, 2003b), em que este espaço era restrito a determinadas pessoas e delimitado como um lugar em seu sentido físico. A esfera pública delinea-se, atualmente, como um espaço de discussão aberto com direito de voz a todos. Ainda, conforme Quevedo,

[...] os movimentos sociais foram/são/serão imprescindíveis à construção, aprofundamento e maturação da democracia (liberdade, igualdade, fraternidade, solidariedade), a partir das lutas pelos espaços, a criação de novos espaços, que se tornam arenas de discussão (QUEVEDO, 2007, p. 30).

Mais do que a ruptura do espaço físico em que se dava a esfera pública, no conceito habermasiano, os movimentos sociais possibilitaram a discutibilidade ampliada dos assuntos sociais. A discutibilidade crítico-argumentativa proposta pelos movimentos sociais baseia-se na circularidade de ideias que, assim como Quevedo (2007) afirma, cria espaços de debates.

A circularidade de ideias promove a discutibilidade de assuntos relevantes à sociedade civil, assim como elege as temáticas que merecem ser pautadas e excluem as de menor importância. De acordo com esta decisão, os movimentos partem, pois, para a elaboração de suas estratégias, as quais são pensadas com a finalidade de fazer com que o movimento chegue até os centros decisórios de poder para, dessa maneira, buscar respostas e soluções para os problemas que foram escolhidos como seus escopos de trabalho. De acordo com esta ideia, Mafra (2008) expressa que a função dos movimentos sociais

[...] é promover um debate na esfera pública, para que possam ser criados fluxos comunicativos que consigam chegar até as instâncias formais de deliberação. Assim, caracterizamos o **processo argumentativo** voltado a um âmbito político-legal por meio de um processo gerado por **racionalidade argumentativa** e **pressão da opinião pública** (MAFRA, 2008, p. 172 – grifos do autor).

O debate argumentativo-racional gerado pela circularidade de ideias proposto pelos movimentos sociais atinge a opinião pública, porque põe em movimento os assuntos de interesse social. Estes fluxos comunicativos, através de seus debates crítico-argumentativos, tensionam os poderes estabelecidos a fim de afetar as deliberações públicas.

De acordo com Downing (2002), a esfera pública não se caracteriza pelo ambiente físico, mas, ao contrário, está na conversa, na troca de informação e no debate entre diferentes

níveis. Por isso, o estudioso considera que os movimentos sociais são matrizes para a esfera pública, fenômeno que ele denomina como esfera pública alternativa (DOWNING, 2002).

Da teoria de Habermas (2003), acredita-se ser importante recuperar o modelo de circulação do poder político. Este modelo refere-se a uma estrutura política e social e à circulação do poder político entre tais instâncias, ou seja, entre anéis porosos do centro e da periferia que se movimentam e se influenciam. No modelo de circulação do poder político, o centro seria formado por instituições formais, responsáveis pelas decisões; a seguir, estariam as instituições ligadas ao governo e, no nível mais periférico, encontrar-se-iam as instituições, como as associações e os movimentos sociais.

Marques (2008) considera alguns aspectos negativos neste modelo e, dentre eles, cita a separação entre os anéis e a função de assessoramento da sociedade civil, que é entendida como uma espécie de apoio ao centro decisório, ao estar mais próxima dos problemas sociais. A autora afirma que o anel periférico, embora não tenha poder decisório, pode dar sugestões alternativas aos problemas, bem como informações fundamentais a respeito do cenário proposto por estar em contato constante com a realidade dada. Assim compreendida, a sociedade faz sugestões, mas não tem poder de mudança. Dessa forma, compreende-se que a esfera pública alternativa pode influenciar as decisões tomadas pela esfera pública dominante.

De forma adjacente a esta ideia de Marques (2008), que considera os movimentos sociais como personagens ativos no jogo social, pode-se postular ainda que os movimentos sociais são basilares representantes das minorias que, embora representem quantitativamente inexpressividade, qualitativamente interferem no processo democrático, pois dão voz ativa aos atores sociais fazendo com que influenciem os centros de poder. Sob tal perspectiva, Sodré (2005) destaca que a transformação é a força que move as minorias. A mesma ideia é corroborada por Deleuze e Guatarri (apud SODRÉ, 2005) quando afirmam que a transformação é o dever das minorias.

Para Barbalho (2005), as minorias exigem do Estado o reconhecimento de suas singularidades. Sob tal ótica, pode-se depreender que as minorias lutam para que a sua causa seja entendida e tomada pelos poderes hegemônicos a fim de que os seus problemas tenham olhares atentos para a sua solução. A ideia de Barbalho (2005) pode ser aproximada à de Sodré (2005), quando ele menciona que as minorias buscam o poder de fala e, assim, pode-se inferir que, dessa forma, almejam o reconhecimento do Estado.

Sodré (2005, p. 12) pontua que as minorias são “um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro de uma luta contra-hegemônica”. Desse modo, as minorias ocupam lugares simbólicos no centro decisório do sistema sociopolítico a fim de

transformar as realidades postas. O autor enumera quatro características que se referem às minorias: vulnerabilidade jurídico-social, que alude à sua fragilidade em ser legítimo perante o sistema institucional; identidade *in statu nascendi*, ou seja, a entidade está sempre em construção, mesmo que o grupo já exista há bastante tempo, ele alimenta-se de suas novas apropriações; luta contra-hegemônica, em que as minorias almejam a diminuição do poder hegemônico e mobilizam-se para tal; e, finalmente, estratégias discursivas, que correspondem às estratégias de discurso e às ações das minorias, pelas quais se apresentam e dão visibilidade às suas reivindicações.

A minoria desencadeia discussões porque, conforme Sodré (2005, p. 14), é a “recusa do consentimento, é uma voz de dissenso” contra os poderes hegemônicos instituídos. Dessa forma, necessita levar as suas reivindicações até os meios de comunicação para, como decorrência, dialogar com os atores sociais sobre o assunto. Mas pode haver o silenciamento das minorias pelos meios de comunicação de massa por não darem espaço a vozes discordantes, já que eles também se configuram como hegemônias e, muitas vezes, podem sofrer com as problematizações criadas pelos atores minoritários.

No entanto, Paiva (2005) registra que a mídia é o principal mediador social, ao mesmo tempo em que regula as relações sociais, corroborando o que é proferido por Barbalho (2005) ao afirmar que as minorias necessitam estar visíveis na mídia. Esse fluxo de aparecimento ou ocultamento promovido pelas ações das minorias é denominado, por Paiva (2005), como minoria flutuante, ou seja, a busca desses atores por ações que os coloquem como pauta ou não nos meios de comunicação.

A procura pelo poder de fala das minorias proposta por Sodré (2005) é ratificada por Barbalho (2005, p. 36) ao consignar que a mídia é a instituição que “detém o maior poder de dar voz, de fazer existir socialmente os discursos”. Assim sendo, faz-se possível entender que os meios de comunicação são instituições legitimadas em que deve haver o espaço de discussão social, existindo, necessariamente, o acesso democrático às minorias (BARBALHO, 2005).

Outra visão que merece destaque a respeito dos movimentos sociais é trazida por Scherer-Warren (2011), que trata de uma nova configuração destes movimentos a partir de sua atuação em rede. Scherer-Warren (2011) percebe uma nova forma de organização dos movimentos sociais, os chamados Novos Movimentos Sociais (NMS), que se constituem em rede, sendo que esta se estabelece a serviço dos movimentos.

De acordo com Scherer-Warren (2011), os movimentos transformaram os seus contornos. Em meados do século XX até o início dos anos de 1970, predominavam as lutas de

classe. Nos anos 70, a luta afunilou-se e passou de um nível macro para outro, micro, dado que caracterizou as lutas nacional-populares. O terceiro momento, na década seguinte, foi marcado pelos movimentos de base – *grassroots*. Naquele período, os movimentos sociais representaram uma nova estrutura de pensamento:

A categoria de sujeito popular, para uns, e de ator social, para outros, passa a substituir a categoria classe social, bem como a de movimento popular e/ou de movimento social substitui a de luta de classe, significando que, em lugar da tomada revolucionária do poder, poder-se-ia pensar em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos atores envolvidos (SCHERER-WARREN, 2011, p. 17).

Percebe-se que há uma alteração na forma de analisar o processo de mudança social que se faz através dos movimentos sociais. Aqui, estes atores são agentes transformadores a partir de premissas que envolvem os sujeitos em seu cotidiano. A transformação não parte, somente, de lutas, mas de mudanças socioculturais, o que faz da transformação algo mais arraigado e não fortuito.

A partir deste entendimento sobre os movimentos sociais, Scherer-Warren (2011) afirma que tais atores, de maneira análoga, modificam a sua forma de ação. Nos anos 90, os movimentos passaram a atuar de forma articulada, em redes de movimentos – *networks*. Segundo a autora, a visão não pode estar centrada em cada organização de forma fragmentada. Ao contrário, a visão holística permite o trabalho sistematizado entre as instituições.

Além destas perspectivas, Scherer-Warren (2011) anota que as redes de movimentos empregam os meios de comunicação para auxiliar em sua estruturação. Outras características também ajudam na identificação destas redes, como a atuação entre diversos movimentos, com perspectivas diversificadas, em diferentes locais, a fim de ampliar o seu poder institucional e de ação. Em suma, toda esta configuração que permeia as redes de movimento, além de, segundo Scherer-Warren (2011), atuar na transformação em nível simbólico, exerce pressão política e cultural, buscando influenciar a opinião pública.

Os movimentos sociais, em sua condição de ações coletivas que objetivam a transformação social, desejam influenciar os centros decisórios de poder através de estratégias que pautem os seus discursos. Através da circularidade de ideias que possibilita a discutibilidade, os movimentos sociais influenciam a esfera pública. Ainda assim, estas minorias necessitam dar visibilidade aos seus escopos. Embora estes atores já tenham

atentado para um processo de reconfiguração estrutural, através da sua atuação em rede, os movimentos sociais necessitam chegar até os meios de comunicação para ganhar visibilidade.

De modo que os movimentos sociais consigam atingir os seus objetivos é necessário que eles estejam presentes nos meios de comunicação, visto que os referidos meios geram visibilidade aos movimentos sociais por seu poder hegemônico, mas os movimentos, muitas vezes, não conseguem penetrar nesses suportes e, se isso acontece, sofrem algumas distorções por filtros devido às linhas midiáticas e econômicas dos suportes (MORAES, 2001). Diante da situação, os movimentos tangenciam por caminhos institucionalizados ou mesmo por outros que não reprimam os seus horizontes éticos ao buscar envolver mais pessoas em seus objetivos, assim sendo, o processo de mobilização social torna-se essencial.

## 2.2 A MOBILIZAÇÃO SOCIAL COMO PRINCÍPIO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A mobilização social é considerada como uma função intrínseca aos movimentos sociais, haja vista que eles necessitam envolver indivíduos que, comprometidos com a causa, auxiliem na busca pelos objetivos propostos. Somente a discussão dos problemas sociais não basta, é preciso que a sociedade engaje-se nos projetos propostos pelos movimentos, de tal forma que a mobilização social é fundamental nesse sentido. Peruzzo (apud HENRIQUES, 2004, p. 17) denomina esta participação dos cidadãos como uma forma de “despertar” para os problemas que assolam a sociedade civil.

Na concepção de Toro e Werneck (2004), a mobilização perpassa dois momentos. O primeiro seria despertar a sociedade para uma consciência de transformação social, enquanto o segundo momento seria transformar a consciência em pauta fazendo-a ação. A veiculação de informações adquire significação, pois alerta a sociedade para os problemas que a circundam. A partir daí, a decisão é individual e isso dependerá dos valores de fatalismo ou de responsabilidade social. Os dois processos que se desencadeiam a partir da mobilização, a consciência transformadora e a participação, mostram que a sociedade civil pode tornar-se partícipe do processo de mudança social.

A participação social no processo de mobilização evidencia que os valores de democracia e cidadania estão latentes nos indivíduos e que eles não são apáticos aos problemas sociais. Segundo Toro e Werneck (2004), a ordem social é criada e mantida pelos indivíduos, por isso, a sua participação atinge diretamente este cenário. O Estado possui funções específicas em relação à ordem social, mas isso não isenta a autonomia de agir dos

cidadãos, do mesmo modo que também não desobriga o Estado a viabilizar soluções para os problemas sociais.

A entrada dos indivíduos no processo em comento, além de ser uma questão axiológica, tem bases racionais, haja vista que a mobilização, para Toro e Werneck (2004), possui objetivos esclarecidos e propósitos futuros que beneficiam a sociedade. Desse modo, os cidadãos precisam estar cientes de sua função social, tanto racional, quanto valorosamente, afinal, eles estarão comprometendo-se com os objetivos do processo, bem como com a melhoria da sociedade.

O processo de mobilização social, segundo Henriques (2004), não é excludente. Ao contrário, ele acolhe diferentes identidades para compor as suas bases, sendo que a decisão de participar ou não depende exclusivamente dos cidadãos, que têm a liberdade de ponderar a sua resolução de acordo com os seus valores, com a sua visão em sua condição de atores na transformação do cenário social (TORO e WERNECK, 2004).

A apatia do cidadão quanto aos problemas sociais não transforma o contexto posto, ao mesmo tempo em que repassa a responsabilidade ao outro para modificá-lo, o que caracteriza o fatalismo e a desesperança (TORO e WERNECK, 2004). Ao revés, segundo os autores em questão, quando a sociedade percebe a sua importância na constituição da ordem social, ela possui uma capacidade de autofundação, ela é capaz de participar de ações para que se construa uma ordem social de acordo com as necessidades dos indivíduos. A conscientização dos indivíduos é uma premissa básica para a mobilização social. Porém, o processo mobilizatório deve dar suportes para este engajamento.

O processo de mobilização social, conforme Toro e Werneck (2004, p.13), “ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos”. No entanto, eles admitem que o processo mobilizatório deve ser iniciado por uma pessoa, por um grupo ou por uma instituição que dê subsídios para a sua efetivação. Este ator personifica-se no papel do produtor social, ou seja, aquele que cria condições para que a mobilização, de fato, desenvolva-se. Além de criar condições para o desenvolvimento da mobilização, o produtor social deve conhecer a realidade posta a fim de criar soluções para alterar o cenário. Os autores ainda afirmam que, para o desenvolvimento da mobilização, é necessária a convocação de vontades de indivíduos que possam comprometer-se com os resultados pretendidos pelo grupo, ou seja, o seu horizonte ético. Para os dois estudiosos,

Esse propósito deverá estar expresso sob a forma de **um horizonte atrativo, um imaginário 'convocante'** que sintetize de uma forma atraente e válida os grandes objetivos que se busca alcançar. Deve expressar o sentido e a finalidade da mobilização, tocar a emoção das pessoas. Não deve ser só racional, mas ser capaz de despertar a paixão (TORO e WERNECK, 2004, p. 37 – grifos dos autores).

A mobilização precisa de objetivos esclarecedores e que possuam valores atraentes para conseguir aproximar os indivíduos. Estes objetivos, além de inteligíveis e exequíveis, devem também sensibilizar sentimentalmente os indivíduos, posto que a sua participação não apresenta ganhos palpáveis pessoais, mas o são para o grupo.

Mafra (2008, p. 23) salienta que os “movimentos sociais tentam colocar publicamente suas questões para a sociedade, de forma a negociar entendimentos coletivos e obter apoio e participação dos sujeitos”. Para tanto, o autor percebe a mobilização social, característica eminente de uma sociedade de Estado de Direito<sup>5</sup>, a partir de três premissas fundamentais: o espetáculo<sup>6</sup>, a festa e a argumentação. O estudioso entende que a argumentação que sustenta o debate deve ser racional, mas que aspectos espetaculares e festivos podem dar suporte às deliberações públicas que, segundo o autor, tanto significam a tomada de decisão, como a discussão baseada em argumentos racionais. Mafra (2008) observa que estas ações tematizam e justificam as ações dos movimentos sociais em busca da mobilização social. Para tanto, é necessário que tais ações sejam construídas a partir de argumentos que justifiquem as práticas e que, posteriormente, deem subsídios para o debate público.

A dimensão espetacular gera audiência; a festiva, participantes; e a argumentativa, interlocutores. As três dimensões possuem características, a saber: os elementos da dimensão espetacular possuem a instalação do âmbito extraordinário e a constituição da cena e dos espectadores, ou seja, o caráter dramático. Os elementos da dimensão festiva são compostos pela construção da cerimônia e do divertimento, enquanto os elementos da dimensão argumentativa possuem componentes relacionados à constatação e à denúncia, à possibilidade de modificação e à proposição de soluções (MAFRA, 2008). Todos estes elementos e seus respectivos componentes são construídos para que promovam visibilidade às ações dos movimentos sociais e agreguem argumentos ao repertório dos indivíduos para que eles, além de se mobilizarem, sejam interlocutores a favor da causa defendida pelo

---

<sup>5</sup> Mafra (2008) afirma que, na condição de Estado de Direito, sem tentar ir contra o Estado, a sociedade mobilizada participa de um debate público ao buscar o entendimento através de aspectos relacionais de comunicação.

<sup>6</sup> Para Mafra (2008), o espetáculo não é uma forma alienadora e negativa.

movimento na esfera pública. Para Mafra (2008), as deliberações não são unicamente fomentadas pelas argumentações que norteiam os movimentos. Dessa forma, as ações espetaculares ajudam a dar visibilidade a estes aspectos já que ela é uma forma lúdica de fazer com que os indivíduos sejam simpáticos à causa. Assevera-se, assim, que os aspectos espetaculares, festivos e argumentativos são complementares para a mobilização social.

Resumidamente, pode-se considerar, de acordo com Mafra (2008), que as dimensões da comunicação estratégica para a mobilização social possuem características específicas e complementares. A dimensão espetacular objetiva sair do comum para chamar a atenção dos indivíduos; enquanto isso, a dimensão festiva, por meio do lúdico, permite que os indivíduos participem das atividades *in loco*. Já a dimensão argumentativa proporciona a oferta pública de argumentos para que os indivíduos incorporem estas informações e sustentem debates na esfera pública.

O desafio da dimensão espetacular é fazer com que a audiência possa transformar-se em participantes e/ou interlocutores do processo de mobilização. A dimensão festiva reforça o vínculo entre os indivíduos em um ambiente co-presencial e participativo e a dimensão argumentativa, por sua vez, busca os seus interlocutores por meio da informação qualificada que dá sustentação aos debates. Para entender melhor as dimensões analisadas por Mafra (2008), segue um quadro explicativo:

	Espectacular	Festiva	Argumentativa
Características	Criação de um âmbito extraordinário, encenação e tentativa de visibilidade pública	Reforça os vínculos dos sujeitos, permite um envolvimento “corpóreo”; cerimônia, divertimento e partilhamento de um sentimento simbólico coletivo	Elementos para justificar a ação; estímulo ao debate e à interlocução
Principal atributo	Capturar a atenção	Envolver sentimental e afetivamente	Mobilizar racionalidade
Público	Público como audiência	Público como participante	Público como interlocutor
Modalidade de participação comunicativa	Contemplação	Convivialidade	Diálogo

Quadro 1 – Quadro analítico-comparativo das dimensões das estratégias de comunicação para Mobilização Social

Fonte: MAFRA, 2008, p. 81.

Toro e Werneck (2004) alertam para que a mobilização não seja confundida com eventos, campanhas ou ações esparsas, embora utilizem estas estratégias de visibilidade, elas são efêmeras e acontecem para chamar momentaneamente a atenção das pessoas. As ações de mobilização precisam ser pensadas estrategicamente de acordo com os objetivos propostos pelo movimento. Além disso, os autores relembram que, para que o processo de mobilização ocorra, as pessoas não precisam dividir o mesmo espaço físico, tendo em vista que os indivíduos podem atuar em seu campo, desde que orientados por objetivos maiores e institucionalizados.

No processo de mobilização, a comunicação torna-se indispensável como ator que articula esse jogo social, uma vez que ela é responsável por, segundo Henriques (2004), originar e conservar os vínculos entre o processo de mobilização e os indivíduos, bem como torná-los corresponsáveis pelo sucesso das ações. Este nível de envolvimento dos indivíduos é obtido através do seu entendimento, como atores no processo de mobilização, para o devir coletivo.

A comunicação está ligada à mobilização social porque há a partilha de sentidos na ação. Toro e Werneck (2004, p. 14) esclarecem que a comunicação é um “processo de compartilhamento de discurso, visões e informações”. O conteúdo da comunicação deve abranger estes aspectos, em seu viés relacional, a fim de comunicar os indivíduos. Mas ela é também pensada de forma estratégica, devendo preocupar-se em gerar vínculos relacionais entre os cidadãos e a mobilização. Mafra (2008) entende a mobilização social a partir do aspecto relacional da comunicação, ou seja, a comunicação como ator estratégico que faz circular os discursos e põe os sujeitos em relação de participação nos processos mobilizatórios.

Para que a comunicação exerça o seu papel, Henriques (2004) pontua algumas funções que devem ser cumpridas, de forma articulada. Dentre elas, estão a difusão de informações, ao dar publicização e visibilidade à causa defendida, bem como a possibilidade da formação de opiniões sobre o movimento; a promoção da coletivização, assegurada pela convicção da atuação de um conjunto de atores envolvidos com a causa; o registro da memória do movimento, para que as suas ações não sejam desarticuladas e sem propósitos; e o fornecimento de elementos de identificação com a mobilização, a construção da identidade do movimento a partir de premissas como os seus valores, os símbolos, entre outros.

Para Henriques (2004), a comunicação ainda possui caráter dialógico, libertador e educativo. Nesse sentido, a comunicação é dialógica, no momento em que os sujeitos encontram-se para construir saberes. Além disso, a comunicação apresenta característica libertadora, pois “tenta, com o outro, problematizar um conhecimento sobre uma realidade concreta, para melhor compreender esta realidade, explicá-la e transformá-la” (HENRIQUES, 2004, p. 27). Ainda, para o autor, a comunicação é pedagógica, porque ela reconstrói o repertório dos indivíduos por meio de suas interações.

A comunicação gera uma lógica relacional dentro do processo de mobilização, no momento em que disponibiliza informações e desempenha um papel vinculativo entre os movimentos e os indivíduos. Assim concebida, Henriques (2004) desenvolve uma lógica que parte da localização dos públicos envolvidos com a mobilização até a sua participação institucional no processo, ou seja, o autor entende que há um processo que relaciona os indivíduos e os movimentos sociais desde a localização espacial destas pessoas “atendidas” pela mobilização até o seu envolvimento efetivo no movimento. Para tanto, é necessário que o vínculo seja fortalecido através da comunicação entre eles, possibilitando que os indivíduos passem de beneficiados para agentes da mobilização através da participação institucional.

A comunicação também se torna fundamental quando dá o sentido de coletivização ao grupo. Este sentimento caracteriza a forma de pertencimento das pessoas que atuam em seu campo. As informações sobre os resultados das ações de todo o grupo reafirmam a importância das ações pessoais e tornam os indivíduos agentes na busca dos objetivos.

Além disso, Toro e Werneck (2004) enfatizam que a comunicação tem outra significativa colaboração dentro do processo de mobilização social, isto é, ampliar as bases do processo, tendo em vista que a comunicação mobiliza mais pessoas e, em decorrência, o movimento vai ganhando pluralidade de identidades, bem como de ideias, de forma a enriquecer o processo.

Henriques (2004) repensa a questão da denominação dos públicos envolvidos com o projeto de mobilização e percebe que as categorias tradicionais de público interno, externo e misto não se adequam a este contexto. Dessa forma, o autor cria categorias de acordo com a formação de vínculos, por meio do nível de informação e da incorporação de valores entre os indivíduos e o projeto. As categorias criadas por Henriques (2004) são os beneficiados, os legitimadores e os geradores.

O público beneficiado é aquele afetado diretamente pelas ações desenvolvidas, enquanto os legitimadores, além de estarem neste âmbito espacial e beneficiarem-se com as ações, julgam-nas por possuírem informações para tal, sendo que podem tornar-se colaboradores do processo. Por seu turno, os geradores agregam todas as características anteriores, mas também desenvolvem ações contidas no projeto de mobilização social.

Além da comunicação, Henriques (2004) considera basilar a construção de fatores que identifiquem o processo de mobilização social. Os fatores de publicização e coletivização, denominados pelo autor, relacionam-se com a identidade visual do processo de mobilização e estão interligados à dimensão estética que trazem a beleza da composição dos elementos de sua identificação. Além disso, relacionam-se com a coesão do projeto.

Os fatores litúrgicos, por sua vez, colaboram com a continuidade da mobilização, são aqueles que envolvem os rituais e os valores que permeiam a mobilização. Estes fatores ligam-se à dimensão ética, ou seja, em que as crenças e os valores são compartilhados pelo grupo. O último fator, a ser considerado, é o de informação qualificada que produz subsídios, além daqueles capazes de informar. Estas informações trazem mais do que o conhecimento sobre o projeto, buscam mudar atitudes que vão ao encontro dos objetivos propostos. A este fator está relacionada a dimensão técnica, a práxis da mobilização social, bem como o sentimento de corresponsabilidade de seus participantes.

Para mobilizar os indivíduos e também para conseguir que os movimentos sociais alcancem os seus objetivos, é imperativo que tais movimentos, além de fazerem circular informações, estejam visíveis na mídia. Desse modo, eles desenvolvem estratégias que os destaquem na cena midiática para que influenciem a opinião pública e, conseqüentemente, a agenda política. Para tanto, os movimentos sociais organizam, além das ações de mobilização social, outras atividades – as ações ativistas, com esta finalidade.

### 2.3 O ATIVISMO COMO ESTRATÉGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais para alcançarem os seus objetivos devem difundir informações a fim de mobilizar os cidadãos. Mas existe outra instância que é essencial na concretização destes objetivos, os meios de comunicação. Eles são instâncias mediadoras da sociedade e legitimadora de seus assuntos. Conforme anota Fernandes (apud HENRIQUES, 2004, p. 18-19), os meios de comunicação dão “visibilidade ampliada das disputas e controvérsias existentes na vida social e se torna central para a divulgação das produções simbólicas que acontecem nos diversos campos sociais”.

Na atual sociedade midiaticizada<sup>7</sup>, os movimentos sociais precisam lutar por visibilidade para que consigam ampliar as suas bases de atuação, conquistar novas adesões e gerar discutibilidade na esfera pública. Para Henriques:

Os *media* adentraram o cenário das reivindicações sociais, alterando a maneira como os movimentos se apresentam, em decorrência das novas possibilidades de transmissão de informações, imagens e conhecimentos [...]. Os movimentos sociais, diante desse espaço mediatizado, procuraram transformar as lutas por reconhecimento em lutas por *visibilidade* (HENRIQUES, 2004, p.18 – grifos do autor).

A visibilidade é uma premissa fundamental para que os movimentos sociais possam dar notoriedade às suas causas. Para tanto, os movimentos buscam diferentes estratégias com este intuito, sendo que o ativismo caracteriza-se como uma delas. No momento em que os movimentos sociais desenvolvem ações, baseadas em seus objetivos, podem pautar a mídia com as suas reivindicações, o que se faz conveniente também para o processo de mobilização

---

<sup>7</sup> De acordo com Neto (2006), a sociedade midiaticizada é fruto do contexto da mediatização que moldou novos contornos à sociedade atual, que cria seus laços interacionais por meio da sociotécnica. Assim, o autor afirma que passamos de uma sociedade midiática, em que os meios de comunicação caracterizavam-se como meros suportes, para uma sociedade mediatizada, em que os meios são entendidos como atores que engendram complexidades e fluxos. Neto (2006) ainda anota que a sociedade mediatizada cria modos de organização sociais específicos.

social, haja vista que, ao estarem visíveis na mídia, tais movimentos conseguem mobilizar um número maior de adeptos, bem como despertar o sentimento de coletivização daqueles indivíduos que já participam do referido movimento.

Thompson (1998) acredita que a nova forma de mediação através dos meios de comunicação e a transformação da visibilidade fizeram com que o poder pudesse ser disseminado entre diferentes grupos, o que se reflete na forma de atuação dos movimentos sociais, que buscam alcançar esta visibilidade e influenciar os centros decisórios de poder. A mídia desenvolve, de forma análoga, um papel fundamental na mediação da ordem social (THOMPSON, 1998) e, dessa forma, os movimentos sociais precisam estar presentes nos meios de comunicação para que os seus objetivos e as suas reivindicações sejam reconhecidos e possam ser debatidos no espaço público. Henriques escreve:

Antes do desenvolvimento da mídia, a interação entre os indivíduos ocorria em contextos de co-presença, de forma que a visibilidade dependia da partilha de um lugar comum. A esfera pública dificilmente se estendia para além das interações face-a-face. Com o advento da imprensa, e posteriormente da mídia eletrônica, desenvolveu-se um novo contexto de interação através da publicidade mediada – um espaço não localizado espacial e temporalmente (HENRIQUES, 2004, p. 71).

A possibilidade dos assuntos de interesse social serem desvinculados dos seus espaços de acontecimento e transpostos para outros contextos é relevante de modo que dá visibilidade ampliada à causa dos movimentos sociais. No momento em que os meios de comunicação são pautados pelos movimentos sociais, por meio de suas ações, elas circularão pela esfera pública, mobilizando mais indivíduos em nome da causa, quiçá, interferindo nas políticas públicas governamentais.

Um problema social, de acordo com Henriques (2010), precisa ser coletivizado, ou seja, precisa tornar-se público através da comunicação. Assim, além da visibilidade, estes problemas necessitam ter amplitude através dos meios de comunicação para desencadear uma mobilização. Ainda segundo as considerações do autor, a comunicação em um contexto presencial e direto não responde às necessidades atuais da coletivização, de modo que é preciso “cada vez mais de uma visibilidade *mediada*” (HENRIQUES, 2010, p. 94 – grifos do autor). Os *media* possibilitam a discussão desterritorializada e abrangente das temáticas sociais e a sua coletivização por parte dos indivíduos que compartilham dos mesmos valores.

Para Henriques:

Os movimentos sociais ficaram mais evidentes a partir de um novo elemento no panorama do século XX: o desenvolvimento dos *media*. Estes adentraram o cenário

das reivindicações sociais, alterando a maneira como os movimentos se apresentavam, a partir de novas possibilidades de transmissão de informações, imagens e conhecimentos, transformando sua configuração e a dinâmica da mobilização (HENRIQUES, 2004, p. 61).

Além de transformar a forma de apresentação dos movimentos sociais, os meios de comunicação são relevantes no momento em que lhes dão visibilidade, porque, segundo Thompson (1998), fazem com que os movimentos consigam tornar os problemas sociais públicos e, ao mesmo tempo, mobilizar os indivíduos para ações desenvolvidas pelos referidos movimentos. Embora, os *media* possuam filtros midiáticos que enquadram os seus assuntos, não se pode deixar de frisar que eles possuem lógicas próprias de um campo social autônomo que gera amplitude das temáticas abordadas.

Mafera (2008, p. 28) assevera que os movimentos sociais “têm empregado esforços para que seus temas ganhem espaço na agenda midiática e sejam ‘dados a ver’ para um maior número de sujeitos”. Para ele, a mídia, além de gerar visibilidade, dá existência às temáticas sociais a uma grande audiência, provocando a discutibilidade, bem como as condições necessárias para a deliberação pública. O autor já citado percebe que a mobilização, ainda que necessite de uma razão argumentativa, possui elementos festivos e espetaculares, assim como as estratégias ativistas, para embasar as deliberações públicas. São as dimensões espetaculares, juntamente com a fundamentação argumentativa, que farão com que os seus espectadores e simpatizantes transformem-se em interlocutores sociais das temáticas defendidas pelo movimento. Nesse sentido, o estar visível tem grande relevância.

Mafera (2008) agrega que os movimentos não devem racionalizar totalmente as suas ações, por isso, desenvolvem ações espetaculares para dar visibilidade à sua causa, sendo que estas visam a transformar a audiência em interlocutores do processo de mobilização em uma dinâmica vinculativa e contínua. Ademais, o autor não percebe o ato de espetacularização como um fator negativo nas estratégias dos movimentos sociais, ao contrário, concebe-os como complementares aos demais atos festivos e argumentativos.

Para que os movimentos sejam pautados por meios de comunicação é indispensável que tais movimentos desenvolvam estratégias para serem reconhecidos. Henriques (2004, p. 18) justifica a luta por visibilidade “em função da necessidade de que as reivindicações e preocupações dos indivíduos tenham um reconhecimento público, servindo de apelo à mobilização dos que não compartilham o mesmo contexto espaço/temporal”. Entende-se, dessa forma, os meios de comunicação como atores privilegiados em sentido específico e que são desejados por suas características intrínsecas para atenderem as demandas dos

movimentos sociais. Para tanto, são fundamentais as construções de estratégias com este intuito. Assim, percebe-se que o ativismo exercido pelos movimentos sociais é uma das formas encontradas por eles para obterem visibilidade. Segundo Henriques (2007), o ativismo permite

compreender os processos de geração de estratégias comunicativas em duas grandes dimensões interconectadas [...]: (a) na manutenção de estruturas mobilizadoras horizontais – criação das condições de ação em rede e de coesão entre os atores mobilizados; e (b) no processo de visibilidade da causa, do movimento e seu posicionamento público (HENRIQUES, 2007, p. 96).

O ativismo vem ao encontro de duas das mais importantes premissas dos movimentos sociais, que são mobilizar os indivíduos em favor da sua causa e dar-lhes visibilidade. A legitimidade buscada pelos movimentos faz com que o seu ativismo seja estrategicamente pensado para alcançá-la, o que acarretará mais adeptos à mobilização e o alcance dos objetivos propostos.

As funções do ativismo podem variar, mas a principal está no despertar a atenção dos indivíduos para as ações e os objetivos dos movimentos. Henriques (2007) enuncia que existe uma mudança nos contornos das lutas sociais, o que caracteriza uma nova forma de ativismo. Para ele, este novo contexto recharacteriza o ativismo, pois há maior exercício da cidadania proveniente de indivíduos anteriormente excluídos da participação, movimentos plurais e policêntricos que convocam os cidadãos a participarem, além da ocorrência de associações que formam novas alianças, da realização de proposições interligadas a diferentes atividades e da substituição de ações fragmentadas dos movimentos sociais por ações coesas em rede (HENRIQUES, 2007).

As ações ativistas, se pensadas em um contexto assim configurado, além de dar visibilidade às ações, proporcionam legitimidade aos assuntos que permeiam a sociedade. Por isso, os movimentos sociais ensejam desenvolver ações desse tipo, o que não escapa às estratégias do *Greenpeace*, o qual desenvolve iniciativas em ambientes físicos para despertar o interesse da população e a visibilidade através dos meios de comunicação. Dessa forma, o *Greenpeace* prepara protestos em lugares públicos, em que os ativistas – ou voluntários, como são denominados pela organização, - utilizam diversos artefatos, como máscaras, faixas, cartazes, entre outros, a fim de chamar a atenção e conferir visibilidade aos seus escopos de trabalho.

Além das ações realizadas em ambientes físicos, o *Greenpeace* vale-se do seu *site* institucional e das redes sociais para desenvolver ações ativistas. Como exemplo, cita-se a

ação<sup>8</sup> desenvolvida no *twitter*, em que a organização lançou um manifesto *on line* contra a construção da usina nuclear Angra 3. Esta ação, além de dividir opiniões, transformou o tema em um dos mais comentados da rede social.

O ativismo, por seu turno, pode ser pensado sob diversas perspectivas. Hoje, a internet possibilita uma nova forma de ação em tal contexto, o ciberativismo. Esta estratégia é uma alternativa dos movimentos sociais aos meios de comunicação de massa tradicionais, permitindo-lhes "driblar" o monopólio da opinião pública exercido por estes meios. As redes dão liberdade de expressão aos processos de mobilização social, o que, muitas vezes, lhes é negado nas grandes mídias. Neste contexto, os conceitos de cidadania e democracia são adaptados também para esse espaço fluído com a intenção de promover a mobilização social com liberdade de expressão.

Segundo Moraes (2001, p. 125), os movimentos “descobrem no ciberespaço possibilidades de difundir suas reivindicações. E o que é desconcertante: sobrepujando os filtros ideológicos e as políticas editoriais da grande mídia”. No ciberespaço, os movimentos sociais têm maior liberdade para expressar as suas ideias e debater com pessoas que se interessam em ampliar a discussão com o propósito de fortalecê-la. A democracia assim concebida é possível pelas linhas flexíveis da internet, a qual propicia que os indivíduos encontrem-se no ambiente virtual e possam, por meio de seus discursos, fortalecer os processos de mobilização social através da ampliação do debate, ao contrário do que ocorre nos meios massivos. Tal pensamento que é compartilhado por Moraes,

[...] esse modelo alternativo de expressão, apoiado em processos interativos, contribui para reduzir dependência aos meios tradicionais, com sua crônica desconfiança dos movimentos comunitários. O mosaico comunicacional da Web reforça, assim, os campos de resistência à concentração da mídia, permitindo que idéias humanistas se expressem no perímetro do espaço político desterritorializado (MORAES, 2001, p. 129).

Mafra (2008) afirma que os meios de comunicação não permitem uma utilização igualitária de representação discursiva no espaço midiático. O autor denomina as distorções feitas pela mídia como gramática, que é própria da sua constituição. Isso desperta a criação de estratégias de comunicação e ações ativistas para conquistar espaço neste âmbito em rede.

Além da liberdade dos embates entre os usuários, a internet é usada pelos movimentos sociais também pelo “barateamento dos custos; abrangência ilimitada; velocidade de transmissão; ruptura com as diretivas ideológicas e mercadológicas da mídia;

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contra-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

autonomia para detonar campanhas [...]”, conforme Moraes (2001, p. 129). A internet tem um vasto alcance e a disseminação rápida de sua diversidade de informações, as quais são controladas também pela audiência que, para Downing (2002), passa a ser ativa no processo de comunicação. Ela é capaz de receber as informações e articulá-las ao seu modo. Nos movimentos sociais, a referida característica torna-se interessante porque dinamiza a relação entre os movimentos sociais, como produtores de sentido social, e os indivíduos, em sua condição de produtores de ações sociais.

Com o ciberativismo, os conceitos de cidadania e democracia, buscados pelos processos de mobilização social, são transpostos para a internet. Assim, o ciberativismo pressupõe que haja uma ciberdemocracia e uma cibercidadania que, para Marzochi (2007, p. 4), “já não se limita ao pertencimento à cidade ou ao território nacional”. Assim, ela caracteriza o indivíduo como uma “figura de um cidadão cibernético desterritorializado” (2007, p. 2) que busca, por meio do espaço de redes fluídas e colaborativas, participar de ações que promovam a cidadania.

A ciberdemocracia está, para Lévy (1999), nas práticas democráticas que podem utilizar-se as potencialidades do ciberespaço para afirmar as suas políticas sociais. Ainda, segundo este autor,

[...] a verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível – graças às possibilidades de comunicação interativa e coletiva oferecidas pelo ciberespaço –, a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a auto-organização das comunidades locais, a participação nas deliberações por parte dos grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e sua avaliação pelos cidadãos (LÉVY, 1999, p. 186).

Pode-se afiançar que o ciberespaço é um local democrático para que os indivíduos promovam a sua cidadania e o ciberativismo, sendo que, nesse cenário, vêm somar-se às possibilidades que o indivíduo possui de fazer-se sujeito. Nessa busca, o processo de mobilização também ocorre para que os indivíduos tenham maior probabilidade de encontrar o seu lugar como atores sociais.

O ciberativismo, assim concebido, faz emergir uma concepção alargada de política, ou seja, uma elevação de questões do cotidiano na agenda pública: movimentos sociais e redes pelas quais articulam o seu discurso na busca por visibilidade, credibilidade e legitimidade. É o que se pode denominar a constituição de uma esfera de debate público mediatizada e, nessa esfera, a diversidade das intencionalidades, formalizadas por meio do

discurso, podem representar espaços anteriormente abafados pelos meios massivos e pelos entraves de suas políticas institucionalizadas.

No entanto, a internet possui pontos negativos, assim como a exclusão digital. Como se sabe, muitas pessoas não têm acesso a este meio. Cogita-se bastante a sua democratização através da concepção de cidades digitais, da construção de telecentros, mas há convicção que esta realidade está longe de ser efetiva. Além da discrepância no acesso à rede, esta mídia provoca alguns contrapontos. O *site* do *Greenpeace*, por exemplo, possui espaços para comentários, que nem sempre são favoráveis às ações desenvolvidas pela organização. Em outras palavras, da mesma forma que este espaço, criado intencionalmente pela organização, propicia a discutibilidade, cede lugar para que haja desvalorizações, em certos momentos, das ações do movimento.

Estes espaços destinados pelo *site* da organização são dispostos como uma estratégia para legitimar os seus escopos de trabalho e as suas respectivas ações. Mas, algumas vezes, nas linhas abertas de discussão, indivíduos colocam-se contrários às ações desenvolvidas, assim como contra a própria organização, no que tange à sua finalidade, aos seus componentes, entre outros aspectos. Isso pode fazer com que a organização repense as suas estratégias ou a internet, utilizada como espaço institucional, pode servir como um atentado à sua própria legitimidade.

Wolton (2010), estudioso que pondera o papel dos meios de comunicação na construção da comunicação entendida como relação, observa que, embora a internet possua características como a velocidade, a interatividade e a liberdade, ela não revolucionará as relações, propiciando interpretar-se que, mesmo que a internet seja um meio de comunicação diferenciado dos demais, ela possui restrições, as quais, por vezes, não permitem garantir que a internet é um meio diferenciado e que modificará as formas de comunicação. Ao invés disso, tem-se que ela é um meio de comunicação complementar aos meios de comunicação de massa e que possibilitou novas condições de informação e visibilidade.

Ainda que a internet não possa ser vista somente sob seus aspectos positivos, não se pode negligenciar o seu potencial de alcance e de divulgação das ações ativistas dos movimentos sociais. Além das ações realizadas pelo *Greenpeace*, outras instituições ou pessoas físicas organizam, na rede, ações que mobilizam os cidadãos. Recentemente, o protesto<sup>9</sup> realizado, em Brasília, contra a corrupção foi organizado através da internet. Os manifestantes colocaram 594 (quinhentas e noventa e quatro) vassouras em frente ao

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/09/protesto-contracorrupcao-coloca-594-vassouras-em-frente-ao-congresso.html>>. Acesso em: 12 de novembro de 2011.

Congresso, representando os deputados e os senadores. Outra ação<sup>10</sup> semelhante ocorreu em São Paulo. Também organizados por meio da internet, protestantes prepararam uma atividade contra a corrupção. Uma ciberação<sup>11</sup> promovida, recentemente, pelo movimento Gota D'Água se parece bastante com as ações<sup>12</sup> já efetivadas contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte pelo *Greenpeace*. A ciberação envolvia um vídeo<sup>13</sup> protagonizado por atores globais que falavam a respeito da hidrelétrica e pediam para que as pessoas assinassem uma petição *on line* que seria entregue à presidente Dilma Rousseff. Esta ação gerou outra petição<sup>14</sup> contra este ator social que afirmava que o movimento Gota D'Água era contrário ao desenvolvimento nacional.

Estes exemplos de práticas ativistas desenvolvidas por grupos que agem coletivamente deixam clara a efetividade desta estratégia que, muitas vezes, é organizada na rede e traduzida em ambientes físicos e que gera repercussão. Além disso, evidencia que a mobilização é um ato de conscientização e que a rede está a serviço dos movimentos, assim como as estratégias ativistas.

Aqui, entende-se que os movimentos sociais, como agentes político-sociais, têm a sua causa por si só justificada, mas, de certa forma, também se compreende que a sua legitimação dá-se através de sua visibilidade. Não se postula, dessa maneira, que a visibilidade dos movimentos é mais importante do que a sua luta, mas que a sua legitimidade é reforçada através do ambiente midiático.

Os movimentos são atores sociais ímpares e buscam mobilizar os indivíduos ao despertar a sua conscientização e dar suportes para que a mobilização, de fato, ocorra. O ativismo, conforme mencionado anteriormente, vem ao encontro de duas premissas dos movimentos sociais: mobilizar os indivíduos e dar visibilidade às suas ações. A visibilidade almejada pelos movimentos, além de justificar a sua causa, legitimando-a, dá subsídios para a sua atuação, possibilitando entender a visibilidade não como a premissa básica dos movimentos sociais, mas como uma forma de legitimação institucional necessária.

Além disso, a visibilidade buscada pelos movimentos sociais e viabilizada pelos meios de comunicação ancora a discutibilidade que fazem com que os escopos de trabalho dos movimentos estejam presentes na esfera pública. Os movimentos sociais procuram estar

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/estudantes-recorrem-internet-para-realizar-ato-contra-corrupcao-em-sp.html>>. Acesso em: 12 de novembro de 2011.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://movimentogotadagua.com.br/assinatura>>. Acesso em: 17 de novembro de 2011.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/greenpeace-e-ongs-v-o-ao-supre/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://movimentogotadagua.com.br>>. Acesso em: 17 de novembro de 2011.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=P2011N16979>>. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

na cena midiática, para tanto, desenvolvem estratégias ativistas com o intuito de agendar as temáticas públicas nos *media*, o que lhes propicia a visibilidade ampliada, bem como as informações necessárias para que debates sejam desenvolvidos com bases crítico-argumentativas. Esse fluxo possibilita que os movimentos sociais, por meio de suas estratégias, fomentem os debates na esfera pública.

### 3 O *GREENPEACE* COMO PRODUTOR SOCIAL E SUAS ESTRATÉGIAS ATIVISTAS

A mobilização social desenrola-se ao assumir um problema como o seu imaginário passível de melhoria conforme a aceitação e o envolvimento dos indivíduos que, tomados pela corresponsabilidade de ajudar, realizam ações que vão ao encontro dos objetivos do grupo. Diante da gama de problemas enfrentados pela sociedade, a degradação ambiental configura-se como um deles.

Segundo Toro e Werneck (2004), o processo de mobilização social precisa ser iniciado pelo produtor social que proporciona legitimidade e condições financeiras, técnicas e institucionais para que o movimento social alcance os seus objetivos.

O *Greenpeace*, em sua condição de movimento social mundialmente reconhecido, por meio de suas ações ativistas, busca chamar a atenção para os problemas ambientais causados pela ação do homem e das indústrias. Pode-se afirmar que, na verdade, este é o propósito da organização, mas resta indagar se isso, de fato, ocorre.

A metodologia escolhida para esta pesquisa é a análise de conteúdo, segundo os pressupostos de Bardin (1977), que permite uma leitura profunda e diferenciada daquela habitual. O *corpus* de pesquisa foi formado pelas notícias veiculadas sobre os escopos de trabalho da organização em estudo, no primeiro semestre de 2011, nos três jornais de maior circulação no ano de 2010, no Brasil, e no *site* do *Greenpeace*. Os jornais são Super Notícia, Folha de São Paulo e O Globo, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) e divulgada pela Agência Nacional de Jornais (ANJ). Além das matérias jornalísticas, escolheu-se acrescentar ao *corpus* os comentários que eram feitos pelos leitores das matérias veiculadas, quando existia espaço para tal nos veículos de comunicação. Com este *corpus* de pesquisa pretende-se, a partir da metodologia, bem como do referencial teórico, verificar como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação do debate sobre o meio ambiente na esfera pública.

Pela facilidade de acesso, preferiu-se procurar estas matérias através da internet, o que resultou em algumas discrepâncias. Na busca efetuada nos *sites* dos três jornais, alguns apresentaram temas veiculados em blogs ou mesmo em outros jornais pertencentes ao grupo. Ao procurar no *site* do jornal Super Notícia, por exemplo, pautas publicadas no jornal O Tempo também juntaram-se ao *corpus*. Da mesma forma, quando buscou-se pelas matérias no *site* do jornal O Globo, tópicos veiculados em seus blogs também foram adicionadas à

pesquisa. Escolheu-se não descartar este material que pode ter grande validade metodológica para a pesquisa.

Ao final da pesquisa, discute-se de que forma as ações ativistas realizadas pelo *Greenpeace*, ao serem veiculadas nos meios de comunicação, ampliam e sustentam o debate sobre o meio ambiente na esfera pública. As duas categorias necessárias para a formação da esfera pública, segundo Habermas (2003, 2003b), discutibilidade e visibilidade servirão para inferir se, de fato, a formação da esfera pública é uma realidade desempenhada pelos movimentos sociais.

### 3.1 O *GREENPEACE* COMO PRODUTOR SOCIAL

O processo de mobilização social necessita ser iniciado por uma pessoa, por um grupo ou por uma instituição que, conhecendo a realidade sobre a qual está atuando, propõe soluções de acordo com os problemas latentes (TORO e WERNECK, 2004). Dessa forma, segundo estes autores, é importante que o imaginário proposto seja compartilhado por todos aqueles que compõem o movimento para que o objetivo final seja alcançado.

Para Toro e Werneck (2004), o produtor social caracteriza-se como

a pessoa ou instituição que tem a capacidade de criar condições econômicas, institucionais, técnicas e profissionais para que um processo de mobilização ocorra. [...] é responsável por viabilizar o movimento, por conduzir as negociações que vão lhe dar legitimidade política e social (TORO e WERNECK, 2004, p. 41).

O produtor social é o responsável por dar o embasamento técnico a fim de que se desencadeie a mobilização social. Ademais, possui legitimidade que cria condições para iniciar o processo. Ele desencadeia a mobilização porque é detentor de objetivos, de acordo com a realidade posta, de transformação que precisam ser compartilhados para que sejam alcançados (TORO e WERNECK, 2004). Para os autores em comento, aquele que viabiliza o movimento não deve ser considerado o seu dono. Ao contrário, deve ser aquele que reflete sobre dada realidade e constrói os meios, juntamente com outros cidadãos, para a melhoria. O produtor social, ao idealizar a transformação de um cenário, necessita da participação de outras pessoas, que partilham a mesma ideologia, para que os objetivos do movimento sejam ampliados e alcançados.

Assim, faz-se possível caracterizar o *Greenpeace* como um produtor social, já que a organização aproxima-se das condições que Toro e Werneck (2004) propõem. O *Greenpeace*,

além de ser legitimado internacionalmente pela sua atuação em favor da proteção do meio ambiente, fornece condições financeiras, técnicas e institucionais para que os seus voluntários ajam para a melhoria das condições ambientais no mundo todo.

O meio ambiente devido à ação do homem, bem como das indústrias, entre outros, passa por significativas alterações que estão modificando toda a vida existente no planeta. A degradação do meio ambiente, para o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), caracteriza-se por

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetem: (I) a saúde, a segurança e o bem-estar da população; (II) as atividades sociais e econômicas; (III) a biota; (IV) as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; (V) a qualidade dos recursos ambientais; pode se constituir em impacto ambiental (FIALHO et al., 2008, p. 39).

O *Greenpeace*<sup>15</sup> foi criado com uma ação desenvolvida por 12 pessoas, entre eles estavam ambientalistas e jornalistas. No dia 15 de setembro de 1971, eles saíram do porto de Vancouver, no Canadá, no navio *Phyllis Cormack*, a caminho das Ilhas Aleutas (Amchitka), para protestar contra os testes nucleares dos Estados Unidos na região. No mastro da embarcação, havia duas bandeiras: a da ONU, para marcar o internacionalismo da tripulação, e outra com as palavras *green* e *peace*, que representavam a ideia de defesa do ambiente e da paz. O nome da nova organização nasceu por acaso, pois as palavras isoladas na bandeira do barco não cabiam num *button* vendido para ajudar a arrecadar fundos para a viagem. Dessa forma, foi necessário uni-las.

A ação que deu início ao movimento ocorreu porque, dois anos antes, um teste nuclear norte-americano em Amchitka havia gerado controvérsias. A região tem uma das estruturas geológicas mais instáveis do planeta e sofre com frequentes terremotos e maremotos. Cerca de 10 mil pessoas tentaram impedir o primeiro teste, bloqueando o maior posto de fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, carregando faixas em que se lia: “Não faça onda!”, em referência aos maremotos. O governo norte-americano desprezou os protestos, realizou o teste e anunciou a realização de mais um, cinco vezes mais potente, no mesmo local, em 1971. Jim Bohlen e Irving Stowe, que participaram do protesto, perceberam a necessidade de realizar outra ação, além daquela anteriormente desenvolvida.

Jim Bohlen havia sido ex-mergulhador e operador de radar da Marinha norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1966, quando verificou que o

---

<sup>15</sup> Disponível em: <[www.greenpeace.org,br](http://www.greenpeace.org,br)>. Acesso em 20 de junho de 2010.

envolvimento norte-americano no Vietnã era irreversível, deixou a Marinha e mudou-se para Vancouver com a mulher, Marie. Lá, durante uma passeata contra a guerra, o casal conheceu Irving e Dorothy Stowe que também haviam abandonado os Estados Unidos, mas por convicção religiosa. Eles eram *quackers*, grupo religioso de tradição protestante que acredita numa forma pacífica de resistência, que consiste em estar fisicamente presente na cena de um acontecimento ruim como forma de impedi-lo.

Irving Stowe, advogado formado em Yale, trabalhava num jornal *underground* contrário à guerra, o *Georgia Straight*. Com um jovem estudante de direito da Universidade da Colúmbia Britânica, Paul Cote, fundaria um movimento pacifista e ecologista que viria a tornar-se o *Greenpeace*, o Comitê Não Faça Onda.

Robert Hunter enfrentou a longa viagem lendo um livro sobre mitos e lendas indígenas. Um trecho do livro impressionou a tripulação – ele narrava a previsão feita, 200 anos antes, por uma velha índia *cree*, chamada Olhos de Fogo, sobre o futuro do planeta: “Um dia a terra vai adoecer. Os pássaros cairão do céu, os mares vão escurecer e os peixes aparecerão mortos nas correntezas dos rios. Quando esse dia chegar, os índios perderão o seu espírito. Mas vão recuperá-lo para ensinar ao homem branco a reverência pela sagrada terra. Aí, então, todas as raças vão se unir sob o símbolo do arco-íris para terminar com a destruição. Será o tempo dos Guerreiros do Arco-Íris”.

Alguns anos depois, o nome “Guerreiro do Arco-Íris” (*Rainbow Warrior*, em inglês) seria orgulhosamente pintado no casco do mais famoso navio do *Greenpeace* e viraria sinônimo de ativismo ambiental. O *Phyllis Cormack*, porém, não chegou a seu destino: em 20 de outubro, a tripulação foi presa pela guarda costeira dos Estados Unidos e expulsa da região. Ao voltar para Vancouver, os pioneiros do *Greenpeace* estavam nas manchetes de jornais em toda a América do Norte. O teste nuclear havia sido adiado em mais de um mês. E foi o último realizado em Amchitka.

O *Greenpeace*, já em 1990, sentia a necessidade de expandir a sua atuação para locais em que houvesse grande população e desafios ambientais. A realização da Eco-92, no Rio de Janeiro, voltou o foco dos problemas ambientais para o Brasil. Desde então, o *Greenpeace* percebeu que, no país, estas questões precisavam ser discutidas.

No mesmo ano, o *Greenpeace* realizou a sua primeira ação no Brasil e marcou a sua entrada no país. No dia 26 de abril, aniversário da explosão da usina nuclear de Chernobyl, ativistas tomaram a Usina Nuclear Angra 1, no Rio de Janeiro. A tripulação do navio do *Greenpeace*, *Rainbow Warrior*, rumou para Angra dos Reis. No local, 800 cruces foram colocadas no pátio da usina nuclear, simbolizando o número de mortes ocorridas no acidente

na Ucrânia. Ressalve-se, porém, que o *Greenpeace*, antes mesmo de atuar oficialmente no país, já havia desenvolvido uma ação contra a importação de lixo tóxico.

No Brasil, a organização possui cinco escopos de trabalho: Amazônia, Oceanos, Clima e Energia, Transgênicos e Nuclear. Ainda em 1992, o *Greenpeace* começou a desenvolver ações relacionadas ao escopo Amazônia ao investigar a exploração ilegal e predatória de madeira no local. Segundo a organização, a situação da região era ainda mais caótica do que hoje, pois não havia registro dos setores que impulsionavam o desmatamento, a fiscalização dos órgãos públicos era quase nula e a exploração comercial era descontrolada. Com o intuito de proteger a floresta, o *Greenpeace* visa ao fim do desmatamento, à implementação de leis às áreas protegidas, à regularização fundiária e à presença governamental para o cumprimento das leis.

O escopo de trabalho Nuclear, de acordo com a organização, além de ter um custo elevado, oferece um grande perigo às pessoas e ao meio ambiente. Esta campanha se fortalece como alternativa de fornecimento de energia à construção da usina nuclear de Angra 3. Para tanto, o *Greenpeace* propõe o fim da expansão do programa nuclear brasileiro, a suspensão da exploração de minério radioativo, o fim da construção da usina nuclear Angra 3, a reestruturação do setor nuclear brasileiro para o uso seguro da energia nuclear com fins medicinais e o investimento em geração de energias renováveis.

Outro escopo de trabalho brasileiro do *Greenpeace* é Oceanos, cujo trabalho iniciou, em 2008, com base em um estudo desenvolvido pelo *Greenpeace* junto a especialistas sobre o assunto. Este escopo justifica-se porque dados do governo federal, conforme a organização, apontam que 80% das espécies marinhas exploradas pela atividade pesqueira encontram-se em algum nível de risco. Assim, o *Greenpeace* busca a criação de áreas marinhas protegidas em 30% das águas territoriais e, globalmente, para que o mundo destine 40% de suas águas oceânicas para reservas marinhas. Privilegiar-se-ia, assim, uma política nacional de oceanos marcada pela coordenação entre os órgãos responsáveis, a regulamentação definitiva da atividade pesqueira, a conscientização da população sobre a conservação dos oceanos e a pressão sobre a diplomacia brasileira para que ela aja em fóruns internacionais no sentido de proteger a biodiversidade marinha global.

Outros dois escopos Clima e Energia e Transgênicos principiaram a ser desenvolvidos entre 1995 e 1999. A primeira ação sobre Clima e Energia foi contra as indústrias de refrigeração que, na época, utilizavam gases CFC (clorofluorcarboneto), que atacam a camada de ozônio e agravam o efeito estufa. Por sua vez, a mobilização sobre os alimentos transgênicos teve início com debates das políticas públicas, o princípio da

precaução ou a responsabilidade dos governos de cobrarem provas de que novas tecnologias, como a de organismos geneticamente modificados, não causam danos à saúde humana e ao ambiente, antes de aprovarem o seu uso em larga escala. A demanda sobre a campanha de Transgênicos cresceu com a entrada ilegal de soja transgênica na região Sul.

O escopo de trabalho referente aos produtos transgênicos justifica-se, segundo o *Greenpeace*, porque há perda ou alteração do patrimônio genético das plantas e das sementes e o aumento no uso de agrotóxicos. Dessa forma, o *Greenpeace* luta pela proibição de aprovações de novas culturas transgênicas, pela rotulagem dos produtos transgênicos e pela fiscalização e cuidado na cadeia para que não haja contaminação.

No escopo de trabalho Clima e Energia, o aquecimento global é a preocupação do *Greenpeace*. Por isso, pressiona empresas e governos a abandonarem fontes fósseis de geração de energia, como o petróleo e o carvão, e substituí-las pelas renováveis, como a solar e a eólica. Trata-se, pois, de uma estratégia que se destina não só para reduzir as emissões de gases-estufa, mas para consolidar um crescimento econômico baseado em tecnologias que não prejudicam o planeta, segundo a organização.

A Nasa (Agência Espacial Americana) anunciou, no início de 2010, que a década, encerrada em 31 de dezembro de 2009, foi a mais quente já registrada desde 1880, ano em que a moderna medição de temperaturas ao redor do planeta começou. A mesma década também teve os dois anos de maior intensidade de calor em mais de um século – 2005, o mais quente do período, e 2009, o segundo mais quente.

Para o *Greenpeace*, o aumento da temperatura do planeta é consequência de ações humanas, especialmente tomadas a partir da Revolução Industrial, no século XVIII. Ela promoveu um salto tecnológico e o crescimento das civilizações como nunca vistos antes, ao mesmo tempo em que impulsionou uma taxa inédita e perigosa de poluição e degradação da natureza.

A partir daí, o planeta tornou-se mais quente, desequilibrando-se o seu sistema climático. Como consequência, o gelo dos pólos derreteu e elevou-se o nível médio dos oceanos, ameaçando populações costeiras; tempestades tornaram-se mais frequentes, intensas e perigosas, assim como ondas de calor; biomas como a Amazônia são ameaçados pela alteração no sistema de chuvas. Da mesma forma, populações já vulneráveis sofrem impactos na produção de alimentos, fornecimento de água e moradia. Para tanto, o *Greenpeace* propõe as seguintes iniciativas: o investimento em uma política energética – inteligente – com as novas fontes renováveis, o incentivo do setor de novas energias, o fim do desmatamento no mundo e a conservação dos oceanos.

Como toda a organização, o *Greenpeace* possui missão e valores que norteiam as ações desenvolvidas. Seus valores são independência, não violência, confronto pacífico e engajamento. Constitui-se como uma instituição sem fins lucrativos e é independente, que não aceita doações de governo, de empresas ou de partidos políticos. O trabalho é integralmente financiado por mais de três milhões de colaboradores de todo o mundo, o que garante ao *Greenpeace* transparência, liberdade de posicionamento e expressão. A não violência é um requisito fundamental em todas as atividades que o *Greenpeace* promove, ela está embutida em ações, palavras e na forma de atuação em geral. O confronto pacífico, outro valor organizacional, coloca-se por meio de atividades sem o uso da violência e com ações criativas a fim de chamar a atenção do público para determinado problema ambiental. O último valor é o engajamento, incentivo para que as pessoas ajam em favor do meio ambiente.

A fim de garantir a sua transparência com a sociedade em geral, o *Greenpeace* disponibiliza relatórios anuais que mostram as suas contas auditadas, bem como as ações e os resultados alcançados. A organização, atualmente, dispõe relatórios desde 1999 até 2009 que, além de serem enviados a colaboradores e parceiros, são disponibilizados em seu *site*.

Uma das formas de atuação oferecidas pelo *Greenpeace* aos cidadãos é o ciberativismo. Com o convite: Proteste nas “ruas” da internet, a organização proporciona a participação por meio de mobilizações *on line* como a assinatura de petições *on line*; o encaminhamento dos *e-mails* da organização a amigos; a opção “seguir” o *Greenpeace* nas redes sociais; a publicação de notícias, vídeos, petições em blogs, *sites* e redes sociais; comentários sobre as notícias postadas; o início de debates e fóruns sobre as campanhas do *Greenpeace*, incentivando a troca de conhecimento; bem como a possibilidade de tornar-se um colaborador.

A forma de ação também pode dar-se por meio do colaborador, que auxilia a organização financeiramente. O *Greenpeace* é uma organização independente, portanto, não aceita dinheiro de empresas, governos ou partidos políticos. Sendo assim, ela só recebe recursos financeiros de doadores individuais, contudo, segundo a organização, tal decisão acaba limitando a fonte de recursos, ao mesmo tempo em que permite que ela seja independente. O colaborador, além de apoiar financeiramente, envolve-se com as campanhas e participa de ciberações, fóruns de discussão, *chats* e atividades públicas, manifestando a sua opinião a respeito dos temas tratados pela organização.

Já o voluntário, outra modalidade de participação possível, atua nas ações desenvolvidas em ambientes físicos. O *Greenpeace* possui voluntários divididos em oito cidades brasileiras, Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro,

Salvador e São Paulo. Para participar do trabalho voluntário<sup>16</sup>, é necessário preencher um formulário, disponibilizado no *site* e enviá-lo ao coordenador da respectiva cidade. A partir daí, a pessoa passará por um processo seletivo, que varia a sua regularidade de acordo com o número de inscritos. Atualmente, o *Greenpeace* conta com 4.384.000 ciberativistas e mais de 3.875.000 colaboradores no mundo todo, sendo que, no Brasil, soma mais de 250 voluntários, 47 mil colaboradores e 300 mil ciberativistas.

O *Greenpeace* depende da participação de cidadãos mobilizados em prol da defesa do meio ambiente. Dessa forma, oferece, em seu *site*, formas de atuação aos cidadãos, seja no âmbito real ou virtual através das redes sociais, como *Twitter*, *Facebook*, *Orkut*, *Youtube*, *Flickr*, dentre outras. Elas servem para ampliar a divulgação e a discussão sobre assuntos relacionados ao *Greenpeace* e às suas ações.

No *site* institucional, além das notícias, do *Greenblog* e das petições *on line*, que servem para divulgar o trabalho da organização, também está disponível a possibilidade de divulgação de campanhas pelos veículos de comunicação, a fim de dar maior visibilidade às mesmas. Assim, é necessário que seja feito contato, através de *e-mail*, com o Departamento de Mídia e Publicidade. Para tanto, a organização disponibiliza *banners* para a internet, *spots* para rádio, vídeos publicitários, além de material para a mídia impressa.

### 3.2 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa é a análise de conteúdo. Esta metodologia, segundo Bardin (1977), recorre a uma leitura crítica diferente daquela de um leigo. Para ela (1977, p. 28), significa “dizer não ‘à leitura simples do real’, sempre sedutora”. Esta opção metodológica permite que o pesquisador tenha uma leitura diferenciada ao aceitar um olhar tangente sobre o sentido propriamente dito do texto. Para Bardin (1977), esta metodologia está amparada em dois objetivos: a ultrapassagem da incerteza, afirmar o sentido que o pesquisador julga perceber naquela mensagem e que este sentido também possa ser compartilhado pelos demais leitores; e o enriquecimento da leitura, com uma leitura atenta e profunda.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça o pesquisador. Esta metodologia “[...] é uma busca de outras realidades *através* das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 44 – grifos da autora). Dessa forma,

---

<sup>16</sup> O trabalho voluntário, no Brasil, é regulamentado pela lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998.

[...] a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é unicamente, ou não é unicamente, uma leitura 'à letra', mas antes o realçar de um sentido que se encontra em um segundo plano (BARDIN, 1977, p. 41 – grifos da autora).

Ainda, segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo compreende três diferentes fases: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, através da inferência e da interpretação. A primeira é a fase da organização da pesquisa. Para tanto, é necessário que seja realizada uma leitura flutuante (BARDIN, 1977) a fim de ter o primeiro contato com os documentos que servirão como base de análise. Após, é preciso que os documentos significativos sejam escolhidos como universo e, deste, um *corpus* deve ser delimitado.

Para que este *corpus* seja constituído é preciso que os documentos respeitem determinadas regras: a regra da exaustividade, todos os elementos representativos devem compor o *corpus*; a regra de representatividade, o *corpus* de análise deve ter validade para a metodologia; a regra da homogeneidade, o *corpus* precisa ter unidade; e a regra da pertinência, a qual sugere que o *corpus* necessita responder ao seu objetivo proposto (BARDIN, 1977).

A exploração do material, segundo passo que deve ser seguido na análise de conteúdo, consiste em codificar o *corpus* de pesquisa. Já o último passo, caracteriza-se pela interpretação do material e a construção de inferências para a pesquisa.

A técnica a ser utilizada para que seja construída a análise de conteúdo será a análise categorial. Ela “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 1977, p. 153). Esta técnica é constituída por rubricas que representam unidades de sentido em que o texto pode ser classificado.

As categorias devem respeitar critérios como a exclusão mútua, cada elemento deve ser único em cada categoria que lhe for atribuída; a homogeneidade, a partir daqui dar-se-á a exclusão mútua, pois cada categoria será inscrita por um único núcleo de registro; a pertinência, a categoria criada deve estar adaptada ao *corpus* de análise, bem como ao referencial teórico; a objetividade e a fidelidade, critérios que excluem a possibilidade de subjetividade do autor; e, por último, a produtividade, ou seja, o *corpus* deve, a partir das categorias, oferecer inferências válidas à pesquisa (BARDIN, 1977).

### 3.2.1 *Corpus* de pesquisa

O *corpus* escolhido, para entender como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação do debate na esfera pública sobre o meio ambiente, foi composto pelas notícias referentes às ações ativistas relacionadas aos escopos de trabalho da organização que foram realizadas no Brasil, no primeiro semestre do ano de 2011, assim como pelos comentários gerados a partir destas matérias publicadas nos veículos escolhidos. As notícias selecionadas são aquelas veiculadas no *site* do *Greenpeace* e nos três maiores jornais de circulação no Brasil, segundo dados divulgados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), conforme pesquisa do Instituto Verificador de Circulação (IVC)<sup>17</sup>.

De acordo com a pesquisa realizada, os jornais de maior circulação, no ano de 2010, foram, respectivamente, Super Notícia (MG), Folha de São Paulo (SP) e O Globo (RJ). Optou-se, pela facilidade de acesso, buscar as notícias na versão *on line* dos jornais, o que acrescentou ao *corpus* algumas matérias que foram veiculadas em blogs ou mesmo em outros jornais pertencentes ao grupo e que não foram excluídas devido à riqueza de análise que poderiam acrescentar informações à pesquisa.

Além da busca pelas notícias nos jornais, escolheu-se também procurar as notícias no *site* do *Greenpeace*, embora seja um veículo bastante diferente dos demais. Enquanto os jornais pertencem a empresas privadas e possuem características editoriais moldadas conforme as linhas mercadológicas, o *site* da organização tem um viés institucional, ao dar espaço de visibilidade aos seus escopos de trabalho, bem como às suas ações. De qualquer forma, entende-se que a escolha é pertinente, já que, de acordo com Lycarião (2010), é no *site* do *Greenpeace* que está a discutibilidade necessária à formação da esfera pública. Segundo o autor, o *site* viabiliza maior acessibilidade e dimensão crítico-argumentativa. Assim, quer-se entender como esta dimensão, além da visibilidade, estão compreendidas em todos os meios escolhidos para a formação do *corpus* da pesquisa.

Em sua totalidade, o *corpus* foi composto por 54 matérias, sendo que a maioria foi encontrada no *site* do *Greenpeace*, que publicou 27 delas. Já nos jornais, o veículo que mais cedeu espaço à organização foi o jornal O Globo, que publicou 14 matérias, seguido dos jornais Folha de São Paulo e Super Notícia, com oito e cinco notícias veiculadas, respectivamente. Trabalhou-se também com os comentários gerados pelos leitores das matérias, considerando-se que, dentre os quatro veículos pesquisados, dois cedem espaço para

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 18 de abril de 2011.

comentários de leitores, o jornal O Tempo (Super Notícia) e o *site* do *Greenpeace*. No último, encontramos 236 comentários do total de 245 comentários que formaram o *corpus*, os outros nove foram observados no jornal O Tempo (Super Notícia).

### 3.3 ANÁLISE

As categorias foram construídas após leituras e releituras de todo o conjunto de documentos selecionados para análise e do referencial teórico, as quais são únicas tanto para o *site*, como para os três jornais analisados, a fim de permitir a comparação entre eles. As categorias iniciais contêm inferências que conduzem a interpretações primeiras. As categorias intermediárias surgem após um segundo nível de interpretação. As categorias finais aglutinam as significações e as ideias das categorias intermediárias (FOSSÁ, 2003). Assim sendo, tomando-se como base a metodologia de análise de conteúdo, em continuidade, segue-se a construção das categorias de análise.

<b>Categorias iniciais</b>	<b>Categorias intermediárias</b>	<b>Categoria final</b>
1. Escopo de trabalho	1. Visibilidade	1. Ampliação da esfera pública
2. Coletivização das ações ativistas		
3. Consequências das ações ativistas		
4. Oposição do movimento		
5. Objetivos do movimento		
6. Ação histórica do movimento		
7. Dimensão estética do movimento ou fatores de publicização		
8. Dimensão ética do movimento ou fatores litúrgicos		
9. Dimensão técnica do movimento		
10. Vozes autorizadas do <i>Greenpeace</i> ou informação institucionalizada	2. Discussibilidade	
11. Vozes de outras pessoas e/ou instituições envolvidas com a ação		
12. Opiniões de terceiros		

Quadro 2 – O processo de derivação das categorias

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico e dos documentos analisados.

### 3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Cada categoria contém um termo dominante e corresponde a um primeiro julgamento, o qual provoca uma cadeia de relações ou derivações. As categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de unidades de registro sob um título genérico (FOSSÁ, 2003). A categoria constitui o plano de rubrica da análise de conteúdo levantado a partir de trechos selecionados dos documentos e do referencial teórico.

#### 3.4.1 As Categorias Iniciais

A descrição das categorias iniciais foi efetuada após a categorização do conjunto de documentos destacados para a análise, bem como do conteúdo teórico, e resultou em doze (12) categorias iniciais. Considerações teóricas iniciais e conteúdos emergentes contidos no material de análise ajustaram-se e deram origem a uma categorização, que é apresentada na mesma ordem que aparece no quadro anterior (O processo de derivação das categorias).

A seguir, as categorias são explicadas e elucidadas com exemplos<sup>18</sup>, extraídos das notícias e dos comentários que compõem o *corpus* da pesquisa, os quais foram escolhidos entre os mais significativos encontrados entre o material disponível. Os trechos, que seguem, estão dispostos de acordo com a colocação dos jornais, segundo o IVC, e, por último, os fragmentos das notícias do *site* do *Greenpeace*. Dessa forma, os fragmentos seguirão a seguinte ordem: Super Notícia ou O Tempo, Folha de São Paulo, O Globo e *site* da organização.

##### 3.4.1.1 Escopo de trabalho

O *Greenpeace* possui cinco escopos de trabalho no Brasil (Clima e Energia, Oceanos, Amazônia, Transgênicos e Nuclear) e faz-se necessário que se identifique o escopo trabalhado em cada ação realizada. Seus escopos variam de acordo com as necessidades dos países em que a organização atua, entretanto, todas possuem o mesmo objetivo, alertar para os perigos ambientais causados pela ação do homem e das indústrias.

---

<sup>18</sup> Os trechos utilizados para exemplificar as categorias de análise são apresentados conforme foram veiculados nos jornais escolhidos e no *site* institucional do *Greenpeace*.

"Florestas". (**Jornal O Tempo – 16/02/2011** – Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=163630,OTE&busca=greenpeace&pagina=2>>.)

[...] "Energia limpa. Voto no futuro". (**Jornal O Tempo – 24/02/2011**- Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=111567&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

Ativistas do *Greenpeace* simulam acidente nuclear em protesto no BNDES, no Rio. (**Jornal O Tempo – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=117163&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

[...] o fim do uso da energia nuclear no país. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

“Defendendo nossos oceanos”. “O mar tem que estar para peixe” [...]. (**Site Greenpeace – 20/01/2011** - Disponível em: Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ubatuba-e-Guaruja-recebem-campanha-Tem-Greenpeace-no-seu-dia/>>.)

Vamos sambar para nossas florestas não dançarem. (**Site Greenpeace – 17/06/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-samba-das-florestas-pede-passagem/>>.)

A partir da análise realizada, observou-se que os escopos estão ancorados na agenda pública, ou seja, as ações são executadas de acordo com as temáticas discutidas no momento. Dessa forma, o *Greenpeace* consegue dar maior visibilidade a sua ação, enquanto problematiza a discussão. Pode-se notar que escopos como Amazônia e Nuclear sobrepuseram-se sobre outros, como Clima e Energia, Oceanos e Transgênicos, sendo que o último não foi encontrado em nenhuma matéria analisada.

O escopo referente à temática Nuclear foi o mais recorrente entre as matérias que compuseram o *corpus* de pesquisa, tendo sido tema de 23 das 54 matérias consideradas em sua totalidade. Em seguida, o escopo mais trabalhado pela organização, no ano de 2011, foi Amazônia com 20 inserções, já o escopo Clima e Energia apareceu seis vezes nas matérias selecionadas, enquanto que o escopo Oceanos teve somente uma inserção entre as notícias. As quatro matérias restantes que formaram o *corpus* referiram-se a outros assuntos, que embora fossem pertinentes às ações ativistas do *Greenpeace*, não faziam alusão a nenhum escopo em específico.

Os dois escopos mais encontrados têm suas ações voltadas para as temáticas sociais que pautam os interesses da organização para tratar sobre o meio ambiente. O escopo Nuclear esteve em voga durante a passagem de mais um ano do acidente nuclear que ocorreu em Chernobyl (Ucrânia), bem como o ocorrido no ano de 2011, em Fukushima (Japão), que

retomou a discussão sobre este tipo de geração energética. Já a temática referente à Amazônia foi constante devido à votação do novo Código Florestal Brasileiro. Estes exemplos evidenciam que as ações referentes aos escopos de trabalho do *Greenpeace* sustentam-se na agenda dos acontecimentos ambientais latentes.

#### 3.4.1.2 Coletivização das ações ativistas

A coletivização serve para verificar se a ação analisada foi realizada simultaneamente em outros locais e por outros grupos (TORO e WERNECK, 2004; HENRIQUES, 2004), evidenciando a articulação e a coesão das ações. Além disso, esta característica dá maior sentimento de pertencimento e de importância às pessoas que participam do movimento, já que, através da informação, os indivíduos constatam que as suas ações não são isoladas. Ao contrário, elas fazem parte de um objetivo maior, fazendo com que aumente o comprometimento com a busca dos fins propostos pelo movimento.

Milhares de franceses e alemães foram às ruas nesta segunda-feira para protestar pelo fim do uso da energia nuclear, na véspera do 25º aniversário do acidente de Tchernobil. Manifestações semelhantes também foram registradas na Índia e no Rio de Janeiro. (**Jornal Folha de São Paulo – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/bb...am-contra-energia-nuclear.shtml>>.)

O evento reuniu políticos como a ex-senadora Marina Silva (PV) e os deputados federais Ricardo Tripoli (PSDB), Paulinho Teixeira (PT) e Ivan Valente (PSOL), o MST e ONGs como Greenpeace, WWF e Pau Brasil. (**Jornal Folha de São Paulo – 23/05/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/919517-at-contra-novo-codigo-florestal-reune-1500-no-ibirapuera.shtml>>.)

[...] que reúne sete ONGs (entre as quais Greenpeace e WWF Brasil) [...]. (**Jornal Folha de São Paulo – 01/06/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/923725-em-nota-ongs-apontam-19-falhas-no-codigo-florestal.shtml>>.)

[...] que tem realizado manifestações em outros países que possuem grandes programas nucleares [...]. (**Jornal O Globo – Blog Razão Social – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/razaosocial/posts/2011/03/18/ong-de-angra-fara-manifestacao-contra-programa-nuclear-brasileiro-369665.asp>>.)

Depois da mobilização dos ruralistas que levou 15 mil pessoas à Esplanada dos Ministérios para defender mudanças no Código Florestal, amanhã será a vez da reação dos ambientalistas e trabalhadores rurais [...]. [...] reunirá a ISA (Instituto SocioAmbiental), o *Greenpeace* e o SOS Mata Atlântica com entidades sociais do campo, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), Fetraf (Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar), MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e MPA (Movimentos dos Pequenos Agricultores). Haverá também protestos em frente ao Ministério de Agricultura e do Ministério de Minas e Energia. (**Jornal O Globo – 06/04/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/06/ambientalistas-sem->

[terra-imitam-udr-protestarao-amanha-em-brasilia-contra-novo-codigo-florestal-924175147.asp](http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contra-angra-iii-924358940.asp)>.)

A Juventude Verde Nacional, os voluntários do Greenpeace, e o Partido Verde-RJ fizeram uma manifestação [...]. Os manifestantes [...] também contavam com entidades ambientalistas da região [...]. (**Jornal O Globo – 01/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contra-angra-iii-924358940.asp>>.)

A ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva esteve presente ao ato, organizado por ONGs de defesa ao meio ambiente, entre elas a SOS Mata Atlântica, o Greenpeace e a WWF Brasil. (**Jornal O Globo – 22/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/22/manifestantes-protestam-em-sp-contra-reforma-do-codigo-florestal-924511164.asp>>.)

O texto, assinado por uma série de organizações, inclusive o *Greenpeace* [...]. (**Site Greenpeace – 07/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/22/manifestantes-protestam-em-sp-contra-reforma-do-codigo-florestal-924511164.asp>>.).

Reunidos em Parintins (AM), agricultores familiares, extrativistas, cientistas e ambientalistas [...]. [...] centenas de ribeirinhos, extrativistas e organizações que representam os povos da floresta estão na cidade de Parintins, no Amazonas [...]. O grito somou-se à manifestação de cerca de 3 mil agricultores de base familiar e pequenos produtores rurais em Brasília na semana passada [...]. (**Site Greenpeace – 15/04/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Das-florestas-para-o-Congresso/>>.)

Um grupo de organizações representativas da sociedade lançaram ontem, em Brasília, o Comitê Brasil [...]. Composto por órgãos como Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Central Única dos Trabalhadores (CUT), além de ONGs ambientalistas como o Greenpeace [...]. (**Site Greenpeace – 08/06/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Peso-pesados-pela-floresta/>>.)

Estiveram presentes representantes de importantes blocos de rua da cidade, como Simpatia é Quase Amor, Banda de Ipanema, Barbas e Imprensa que eu Gamo, entidades como a Organização dos Advogados do Brasil (OAB), políticos, diversas ong's e, claro, muitos foliões. (**Site Greenpeace – 19/06/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Domingo-de-samba-pelas-florestas/>>.)

As análises mostram que as ações do *Greenpeace* demonstram coesão no momento em que são realizadas simultaneamente em diferentes locais, bem como por diferentes grupos, mas sempre buscando o mesmo objetivo. Pode-se afirmar que, desse modo, comprometem-se os seus parceiros, o que põe em evidência porque a organização possui um número elevado de pessoas envolvidas com a sua causa. O *Greenpeace*, como produtor social da mobilização, deve oferecer condições para que estas ações ocorram e envolvam diferentes atores.

Faz-se possível notar que a participação de distintos grupos nas ações efetuadas pelo *Greenpeace* é grande e que isso acaba por influenciar nos resultados conquistados pela organização. A coletivização fortalece o movimento, da mesma forma que dá pluralidade à

sua base. Esta ideia pode ser aproximada à de Scherer-Warren (2011), para quem os movimentos sociais ganharam novos contornos, a partir dos anos 90, quando começaram a atuar em rede para fortalecer-se.

Além disso, a partir da característica intrínseca dos movimentos sociais, eles são atores coletivos (MAIA e MENDONÇA, 2008) que necessitam estar em relação com demais atores sociais a fim de efetivar as suas ações.

### 3.4.1.3 Consequências das ações ativistas

Os desencadeamentos ocasionados pelas ações ativistas precisam ser apontados para que se conheça o seu alcance. O *Greenpeace* articula os seus atos de forma espetacular para alcançar os seus objetivos, mas isso, muitas vezes, não traz somente a conquista de suas reivindicações.

[...] levou a presidente Dilma Rousseff a cancelar a inauguração da usina, prevista para hoje. Segundo a **Folha** apurou, a equipe precursora do Planalto soube da movimentação dos ambientalistas e alertou a presidente de que enfrentaria desgaste. Seria o primeiro discurso de Dilma em palanque desde que assumiu o cargo. O cancelamento da visita de Dilma foi comunicado na noite de anteontem ao presidente da CGTEE (Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica), Sereno Chaise, aliado histórico de Dilma no Estado [...]. (**Jornal Folha de São Paulo – 28/01/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...ar-protesto-ambientalista.shtml>>.)

Representantes da Secretaria-Geral da Presidência da República conversaram com os ativistas e receberam o manifesto do *Greenpeace*. Três manifestantes do *Greenpeace* permaneceram por alguns minutos sentados embaixo da rampa do Palácio do Planalto e foram conduzidos pela segurança à Polícia Federal. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

A segurança da Câmara, no entanto, retirou a faixa. (**Jornal Folha de São Paulo – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/910707-camara-nao-recebeu-sinal-para-parar-votacao-de-lei-florestal.shtml>>.)

[...] eles foram detidos por seguranças da Câmara e do Senado. Alguns dos seguranças chegaram a apontar aos manifestantes armas de choque. Os manifestantes foram imobilizados e o grupo sentou abaixo da cúpula da Câmara. Após os seguranças desinflarem a torre eólica, os ativistas deixaram o local pacificamente. (**Jornal O Globo – 24/02/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/02/24/ativistas-do-greenpeace-fazem-manifestacao-no-congresso-923874292.asp>>.)

Por volta das 10h desta sexta-feira (18), o grande volume de menções fez a expressão 'Pare Angra III' [...] entrar para a lista dos *Trending Topics*, os assuntos mais comentados da rede social. Muitos usuários saíram em defesa da iniciativa e demonstraram apoio ao manifesto, compartilhando o link da petição. Um grande número de tuiteiros, no entanto, chamou atenção para o perigo oferecido por outras formas de energia adotadas pelo Brasil, taxando de ignorante a 'repentina' oposição

ao projeto nuclear brasileiro. [...] os *banners* levados foram rasgados por seguranças e três ativistas foram detidos. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contra-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

Quatro pessoas ficaram detidas na Sede da Polícia Legislativa do Senado. Dois fotógrafos da imprensa foram agredidos. (**Site Greenpeace – 24/02/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-revolucao-esta-na-lei/>>.)

O adiamento da votação sobre o Código Florestal em Brasília foi uma vitória. Mas parcial. [...] Não foi dessa vez. Mesmo após um forte lobby ruralista, o projeto que derruba o Código Florestal acabou não sendo votado nesta quarta-feira, 4 de maio, como era esperado. (**Site Greenpeace – 05/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Paramos-a-motosserra-Atequando/>>.)

A análise mostra que, em muitas situações, os ativistas sofrem algum tipo de repressão. De certa forma, considera-se que se os ativistas sofrem algum tipo de coerção é porque as suas reivindicações atingem dimensões maiores que vão contra os poderes estabelecidos. Do mesmo modo, eles conseguem atingir alguns de seus objetivos pelo tipo de ação que desenvolvem e pelas proporções que elas assumem.

Além disso, os desencadeamentos destas ações ativistas podem gerar visibilidade e ancorar a discutibilidade, proporcionando, dessa maneira, que debates sejam gerados a partir das consequências das ações ativistas desenvolvidas pelo *Greenpeace*.

#### 3.4.1.4 Oposição do movimento

Para Touraine (1978), o movimento social deve possuir um contra-movimento, ou seja, o seu adversário. Assim é necessário verificar qual a instituição que está sendo enfrentada pelo *Greenpeace* em suas ações ativistas. De uma forma geral, a oposição da organização acha-se frente aos poderes estabelecidos, ou seja, contra o governo, as grandes organizações e as indústrias. Isso porque é o governo que possui poder para criar políticas públicas em defesa do meio ambiente, enquanto as indústrias e as grandes organizações são as maiores responsáveis pela devastação ambiental. Pode-se, nesse aspecto, corroborar a afirmativa, de acordo com a análise dos textos. As ações, geralmente, são voltadas ao governo de Dilma Rouseff. Os ativistas cobram da presidente uma posição quanto aos acontecimentos, bem como o cumprimento das promessas garantidas durante a sua campanha eleitoral.

[...] um apelo para que o BNDES suspenda o financiamento no valor de R\$ 6,1 bilhões para a construção da usina nuclear de Angra III. (**Jornal Super Notícia – 26/04/2011** - Disponível em:

<http://www.otempo.com.br/supernoticia/noticias/?IdNoticia=56308,SUP&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

[...] Dilma defendeu em sua campanha, no ano passado, a utilização de energia limpa. (**Jornal Folha de São Paulo – 28/01/2011** - Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/po...ar-protesto-ambientalista.shtml>>.)

[...] pedindo à presidenta Dilma Rousseff o fim do uso da energia nuclear no país. (**Jornal O Globo – Blog Ecoverde – 18/03/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/ecoverde/posts/2011/03/18/greenpeace-faz-ato-pedindo-fim-do-uso-de-energia-nuclear-369580.asp>>.)

O grupo quer pressionar o governo e o Congresso [...]. (**Jornal O Globo – 06/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/06/ambientalistas-sem-terra-imitam-udr-protestarao-amanha-em-brasilia-contrano-novo-codigo-florestal-924175147.asp>>.)

[...] contra o programa nuclear brasileiro e a construção da Usina Angra III. A iniciativa buscou criticar a utilização da energia nuclear na matriz energética nacional. (**Jornal O Globo – 01/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contrangra-iii-924358940.asp>>.)

[...] a entidade é contra o projeto do Código Florestal da forma como foi aprovado pela Câmara dos Deputados por discordar da anistia aos desmatadores e por temer que a derrubada da floresta cresça. (**Jornal O Globo – 30/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/30/greenpeace-protesta-contradesmatamento-codigo-florestal-em-evento-do-agronegocio-em-sp-924559830.asp>>.)

No dia 1º de janeiro Dilma defendeu o uso de energias renováveis. Menos de um mês depois apóia publicamente a inauguração de uma usina movida a carvão. Afinal, qual é a posição da presidente? (**Site Greenpeace – 28/01/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Mais-uma-vela-para-o-passado/>>.)

De acordo com Maia (2008b, p. 81), o governo “por ser a instância destinada a resolver as disfunções dos sistemas sociais que causam prejuízos aos cidadãos e os problemas de integração social que o estado se torna alvo das ações coletivas [...]”. Por isso, pode-se notar que as ações ativistas voltam-se majoritariamente contra as políticas do governo.

Conforme este pensamento, pode-se resgatar o modelo de circulação do poder político (HABERMAS, 2003), em que os movimentos sociais buscam, através de suas ações, influenciarem os centros decisórios de poder. A organização tenta, nesta ótica, repensar as políticas governamentais, uma vez que, como representante das minorias (SODRÉ, 2005; BARBALHO, 2005), tem este papel junto aos poderes estabelecidos.

#### 3.4.1.5 Objetivos do movimento

A categoria “objetivos do movimento” refere-se aos fins buscados pela organização com as ações de mobilização social. Os objetivos do *Greenpeace*, de uma forma geral, estão

alinhados à sua missão de defender o meio ambiente. De forma complementar, o propósito da organização converge para os seus escopos de trabalho.

Todas as ações desenvolvidas pela organização têm um objetivo a ser alcançado. Além daqueles já citados anteriormente, o *Greenpeace* almeja chamar a atenção do público em geral e dos poderes estabelecidos para os problemas ambientais. Para tanto, as suas ações possuem características espetaculares.

[...] o protesto ocorreu para pedir maior investimento e uso de energia limpa no país. (**Jornal O Tempo** – **24/02/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=111567&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

O objetivo era fazer um alerta sobre os perigos de um acidente nuclear [...]. (**Jornal Super Notícia** – **26/04/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/supernoticia/noticias/?IdNoticia=56308,SUP&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

[...] chamar atenção dos parlamentares para o projeto de lei 603/03, conhecido com Lei de Renováveis. (**Jornal O Globo** – **24/02/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/02/24/ativistas-do-greenpeace-fazem-manifestacao-no-congresso-923874292.asp>>.)

[...] combater o *lobby* da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), que apóia o projeto apresentado pelo deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP). A Marcha em defesa do Código Florestal, contra os agrotóxicos e pela reforma agrária [...]. Além do protesto contra a aprovação do novo Código Florestal, o grupo também pretende pedir o cancelamento das obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e o cumprimento do decreto assinado pelo então presidente Lula, em outubro de 2010, que cria o cadastro sócio-ambiental dos atingidos por barragens. (**Jornal O Globo** – **06/04/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/06/ambientalistas-sem-terra-imitam-udr-protestarao-amanha-em-brasilia-contrano-novo-codigo-florestal-924175147.asp>>.)

[...] o público poderá saber mais sobre como o meio ambiente está no seu dia-a-dia e como o Greenpeace cria e produz ações práticas em sua defesa. (**Site Greenpeace** – **20/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ubatuba-e-Guaruja-recebem-campanha-Tem-Greenpeace-no-seu-dia/>>.)

O U2 ajudará o *Greenpeace* a conscientizar os brasileiros sobre a necessidade de preservar as florestas do país. (**Site Greenpeace** – **04/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Greenpeace-e-U2-se-unem-pelas-florestas-brasileiras/>>.)

Desmatamento zero e tratamento diferenciado da agricultura familiar são parte de uma lei florestal realmente justa. (**Site Greenpeace** – **07/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Manifesto-pelas-florestas-do-Brasil/>>.)

O texto de Aldo, ditado pelos ruralistas, não pode ser votado hoje. Ele precisa ser debatido em profundidade com a sociedade – o que não aconteceu. (**Site Greenpeace** – **03/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

O Greenpeace pede um pronunciamento oficial do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). O Greenpeace e a população das duas cidades afetadas pelo descaso do programa nuclear brasileiro pedem este pronunciamento oficial, com respostas às dúvidas que pairam e uma resolução final para o impasse. (**Site Greenpeace** – **19/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Uranio-entre-o-caos-e-o-silencio/>>.)

De uma forma geral, as ações conseguem ter repercussão na mídia e, conseqüentemente, alcançam visibilidade, o que acaba pautando a discussão sobre o meio ambiente tanto nos meios de comunicação, como entre a ordem do dia dos políticos. Os objetivos buscados pela organização são relevantes também, assim como mantêm latente o propósito maior de proteger o meio ambiente. Todas as ações realizadas possuem um motivo norteador da questão, de tal modo que não lhes permite serem esparsas.

Verifica-se que os objetivos do *Greenpeace* são veiculados, na maioria das vezes, em seu *site*. Os jornais também informam os objetivos propostos pela organização, contudo, o *site* institucional, por sua própria função, desempenha melhor este papel. Na maioria das notícias veiculadas ali, há a exposição dos objetivos organizacionais para justificar as ações engendradas.

#### 3.4.1.6 Ação histórica do movimento

Conforme Touraine (1978), a totalidade do movimento caracteriza-se como o seu campo de atuação ou, nas palavras do autor, como o seu sistema de ação histórica. Para Touraine (1978), o movimento fala em nome do passado e do futuro para construir a sua base presente.

As temáticas problematizadas pelo *Greenpeace* possuem raízes históricas que denunciam os problemas ambientais como resposta ao uso indiscriminado dos recursos naturais, entre outras causas. As bases futuras das ações buscam a melhoria deste cenário ambiental. Assim compreendido, o contexto histórico justifica os objetivos almejados pelo *Greenpeace*. Percebe-se que a ação histórica das ações do movimento serve também como uma justificativa à ação realizada, da mesma forma que também se presta como um alerta de prevenção baseado em acidentes ambientais ocorridos anteriormente. Além de justificar os escopos de trabalho da organização, que variam de acordo com o país, a ação histórica reforça a importância do trabalho desenvolvido pela organização.

Na véspera do aniversário de 25 anos de Chernobyl, eles simularam um acidente nuclear [...]. (**Jornal Super Notícia** – **26/04/2011** - Disponível em:

<http://www.otempo.com.br/supernoticia/noticias/?IdNoticia=56308,SUP&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

Citando o acidente na Usina Nuclear de *Fukushima*, no Japão, os manifestantes pedem a suspensão da construção da Usina Nuclear Angra 3, no Rio de Janeiro, e a paralisação dos investimentos em energia nuclear. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

[...] acidente em Chernobyl, considerado o pior acidente nuclear da História, em 1986. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/greenpeace-faz-protesto-no-palacio-do-planalto-contr-a-uso-de-energia-nuclear-924039702.asp>>.)

Em meio aos temores de uma catástrofe nuclear no Japão [...]. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contr-a-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

Segundo Baitelo, a data do protesto foi escolhida para relembrar o pior acidente nuclear que o mundo já assistiu, em Chernobyl, no Norte da Ucrânia. Amanhã, dia 26 de abril, o acidente completa 25 anos, mas, segundo ele, continua a fazer vítimas. 'Nós temos um histórico de 90 mil mortos por câncer que pode vir a aumentar futuramente.' (**Jornal O Globo – Blog Ecoverde – 25/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/ecoverde/posts/2011/04/25/greenpeace-faz-protesto-contr-a-financiamento-de-angra-3-376502.asp>>.)

O protesto foi motivado pela preocupação gerada pelo acidente de Fukushima no Japão. Esse acidente reabriu uma ferida antiga: o questionamento mundial sobre uso da energia nuclear. Outros casos foram lembrados, como os 25 anos do acidente de Chernobyl e o manejo irregular do Césio 137 em Goiânia em 1987. (**Jornal O Globo – 01/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contr-a-angra-iii-924358940.asp>>.)

A data do protesto foi escolhida para relembrar o pior acidente nuclear que o mundo já assistiu, em Chernobyl, atual Ucrânia. No dia 26 de abril o acidente completa 25 anos, mas continua a fazer vítimas. O perigo da energia nuclear, no entanto, parece não querer ser esquecido. O recente acidente em *Fukushima*, no dia em que completou seu primeiro mês, foi elevado à categoria 7, mesmo nível de gravidade de Chernobyl. (**Site Greenpeace – 24/04/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/BNDES-financia-um-calhambeque-atomico/>>.)

#### 3.4.1.7 Dimensão estética do movimento ou fatores de publicização

A dimensão estética do movimento ou os fatores de publicização são elementos que permitem a identificação do *Greenpeace*. De acordo com Henriques (2004), estes fatores, além de estarem relacionados com a dimensão estética do movimento, são responsáveis pela coesão identitária do projeto mobilizador.

As ações da organização respeitam algumas formas de identificação, como no caso do escopo Amazônia em que o Código Florestal foi debatido, a chamada “Desliga a motosserra”, mencionada em continuidade, foi utilizada para dar coesão à campanha. A partir

destes elementos, é possível que as pessoas, de uma maneira geral, reconheçam a ação como parte de uma atividade relacionada ao *Greenpeace*, concedendo-lhe maior visibilidade às suas ações, bem como maior reconhecimento e legitimidade à organização.

Os ativistas utilizam objetos para identificar o movimento e, da mesma forma, chamar a atenção das pessoas. Estes elementos funcionam como mídias alternativas que, de alguma maneira, transmitem uma informação. Os materiais usados, além de informativos, possuem uma referência estética bastante elevada, o que demonstra o profissionalismo com que são produzidos.

São painéis que retratam toda a biodiversidade desse ecossistema e os riscos da sua devastação para a humanidade. (**Jornal O Tempo – 16/02/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=163630,OTE&busca=greenpeace&pagina=2>>.)

Vestidos com capas de proteção e máscaras, um grupo subiu a rampa do Planalto e abriu uma faixa [...]. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

Os manifestantes colocaram uma faixa no gramado em frente ao Congresso com os dizeres: "Congresso desliga a motosserra". (**Jornal Folha de São Paulo – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/910707-camara-nao-recebeu-sinal-para-parar-votacao-de-lei-florestal.shtml>>.)

Bicicleta solar, teatro, desenho infantil e pintura de rosto fazem parte da programação. No espaço, exposição fotográfica e teatro itinerante. (**Jornal Folha de São Paulo – 03/06/2011** - Disponível em: <<http://guia.folha.com.br/passeios/ult10050u923610.shtml>>.)

Vestidos de amarelo e usando máscaras, cerca de 20 ativistas participaram da manifestação. O grupo subiu a rampa do Planalto e abriu cartazes com votos de vítimas do acidente em Chernobyl [...]. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/greenpeace-faz-protesto-no-palacio-do-planalto-contr-a-uso-de-energia-nuclear-924039702.asp>>.)

[...] cerca de 20 pessoas que usavam macacões e máscaras de gás na tentativa de chamar a atenção da população para os riscos gerados pelas usinas nucleares. Os manifestantes ainda lançaram vários sinalizadores coloridos que provocaram uma camada densa de fumaça nas proximidades da sede do banco. Máscaras de gás que faziam alusão à contaminação por radiação provocada por acidentes nucleares [...] também foram distribuídas as pessoas que passavam pelo local. (**Jornal O Globo – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/25/ambientalistas-protestam-contr-a-energia-nuclear-na-sede-do-bndes-924308639.asp>>.)

Uma fumaça de cor laranja chamou a atenção de quem passava hoje pela manhã, na Avenida República do Chile, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Manifestantes do Greenpeace simularam um acidente nuclear em frente à sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os ativistas, vestidos como equipes de resgate em acidentes nucleares, carregavam cartazes com dizeres contrários à liberação do investimento. O grupo distribuiu máscaras para as pessoas que passavam pelo local durante o protesto. (**Jornal O Globo – Blog Ecoverde – 25/04/2011** - Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/blogs/ecoverde/posts/2011/04/25/greenpeace-faz-protesto-contr-financiamento-de-angra-3-376502.asp>>.)

[...] levantaram mais uma vez a clássica bandeira de luta "Energia Nuclear? Não Obrigado". (**Jornal O Globo – 01/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contr-angra-iii-924358940.asp>>.)

O Greenpeace estendeu uma grande faixa no gramado do Congresso nesta tarde, com a frase "Congresso, desliga a motosserra.". (**Jornal O Globo – 03/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/03/texto-do-codigo-florestal-esta-longe-do-consenso-diz-ministra-924379836.asp>>.)

Os manifestantes ligaram uma motosserra em frente ao hotel e seguraram cartazes em que se lia "Desligue essa motosserra". Em outro "Código Florestal: o que é ruim para o Brasil - Fórum dos donos da motosserra". Um dos integrantes do Greenpeace entregou a um dos organizadores do fórum uma das faixas [...]. (**Jornal O Globo – 30/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/30/greenpeace-protesta-contr-desmatamento-codigo-florestal-em-evento-do-agronegocio-em-sp-924559830.asp>>.)

*Greenpeace* põe no prédio do Congresso uma torre eólica [...]. Um grupo de dez pessoas 'plantou' uma torre eólica inflável de 25 metros ao lado da cúpula da Câmara Federal, onde se lia a frase 'Energia limpa. Voto no futuro'. Por duas horas os ativistas se mantiveram sentados no local. (**Site Greenpeace – 24/02/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-revolucao-esta-na-lei/>>.)

[...] estender uma faixa dizendo 'Congresso, desliga a motosserra' no Bumbódromo, onde acontece a tradicional Festa do Boi-Bumbá [...]. (**Site Greenpeace – 15/04/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Das-florestas-para-o-Congresso/>>.)

Ativistas do Greenpeace oferecem peixes de Fukushima e batatas de Chernobyl na porta de almoço promovido pela Eletronuclear para promover energia atômica a empresários. [...] ativistas do Greenpeace serviram peixes e batatas, simbolizando a contaminação das águas de Fukushima e dos solos de Chernobyl, regiões afetadas por graves acidentes atômicos. [...] um manifestante vestido de cozinheiro, oferecendo em uma bandeja os ícones da contaminação alimentar. Dois cartazes advertiam ainda que consumir alimentos atômicos causa diarreia e impotência. (**Site Greenpeace – 27/04/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Radioatividade-para-o-almoco/>>.)

O recado não podia ser mais claro: "Congresso, desliga a motosserra", escrito numa faixa de 10 por 30 metros estendida em frente ao prédio do Legislativo em Brasília [...]. (**Site Greenpeace – 03/05/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

Na chegada, foram recepcionados por ativistas do Greenpeace com uma faixa que rebatizou o evento como 'Forum dos donos da motosserra'. A manifestação teve como "música de fundo" o ronco de uma motosserra. (**Site Greenpeace – 30/05/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Donos-da-motosserra-em-Sao-Paulo/>>.)

Na porta da embaixada, os ativistas exibiram um cartaz com a frase "Merkel, não dê dinheiro para nuclear no Brasil", estampada com fotos de seguidores do Greenpeace nas redes sociais: as imagens acompanhavam uma frase de protesto contra a construção de Angra 3. Foram mais de 250 fotos recebidas em pouco mais de um mês de mobilização. (**Site Greenpeace – 08/06/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Nuclear-nos-outros-e-refresco/>>.)

Para participar do grito de carnaval pelas matas, basta comparecer, com a camisa do seu bloco, fantasia, ou simplesmente de verde. (Site *Greenpeace* – 15/06/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Momo-abre-os-bracos-sobre-as-matas-/>>.)

Em cima do carro de som, ou no asfalto da orla, eles cantarão os sucessos do samba que falam da exuberância natural e das belezas do nosso país. Para participar, basta aparecer. Fantasiado, com a camisa do seu bloco, ou simplesmente de verde. O Greenpeace estará presente no evento, com uma ala de árvores. (Assista ao vídeo que ensina a fazer uma fantasia como a nossa abaixo). (Site *Greenpeace* – 17/06/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-samba-das-florestas-pede-passagem/>>.)

O Greenpeace comandou a ala das árvores e distribuiu fantasias e estandartes a todos os participantes. Nos céus, a imagem que predominava era a dos cartazes verdes, que diziam: "Dilma, desliga essa motosserra". (Site *Greenpeace* – 19/06/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Domingo-de-samba-pelas-florestas-/>>.)

Verifica-se, desse modo, que a dimensão estética do movimento aparece na forma de painéis, frases de efeito, capuz de proteção, faixas, máscaras, entre outros itens, que são utilizados pelos ativistas do *Greenpeace* como elementos identitários do movimento, capazes de dar coesão às ações. Todos eles, entendidos como mídias alternativas, dão visibilidade ao *Greenpeace*.

Pelos exemplos citados, constata-se que as formas espetaculares desenvolvidas são inúmeras e que o formato lúdico está fortemente presente nas atividades. De acordo com Mafra (2008), o movimento não pode ser somente racional. Ele deve manter as suas bases espetaculares, que são vistas, pelo autor, como um aspecto positivo, para gerar uma audiência simpatizante que se torne interlocutores com embasamento crítico-racional em prol do movimento. Além disso, os aspectos espetaculares geram visibilidade ampliada aos movimentos. Scherer-Warren (2011) acredita que os NMS (Novos Movimentos Sociais), que atuam em rede, adotam estes recursos simbólicos a fim de realizar manifestações públicas para sensibilizar os campos político e cultural.

#### 3.4.1.8 Dimensão ética do movimento ou fatores litúrgicos

A dimensão ética do movimento ou os seus fatores litúrgicos estão relacionados aos valores e às crenças do movimento e ao tipo de ação desenvolvida. Segundo Henriques (2004), os fatores litúrgicos estão associados à dimensão ética do movimento ou ao seu horizonte ético, conforme ponderam Toro e Werneck (2004). Henriques (2004) considera que

estes fatores são importantes, uma vez que dão continuidade às ações desenvolvidas pelo movimento.

O *Greenpeace* possui valores (independência, não violência, confronto pacífico e engajamento) e realiza as suas ações de acordo com estes princípios. Seus valores, assim como norteiam as suas ações, dão os seus contornos e as características dos atos, já que precisam responder à ideologia da organização. As ações ativistas da organização são desenvolvidas sem ferir os seus valores de não violência e de confronto pacífico.

[...] protesto pacífico [...]. (**Jornal O Globo** – **25/04/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/25/ambientalistas-protestam-contr-energia-nuclear-na-sede-do-bndes-924308639.asp>>.)

O *Greenpeace* é uma organização independente, não aceita dinheiro de governos, partidos ou empresas. Ele existe graças às contribuições de milhões de colaboradores em todo o mundo, defendendo soluções ambientalmente seguras e socialmente justas, que ofereçam esperança para essa e para as futuras gerações. (**Site Greenpeace** – **20/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ubatuba-e-Guaruja-recebem-campanha-Tem-Greenpeace-no-seu-dia/>>.)

A reação intempestiva dos seguradoras é um contraponto às intenções do *Greenpeace*: promover um desenvolvimento limpo e pacífico do país. (**Site Greenpeace** – **24/02/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-revolucao-esta-na-lei/>>.)

Observa-se a dificuldade em encontrar as premissas éticas do *Greenpeace* nas notícias veiculadas nos três jornais selecionados. Como se pode notar, pelos recortes apresentados, nesta categoria, os valores da organização tiveram maior presença nas matérias veiculadas pelo *site* institucional da organização. Entende-se, no caso, que os valores do *Greenpeace* não apresentam grande importância como valor notícia aos jornais. Assim, identifica-se que a organização consegue tangenciar este déficit em seu *site*, que tem este papel em sua funcionalidade, ou seja, assim como os objetivos do movimento, os aspectos éticos da organização são divulgados, em maior escala, no *site* do *Greenpeace* que possui função com tal objetivo, complementar com informações institucionalizadas as notícias veiculadas em outros meios de comunicação.

#### 3.4.1.9 Dimensão técnica do movimento

A dimensão técnica do movimento, segundo Henriques (2004, p. 90), “é a dimensão prática de processo de identificação, representa o *modus operandi*”, ou seja, a forma como ela ocorre. Ainda, segundo o mesmo autor, esta dimensão está relacionada à informação

qualificada sobre como fazer. Sodré (2005) classifica as ações encetadas pelos movimentos como estratégias discursivas.

Os atos desenvolvidos pelo *Greenpeace* realizam-se em ambientes físicos e virtuais, ou seja, ou eles desenvolvem-se em forma de atos executados em determinados locais com o uso de estratégias espetaculares ou as suas ações ocorrem no ciberespaço por meio de petições *on line*, por exemplo. Os atos buscam, através de ações espetaculares, chamar a atenção das pessoas para a causa defendida pela organização. Para tanto, adotam-se formas e objetos que atraem as pessoas, assim como problematizam-se os seus escopos ao levar as suas reivindicações aos centros decisórios de poder. Mas o *Greenpeace* também possui ações lúdicas para tratar dos problemas ambientais.

[...] o *Greenpeace* inaugura, hoje, a exposição fotográfica [...]. A mostra é gratuita e fica montada na praça de alimentação do ItaúPower Shopping até segunda-feira, das 10h às 22h. O grupo também vai filiar os interessados em fazer parte da ONG. (**Jornal O Tempo – 16/02/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=163630,OTE&busca=greenpeace&pagina=2>>.)

[...] ambientalistas articulavam uma manifestação contra o funcionamento de Candiota 3, no Rio Grande do Sul [...]. Na última semana, uma equipe da ONG produziu imagens da usina para usar em um documentário com críticas ao governo. (**Jornal Folha de São Paulo – 28/01/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...ar-protesto-ambientalista.shtml>>.)

Ativistas do Greenpeace fizeram nesta sexta-feira um ato em frente ao Palácio do Planalto [...]. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

Cerca de 20 integrantes da ONG *Greenpeace* se reuniram em frente ao prédio do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social) no centro do Rio, nesta segunda-feira [...]. A concentração ocorreu por volta das 9h30, com grupos [...]. (**Jornal Folha de São Paulo – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...ntra-usina-nuclear-no-rio.shtml>>.)

Um grupo de ativistas do Greenpeace tentou iniciar na tarde de hoje um protesto contra a votação do novo Código Florestal. (**Jornal Folha de São Paulo – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/910707-camara-nao-recebeu-sinal-para-parar-votacao-de-lei-florestal.shtml>>.)

Uma nota técnica assinada pelo movimento SOS Florestas [...] aponta 19 falhas na proposta do novo Código Florestal e afirma que o texto "incentiva novos desmatamentos" e permite uma "isenção quase generalizada" aos infratores ambientais. (**Jornal Folha de São Paulo – 01/06/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/923725-em-nota-ongs-apontam-19-falhas-no-codigo-florestal.shtml>>.)

Voluntários da ONG realizam atividades de conscientização ambiental. (**Jornal Folha de São Paulo – 03/06/2011** - Disponível em: <<http://guia.folha.com.br/passeios/ult10050u923610.shtml>>.)

O *Greenpeace* [...] também estuda a possibilidade de realizar atos no Brasil contra a energia nuclear. Pela internet, a ONG já lançou um manifesto. (**Jornal O Globo –**

**Blog Razão Social – 18/03/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/razaosocial/posts/2011/03/18/ong-de-angra-fara-manifestacao-contra-programa-nuclear-brasileiro-369665.asp>>.)

[...] um manifesto on-line lançado pelo Greenpeace [...]. No *Twitter*, o *Greenpeace* Brasil incentivava pessoas a enviarem mensagens para o perfil da presidente Dilma Rousseff e a assinarem a petição contra a construção da usina, que será enviada ao governo federal. Na última terça-feira, o grupo enviou ao procurador do Ministério Público Federal em Angra dos Reis, Fernando Lavieri, um documento pedindo a suspensão da licença de operação concedida à Angra III até que novas normas sejam fixadas. A ação na internet foi coordenada com uma breve manifestação de ativistas em Brasília, na manhã desta sexta. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contra-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

O *Greenpeace* levará ao show do U2, neste final de semana em São Paulo, voluntários para informar ao público sobre a importância de proteger o meio ambiente. A ONG vai montar um estande do Morumbi, onde a banda inglesa se apresentará, onde realizará também atividades. A entidade, que é parceria de longa data do grupo, fará também uma mobilização via web para recrutar novas adesões para a causa ambiental. (**Jornal O Globo – Blog Razão Social – 06/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/razaosocial/posts/2011/04/06/show-do-u2-em-sp-tera-voluntarios-do-greenpeace-373318.asp>>.)

A marcha sairá do pavilhão de exposições do Parque da Cidade, às 7h, [...]. A previsão é que chegue às 9h à frente do Congresso Nacional, onde ocorrerá um ato público. (**Jornal O Globo – 06/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/04/06/ambientalistas-sem-terra-imitam-udr-protestarao-amanha-em-brasilia-contra-novo-codigo-florestal-924175147.asp>>.)

O ato, que durou cerca de uma hora, era um protesto [...]. O ativista disse ainda que o *Greenpeace* já procurou a direção do banco para pedir suspensão do financiamento de R\$ 6,1 bilhões destinados às obras da usina em Angra. (**Jornal O Globo – Blog Ecoverde – 25/04/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/ecoverde/posts/2011/04/25/greenpeace-faz-protesto-contra-financiamento-de-angra-3-376502.asp>>.)

Durante o ato [...] foi lançada na região a campanha do Greenpeace "A energia que mata. Nuclear Não". Na manifestação os participantes se mobilizaram a favor da petição online que busca, por meio de redes sociais, o apoio para a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da deputada Aspásia Camargo (PV-RJ) que dá prioridade no uso de fontes alternativas de energia e determina a paralisação de projetos que visem à instalação de novas usinas nucleares no Estado do Rio, inclusive Angra III. Também foi distribuído cópia do requerimento, de iniciativa do deputado estadual Xandrinho (PV-RJ), para instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI na ALERJ que busca investigar o cumprimento das exigências do licenciamento ambiental do complexo nuclear. (**Jornal O Globo – 01/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/01/jovens-do-greenpeace-ambientalistas-fazem-manifestacao-contra-angra-iii-924358940.asp>>.)

Cerca de mil pessoas se reuniram na manhã deste domingo em volta do Monumento às Bandeiras, em frente ao Parque Ibirapuera, em São Paulo, para protestar contra a reforma do Código Florestal, prevista para ser votada pelo Congresso nesta terça-feira. (**Jornal O Globo – 22/05/2011** - Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/22/manifestantes-protestam-em-sp-contra-reforma-do-codigo-florestal-924511164.asp>>.)

Integrantes do Greenpeace realizaram na manhã desta segunda-feira, em frente a um hotel de São Paulo, um protesto contra o Código Florestal e o desmatamento na

Amazônia Legal. No hotel, cerca de 160 empresários do agronegócio se reuniram para debater o novo código. (**Jornal o Globo – 30/05/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/30/greenpeace-protesta-contradesmatamento-codigo-florestal-em-evento-do-agronegocio-em-sp-924559830.asp>>.)

[...] o Greenpeace lançou uma ação global contra a fabricante de brinquedos. (**Jornal O Globo – Blog Verde – 09/06/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/blogverde/posts/2011/06/09/ken-termina-namorocom-boneca-barbie-385608.asp>>.)

Equipe do *Greenpeace* desce a serra em sua Kombi e mostra como o meio ambiente está no dia-a-dia de cada cidadão. Quem estiver na praia neste final de semana e no próximo poderá encontrar a equipe do Greenpeace e sua já conhecida Kombi, que percorreu o litoral com o projeto 'De praia em praia' no início do ano passado. Quem visitar os locais poderá conhecer a exposição fotográfica [...] que conta com belas imagens do litoral brasileiro e destaca a biodiversidade marinha e ações do Greenpeace em locais como o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. As crianças terão a diversão garantida pelo grupo de teatro dos voluntários de São Paulo. Peixe, tartaruga e polvo contam a história [...] que, encenada a cada duas horas, trará a questão da preservação para um contexto infantil. (**Site Greenpeace – 20/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ubatuba-e-Guaruja-recebem-campanha-Tem-Greenpeace-no-seu-dia/>>.)

[...] várias ONGs, entre elas o *Greenpeace*, aderiram ao abaixo-assinado produzido pelo Movimento Xingu Vivo Para Sempre contra a obra, que pode ser acessado clicando [aqui](#). (**Site Greenpeace – 27/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Cheirando-mal/>>.)

*Greenpeace* protesta no Palácio do Planalto. Peça a Dilma que suspenda os investimentos em energia nuclear. (**Site Greenpeace – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-energia-que-mata/>>.)

Um manifesto lançado hoje em Brasília pede que uma reforma do Código Florestal se baseie no desmatamento zero e no tratamento diferenciado dos agricultores familiares. O texto [...] também deixa claro que o projeto de lei escrito pelo deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) não representa o interesse de quem produz os alimentos no Brasil. Leia a seguir o manifesto [...]. (**Site Greenpeace – 07/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Manifesto-pelas-florestas-do-Brasil/>>.)

[...] dando o que apelidaram de Grito da Floresta. [...] eles circularam um manifesto [...]. O protesto em Parintins faz parte do evento 'Grande Encontro da Floresta, dos Povos e da Produção Sustentável'. (**Site Greenpeace – 15/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Das-florestas-para-o-Congresso/>>.)

Assine nossa petição pelo fim de Angra III. Publique sua foto no Facebook e diga a todos que você está conosco contra Angra 3! (**Site Greenpeace – 24/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/BNDES-financia-um-calhambeque-atomico/>>.)

Boa parte desta vitória em favor de nossas florestas deve-se às pessoas que atenderam ao nosso apelo e foram para as redes sociais, protestando contra a aprovação de um projeto de lei que abandona a nossa tradição legal de proteção da natureza e premia o desmatamento. O governo dormiu no problema. Mas o barulho que fizemos esta semana serviu para acordá-lo. (**Site Greenpeace – 05/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Paramos-a-motosserra-Ate-quando/>>.)

Peça você também ao Ministro Mercadante que faça este pronunciamento oficial e resolva a questão o mais rápido possível:

Pelo email: [ministro@mct.gov.br](mailto:ministro@mct.gov.br); Pelo telefone do gabinete: (61) 3317 7505; Pelo twitter: [www.twitter.com/mercadante](http://www.twitter.com/mercadante). (Site *Greenpeace* - 19/05/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Uranio-entre-o-caos-e-o-silencio/>.)

O Greenpeace acompanhou a viagem do comboio [...]. (Site *Greenpeace* - 20/05/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Cronica-da-bagunca-anunciada/>.)

Uma carta com o pedido de suspensão do financiamento foi protocolada na embaixada. (Site *Greenpeace* - 08/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Nuclear-nos-outros-e-refresco/>.)

Escreva para o CEO da Mattel e peça o fim da destruição das florestas. (Site *Greenpeace* - 08/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ken-acaba-romance-com-Barbie/>.)

Um manifesto divulgado no lançamento dos trabalhos, em evento na sede da OAB em Brasília [...], foi o ponto de partida e deu o tom do comitê [...]. (Site *Greenpeace* - 08/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Peso-pesados-pela-floresta/>.)

Blocos e bandas de carnaval de rua do Rio de Janeiro vão se reunir no próximo domingo, dia 19, em uma batucada em favor das matas brasileiras. Participe. Uma ala do Greenpeace também estará lá. O movimento dos blocos e bandas preparou um manifesto, a ser lido antes do primeiro rufar dos tambores. (Site *Greenpeace* - 15/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Momo-abre-os-bracos-sobre-as-matas/>.)

[...] vamos encher a orla de Copacabana em um protesto musical em favor das nossas matas. (Site *Greenpeace* - 17/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-samba-das-florestas-pede-passagem/>.)

[...] o evento tinha como objetivo reunir assinaturas para um manifesto em favor de um Código Florestal que respeite a riqueza natural brasileira. O manifesto que circulou durante a batucada pede ao Senado e à presidente que não permitam que nossa legislação florestal seja deturpada. (Site *Greenpeace* - 19/06/2011 - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Domingo-de-samba-pelas-florestas/>.)

Observa-se que tanto nos jornais, quanto no próprio *site* da organização, com maior número e frequência, foram oferecidos *links* para que os leitores pudessem informar-se e participar das petições *on line* e das ações nas redes sociais. Segundo Mafra (2008), o ciberespaço pode ser usado para estabelecer “deixas” que atraiam a atenção das pessoas, sendo que a internet oferece estes benefícios que enriquecem a navegação do leitor pela interface. A oferta destes *links* legitima as ações ciberativistas do *Greenpeace*, da mesma forma que reforça as suas reivindicações. A partir daí, a organização consegue redigir documentos que são entregues ao governo com as suas exigências. Por isso, faz-se possível explicar o uso de *links* em maior número pela organização.

Além das atividades desenvolvidas no âmbito virtual, os voluntários da organização atuam em diversas outras formas de ação em espaços físicos a fim de divulgar a causa. Assim, estas ações ativistas dão visibilidade ao movimento, da mesma maneira que conseguem desenvolver outros objetivos propostos pela organização, como os documentos entregues aos respectivos responsáveis, as assinaturas de petições, a inibição de determinadas situações, entre outras a qual se propõe. O *Greenpeace*, como produtor social, cria condições para mobilizar os cidadãos através desta gama de ações ativistas instigadas pelo movimento.

#### 3.4.1.10 Vozes autorizadas do *Greenpeace* ou informação institucionalizada

Pela categoria “Vozes autorizadas do *Greenpeace* ou informação institucionalizada”, pretende-se analisar se, nas matérias, existe a declaração de indivíduos ligados ao *Greenpeace*, assim pode-se verificar se a organização caracteriza-se como fonte na matéria a partir de suas declarações, além de suas ações ativistas.

Entende-se que, a partir do momento em que a organização possui direito à fala nas matérias veiculadas, ela apropria-se de um espaço em que pode institucionalizar a sua ação e defendê-la. Assim sendo, a organização pode posicionar-se frente ao contexto. Nesse sentido, constatou-se que, na maioria das matérias divulgadas, o *Greenpeace* possui um representante que se manifesta em nome da organização, demonstrando que ela possui legitimidade para pronunciar-se.

‘Angra 3 não tem plano de segurança adequado e não apresenta destinação para o lixo radioativo’, disse Ricardo Baitelo, coordenador do *Greenpeace*. (**Jornal O Tempo** – **26/04/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=169499.OTE&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

‘Países como a Alemanha já cancelaram o funcionamento de reatores mais antigos. Podemos ser o primeiro grande país a usar 100% de energia limpa’, disse Ricardo Baitelo, responsável pela campanha de energia do *Greenpeace*. (**Jornal Folha de São Paulo** – **18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

Um texto no *site* da ONG se refere ao financiamento como sendo um ‘calhambeque atômico’. (**Jornal Folha de São Paulo** – **25/04/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...ntra-usina-nuclear-no-rio.shtml>>.)

Segundo postagens no perfil da ONG [...]. (**Jornal O Globo** – **18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contrucao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

O coordenador de campanha de energia do *Greenpeace*, Ricardo Baitelo, assegura que no Brasil existem opções de geração de energia melhores e mais sustentáveis do

que a nuclear. - Nós temos no Brasil outras opções muito mais sustentáveis de energia, mais baratas, mais limpas e que podem ser construídas mais rapidamente, que são a energia eólica, a energia de biomassa e a energia solar. O Brasil não precisa de energia nuclear e a construção de Angra 3 apresenta um grande risco para a população do Rio de Janeiro e para a população brasileira - disse. (**Jornal O Globo – Blog Ecoverde – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/ecoverde/posts/2011/04/25/greenpeace-faz-protesto-contra-financiamento-de-angra-3-376502.asp>>.)

Para o diretor da campanha Amazônia do Greenpeace, Paulo Adário, o relatório se assemelha ao "cavalo de Troia, que esconde suas verdadeiras intenções." Ele acredita que o conjunto de leis deveria partir do princípio do desmatamento zero. Adário também criticou trecho do relatório que concede autonomia ao poder local de autorizar desmatamentos, desde que seja considerado o interesse social. (**Jornal O Globo – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/03/texto-do-codigo-florestal-esta-longe-do-consenso-diz-ministra-924379836.asp>>.)

Furtado disse estar preocupado com a forma como será votado no Senado. - Estou preocupado com o que vai acontecer no Senado. Dilma tem poder de veto, mas é para a última instância. Estão aumentando o desmatamento no país e a violência no campo está crescendo. Não temos indicação clara de como o Senado vai responder. A preocupação é que vários partidos, como PSDB e PMDB, votaram em blocos - disse. (**Jornal O Globo – 30/05/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/30/greenpeace-protesta-contra-desmatamento-codigo-florestal-em-evento-do-agronegocio-em-sp-924559830.asp>>.)

Segundo o responsável pela campanha de energia do Greenpeace Brasil, Ricardo Baitelo, a previsão é que a geração da usina ficará a dever no período da seca, o que fará com que a hidrelétrica tenha um aproveitamento muito abaixo da média das usinas no Brasil. “Não precisamos de Belo Monte. Ela causará mais impacto ambiental do que benefícios”, diz Baitelo. (**Site Greenpeace – 27/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Cheirando-mal-/>>.)

’O *Greenpeace* tem uma parceria de longa data com a banda. Sua música representa boa parte dos princípios que o Greenpeace prega e queremos que essa mensagem – que podemos salvar as florestas – se espalhe entre todos’, afirma Rafael Cruz, responsável pela campanha de floresta no Brasil. (**Site Greenpeace – 04/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Greenpeace-e-U2-se-unem-pelas-florestas-brasileiras/>>.)

’Em um momento dramático para o mundo, em que o aniversário de 25 anos do acidente nuclear de Chernobyl, atual Ucrânia, divide a atenção com outro sério desastre, de igual proporção, em *Fukushima*, no Japão, o presidente da Eletronuclear promove encontro para fazer lobby com empresários em favor de uma energia perigosa para o Brasil’, diz Pedro Torres, da Campanha de Clima e Energia. ’Esta atitude é arrogante, insensível e completamente descabida’, classifica Torres. (**Site Greenpeace – 27/04/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Radioatividade-para-o-almoco/>>.)

“Votar dessa maneira, nessa correria, quando todos pedem reflexão, é um desrespeito com o próprio Congresso e uma irresponsabilidade. Se aprovado, vai deixar a presidente da República refém de um projeto que representa apenas um setor da sociedade, o agronegócio, sem proteger as florestas nacionais”, afirma Paulo Adario, diretor da campanha da Amazônia do Greenpeace. (**Site Greenpeace – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

“O episódio revela a falta de governança do programa nuclear brasileiro. Primeiro, um grande carregamento de material altamente tóxico empreende uma jornada pelas

rodovias brasileiras sem autorização clara de transporte. É levada para uma cidade que rejeita o material e agora é mantida exposta a céu aberto no pátio de uma delegacia, colocando em risco a população”, diz Pedro Torres, da Campanha de Energia do Greenpeace. (**Site Greenpeace – 17/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Descaso-a-ceu-aberto/>>.)

“A Abag nunca escondeu a saudade do tempo em que a agricultura podia se expandir simplesmente avançando sobre área de floresta”, diz Marcio Astrini, da campanha Amazônia do Greenpeace. (**Site Greenpeace – 30/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Donos-da-motosserra-em-Sao-Paulo/>>.)

No *site* da organização, esta “fala” está sempre presente a fim de afirmar e justificar a posição do movimento. Nos jornais, se não há um representante do *Greenpeace* que se pronuncia, verifica-se que as informações a respeito da ação e do movimento são buscadas em seu *site*. Mas de qualquer forma, os jornalistas procuram um posicionamento da organização, o que reflete a sua importância no contexto do fato.

#### 3.4.1.11 Vozes de outras pessoas e/ou instituições envolvidas com a ação

Com a categoria “Vozes de outras pessoas e/ou instituições envolvidas com a ação”, pretende-se identificar se existe o pronunciamento de outras pessoas que se manifestam em seu nome ou em nome de instituições que estão, de certa forma, envolvidas com o acontecimento. Da mesma forma que se buscou observar se o *Greenpeace* possui representação na matéria, deseja-se examinar se as outras instituições envolvidas com o acontecimento pronunciam-se. Compreende-se a importância da “fala” do *Greenpeace*, mas também se concorda que as outras instituições tenham espaço para defender o seu ponto de vista.

Conforme Maia (2008b, p. 101), “o debate midiático é constituído através do ‘arranjo’ das fontes ou das expressões dos sujeitos sociais, que formam uma ‘rede de discursos’ dentro do programa ou produtos da mídia”. Além de ser uma lógica midiática, em que várias vozes são chamadas para compor as matérias, a pluralidade das vozes torna-se importante para que as pessoas tenham mais informações a respeito do fato, de modo a posicionar-se sobre ele. Nas matérias, também se encontram, embora em menor número, o posicionamento de instituições envolvidas nas ações.

O Centro de Operações Rio informou que o protesto não causou reflexos no trânsito. (**Jornal Super Notícia – 26/04/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/supernoticia/noticias/?IdNoticia=56308,SUP&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

O secretário de articulação social, Antônio Lambertucci, disse que a demanda da organização será encaminhada a Dilma. 'Essa demanda vai chegar à presidente por meio do ministro da Secretaria-Geral, Gilberto Carvalho. Nos colocamos à disposição para recebê-los porque nossa função é dialogar', disse Lambertucci. (**Jornal Folha de São Paulo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...energia-nuclear-no-brasil.shtml>>.)

De acordo com o banco [BNDES], a construção de Angra 3 contribuirá para reduzir a importação de energia gerada fora do Rio. (**Jornal Folha de São Paulo – 25/04/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/am...ntra-usina-nuclear-no-rio.shtml>>.)

O ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, não referendou a proposta de Aldo – mesmo após dois meses de diálogo com o deputado, para que refletisse menos desmatamento no texto. Pela manhã, em uma conversa com o Greenpeace e outras organizações ambientalistas, representantes da agricultura familiar e de movimentos sociais, e da iniciativa privada, o ministro afirmou: “Não há discussão de percentagem em política. O governo é 100% contra [a proposta].” (**Site Greenpeace – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

Pode-se inferir, pelos recortes apresentados nesta categoria, que as instituições e os seus representantes não se posicionam contrários em relação ao fato por validar a ação desenvolvida pelo *Greenpeace*, pois analisam que as suas manifestações possuem uma premissa verdadeira. Assim, na maioria das vezes, preferem omitir-se ou pronunciar-se através de declarações amenas, já que se parte da pressuposição de que os jornalistas devem procurá-los para pedir o seu posicionamento em relação à ação efetuada pelo *Greenpeace*.

#### 3.4.1.12 Opiniões de terceiros

Pretende-se verificar se outras pessoas – terceiros – pronunciam-se nos espaços destinados para comentários pelos jornais ou pelo *site* do movimento, tendo em vista que, munidas de informação, as pessoas estão capacitadas para posicionarem-se contra ou a favor em relação ao fato ou ao *Greenpeace*. Nos meios pesquisados, para que o *corpus* fosse construído, enquanto uns oferecem espaços para comentários dos leitores, outros não o fazem. Os motivos para esta escolha não cabe discutir na presente pesquisa, mas se observa que somente dois dos quatro veículos abrem espaços para comentários dos leitores, o jornal O Tempo (Super Notícia) e o *site* do *Greenpeace*, no último caso, por razões de interesse da organização em debater sobre o meio ambiente. Infere-se que esta escolha é uma estratégia adotada pela organização que busca tematizar as suas ações, tendo em vista que as opiniões, ali expressas, constroem um debate que enriquece a discussão sobre os escopos de trabalho do *Greenpeace*.

Ao contrário do que se imaginava, as opiniões a respeito do *Greenpeace* nem sempre são favoráveis. As pessoas, muitas vezes, questionam as suas ações e a própria organização como tal. Mas, em outros comentários, aqueles que se manifestam parabenizam a atuação do *Greenpeace*.

Além disso, no *site*, a colaboração dos comentários é mais pertinente, considera-se, no caso específico, que as pessoas, que acessam o *site* para ler as matérias, de alguma maneira, estão envolvidas com a temática e trazem contribuições mais significativas. Desse modo, encontram-se comentários com sugestões de manifestação, com informações relevantes, com incentivo a outras formas de participação, entre outros.

Uma matéria do jornal O Globo, em especial, despertou a atenção por publicar os “tuites” contra e a favor de uma ciberacção promovida pelo *Greenpeace*. Na matéria, também pode-se notar as posições contrárias e favoráveis ao movimento.

*Nizier Gomide:* O que você tem a dizer, Dilma... A luta pela liberdade é para ter este tipo de conduta ? E esta polícia legislativa é do tempo da ditadura ? Respeitem e ouçam mais o Greenpeace.

*JonhStuart:* Infelizmente temos um país que se diz democrático, mas vemos sempre que não é... Parabéns ao GREENPEACE!!!!

*Paulo:* Mas pq apreender o material?? Com qual autoridade eles têm de recolher o material pra eles? É ilícito? Foi usado para machucar alguém? Eles acham q apreendendo este não surgirão outros? O congresso nacional acha que pode fazer o que bem entender? (**Jornal O Tempo – 24/02/2011** - Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=111567&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

’De que adianta a energia nuclear ser tão econômica se é capaz de causar destruições avassaladoras? Portanto, Pare Angra III!’ , postou @cadu\_666.

’O Brasileiro não entende, enquanto o mundo foge da energia nuclear, nós construímos mais, Pare Angra III’, opinou @rafaelcaas.

’Hidrelétricas produzem gás metano decorrente da decomposição da matéria orgânica que está no fundo da usina... ou seja... NÃO PARE ANGRA III’, rebateu @pedrolipka.

’Absurdo uma tag ‘Pare Angra III’, deviam parar era com as hidrelétricas que inundam casas, áreas verdes e tem maior impacto social’, postou @ninalencar. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contrucao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

*Verde paz:* Greenpeace eu sou de João Pessoa Paraíba e eu gostaria muito que vocês viessem fazer campanhas aqui (**Site Greenpeace – 20/01/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Ubatuba-e-Guaruja-recebem-campanha-Tem-Greenpeace-no-seu-dia/>>.)

*Andre:* Aiai, mais essa agora, não sei não mais do jeito que vai, daqui a pouco não teremos mais a Amazônia não, o governo na verdade está pouco preocupado com o meio ambiente, essa é bem a verdade, enquanto isso vamos procurando fazer a nossa parte, individualmente, que quem sabe um dia isso não muda...

*Pedro Geraldo:* Parabéns ao IBAMA que concedeu Licenciamento Ambiental! Ainda bem que nossos governantes estão preocupados em garantir que haja Energia

para os Brasileiros. A posição da nossa presidenta não poderia ser diferente. Belo Monte demorou 30 anos para sair do papel. Infelizmente este é um dos preços que se paga para termos energia elétrica em nossas casas e pessoas disporem de eletrodomésticos, computadores e outras mordomias do século XXI. Quem gostaria de voltar ao tempo das lamparinas a querosene? Duvido que as pessoas queiram viver com as dificuldades do tempo da pedra lascada. Morar em cavernas escuras sem luz e outras facilidades é impensável. Critiquem Belo Monte mas apontem uma alternativa para as demandas. Criticar é muito fácil quando não se tem responsabilidade na condução e necessidades de uma sociedade que cresce e desafia. Quem não se lembra dos apagões? Criticar apenas é covardia!!!! (Site *Greenpeace* – 27/01/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Cheirando-mal/>>.)

*Lucas*: Pessoal, vou repassar um e-mail que recebi do grupo Avaaz. Liguem no telefone que esta no texto. Eu estou ligando, mas quando atendem desligam na minha cara. Vamos continuar pressionando o governo [...]. (Site *Greenpeace* – 28/01/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Mais-uma-vela-para-o-passado/>>.)

*Luis Alberto*: eu acho um absurdo com tanto empenho de nossos ativistas que acho uma imoralidade que meus 'colegas' de funcionalidade pública façam isso com nossa gente empunhando uma arma se achando o mais correto possível e banal isto é uma verdadeira apocalipse dos tempos (Site *Greenpeace* – 24/02/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-revolucao-esta-na-lei/>>.)

*willdson*: Em Jacaré o Walmart está cortando quase 100 árvores para construção de um supermercado em uma área que não haveria necessidade de nenhum corte pois já há espaço sem nenhuma vegetação. comuniquei ao Green Peace e ninguém se pronunciou. Não precisamos pensar somente na Amazonia, estão cortando árvores, desmatando embaixo do nosso nariz. E aqui na região de Jacaré (Vale do Paraíba) estado de São Paulo, quase não temos árvores e estão tirando o pouco que temos. Árvores nativas, exóticas e centenárias foram assassinadas sem que ninguém fizesse algo. (Site *Greenpeace* – 07/04/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Manifesto-pelas-florestas-do-Brasil/>>.)

*MariLee*: Dia 28/04 haverá manifestações em defesa do Código Florestal em várias cidades, dentre elas São Paulo (concentração na Catedral da Sé, às 11hs), Rio de Janeiro (Assembléia Legislativa, 10hs) e Curitiba (Pça. Santos Andrade, 16hs). Mais informações e outras cidades: <http://bit.ly/fNzAOy> Participem e ajudem a divulgar, por favor! (Site *Greenpeace* – 15/04/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Das-florestas-para-o-Congresso/>>.)

*Nubão*: As pessoas que trabalham no Greenpeace tem o meu total apoio. (Site *Greenpeace* – 03/05/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

*Hilda*: Entrem no site [www2.camara.gov.br](http://www2.camara.gov.br) e mandem emails para esse deputado inconsequente e despreparado, que atende a interesses de ruralistas e pecuaristas. [www2.camara.gov.br](http://www2.camara.gov.br) (Site *Greenpeace* – 05/05/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Paramos-a-motosserra-Ate-quando/>>.)

*Motoyama*: Que dia Vamos Lá mostrar nossa indignação!! Vamos marcar um dia aqui pelo site.

*glinia*: Não podemos ESPERAR pelo Senado, Governo. Vamos instituir um dia para protestarmos nacionalmente antes que seja tarde demais. Marquem e eu toda minha família estaremos presente. Qual é o dia mesmo?????

*mvlavinas*: Prezados. Proponho movermos uma acao popular contra esta vergonha.

*Besp:* Galera, vamos sair as ruas... sou do rio e estou disposta a organizar o movimento aqui ja estou expalhando a noticia pela minha faculdade, quem estiver interessado em se unir mande um e mail para povounido2011@hotmail.com, afinal o povo unifo, jamais sera vencido!

*Euclides:* ACHO QUE O ÚNICO REMÉDIO PRA DOENÇA MENTAL DE VOCÊS É FICAR SEM TER O QUE COMER. POR QUE NÃO TENTAM FAZER FOTOSSÍNTESE, VERDOPATAS? O NEGÓCIO DE VOCÊS É MARKETING AMBIENTAL... NO FUNDO, VOCÊS SÓ QUEREM LUCRAR! MESMO QUE PARA ISSO TENHAM QUE DESGRAÇAR MAIS AINDA A VIDA DAS PESSOAS.

*Juh =D:* Vocês sabem se o greenpeace já está planejando algum protesto, para que a gente possa contribuir também?

*marinak.b:* O GReenpeace tem nos ajudado muito, e devemos todos agradecer a cada um dos seus representantes, colaboradores, cyberativistas, voluntários... Com certeza eles devem estar muito sobrecarregados com tudo isso e, inclusive, não so no Brasil. Por esse motivo, poderíamos nos mesmos organizar alguma coisa e assim, tenho certeza que conseguiremos algo muito grande e forte e que possa passar ate pelas maos da nossa presidente. Dai o proprio Greenpeace tambem vai estar pronto para nos ajudar e vamos vencer esta GUERRA! (**Site Greenpeace – 24/05/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Massacre-da-motosserra-e-consumado/>>.**)

*Janah\_dii\_matos:* Nossa que Manifesto incrível! (**Site Greenpeace – 08/06/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Peso-pesados-pela-floresta/>>.**)

Embora algumas pessoas sejam contrárias ao *Greenpeace*, de forma geral, percebe-se, nos recortes, que, na maioria das vezes, as pessoas apoiam e incentivam as ações concretizadas pelo *Greenpeace* (Respeitem e ouçam mais o Greenpeace; Parabens [*sic*] ao GREENPEACE!!!!; Portanto, Pare Angra III!; O Greenpeace [*sic*] tem nos ajudado muito [...]; Nossa que Manifesto incrível!), salientando a legitimidade alcançada pela organização que atua, há décadas, em diversos países na defesa do meio ambiente.

### 3.4.2 As Categorias Intermediárias

A inferência produzida pelas doze (12) categorias iniciais e os seus significados emergentes foram agrupados em duas categorias intermediárias, que proveem de um processo de derivação baseado na inferência de relações entre significados e julgamentos contidos nas alusões, nas afirmações, nas negações e nos ocultamentos decifrados (FOSSÁ, 2003).

A partir das 12 categorias iniciais foram elencadas duas novas categorias, as quais possuem um caráter mais abrangente que as iniciais. Trechos dos documentos foram selecionados para contribuírem nos esclarecimentos das informações produzidas e são apresentados na mesma ordem do quadro dois.

## 3.4.2.1 Visibilidade

<b>Categoria Inicial</b>	<b>Ideia Principal</b>	<b>Categoria Intermediária</b>
1. Escopo de trabalho	Temáticas de atuação do <i>Greenpeace</i> no Brasil	1. Visibilidade
2. Coletivização das ações ativistas	Amplitude das ações desenvolvidas pelo movimento	
3. Consequências das ações ativistas	As implicações decorrentes das ações desenvolvidas pelo movimento	
4. Oposição do movimento	Os opositores combatidos pelo <i>Greenpeace</i>	
5. Objetivos do movimento	Os fins almejados pelo <i>Greenpeace</i>	
6. Ação histórica do movimento	Campo de atuação histórica do <i>Greenpeace</i>	
7. Dimensão estética do movimento ou fatores de publicização	Elementos estéticos de identificação do movimento	
8. Dimensão ética do movimento ou fatores litúrgicos	Valores que norteiam a organização	
9. Dimensão técnica do movimento	Modo de ação do <i>Greenpeace</i>	

Quadro 3 – O processo de derivação da categoria intermediária “visibilidade”

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico e dos documentos analisados

A categoria intermediária “Visibilidade” foi formada pelas categorias iniciais denominadas escopo de trabalho, coletivização das ações ativistas, consequências das ações ativistas, oposição do movimento, objetivos do movimento, ação histórica do movimento, dimensão estética do movimento ou fatores de publicização, dimensão ética do movimento ou fatores litúrgicos e dimensão técnica do movimento.

Esta categoria, intermediária, justifica-se pelo fato de avaliar-se que as características sobre as ações desenvolvidas pelo *Greenpeace* dispostas nas matérias veiculadas pelos jornais e no *site* da organização dão bases para a visibilidade sobre os seus cinco escopos de trabalho. Em outras palavras, as características relativas à organização, quando veiculadas pelos meios de comunicação, possibilitam a divulgação de suas ações, de seus objetivos e de sua causa de forma geral, isto é, alertar para os riscos ambientais.

Habermas (2003, 2003b) não escondeu a sua preferência pela discutibilidade em detrimento da visibilidade para a formação da esfera pública. Mas Gomes (2008b) discorda do autor, ao afirmar que a visibilidade também é importante no processo em pauta e que ela dará condições para que se dê a discutibilidade.

Considera-se que a afirmação de Gomes (2008b) faz-se correta ao ponderar que não há discutibilidade sem a visibilidade das pautas sociais. Avalia-se que não existe a formação da esfera pública sem que haja a discutibilidade e a visibilidade, mas se infere que esta se torna essencial para que o debate, fundado em críticas construtivas, efetive-se na sociedade civil, formando a opinião pública. Para tanto, entende-se que os meios de comunicação fornecem informações para que os indivíduos consigam posicionar-se em relação à agenda pública.

Os atores sociais buscam sair da invisibilidade para, a partir daí, pautar os seus interesses. Os meios de comunicação possuem um papel fundamental no referido contexto, já que, segundo Paiva (2005), eles têm posição central no que diz respeito à visibilidade na sociedade midiaticizada. Thompson (1998) corrobora esta afirmação ao reiterar que os meios de comunicação são os mediadores sociais, significando, por conseguinte, que os meios de comunicação possibilitam que todos os atores, inclusive os movimentos sociais, deem notoriedade às suas pautas.

Ato contra novo Código Florestal reúne 1.500 no Ibirapuera. (**Jornal Folha de São Paulo** – **23/05/2011** - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/919517-ato-contra-novo-codigo-florestal-reune-1500-no-ibirapuera.shtml>>.)

Ativistas do *Greenpeace* fazem manifestação no Congresso. (**Jornal O Globo** – **24/02/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/02/24/ativistas-do-greenpeace-fazem-manifestacao-no-congresso-923874292.asp>>.)

*Greenpeace* faz protesto no Palácio do Planalto contra uso de energia nuclear. (**Jornal O Globo** – **18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/greenpeace-faz-protesto-no-palacio-do-planalto-contra-uso-de-energia-nuclear-924039702.asp>>.)

[...] contra a construção da usina atômica de Angra 3, no Rio de Janeiro, gerou polêmica entre os internautas e dividiu opiniões no *Twitter*. (**Jornal O Globo** – **18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contra-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

*Greenpeace* protesta contra desmatamento e Código Florestal em evento do agronegócio em SP. (**Jornal O Globo** – **30/05/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/30/greenpeace-protesta-contra-desmatamento-codigo-florestal-em-evento-do-agronegocio-em-sp-924559830.asp>>.)

Para os movimentos sociais, as ações ativistas, com contornos espetaculares, são uma das formas que eles podem utilizar para chamar a atenção da mídia, bem como do público em geral. A teatralização das ações transformam-nas em espetáculos que dão visibilidade aos objetivos propostos. A forma de agir dos movimentos traduz-se na repercussão de suas ações,

bem como no posicionamento do público em relação as suas reivindicações. Como aponta Mafra (2008), os elementos espetaculares, além da visibilidade, criam interlocutores capazes de sustentar um debate favorável à organização.

Considera-se que os meios de comunicação, que noticiam as ações desenvolvidas pelo *Greenpeace*, fornecem subsídios para que os indivíduos debatam sobre as temáticas sociais. Os meios de comunicação, com a ajuda da internet, que ampliou a rede de informações, conferem embasamento critico-racional para que os indivíduos envolvam-se em debates.

Cumprе ressaltar que a visibilidade não se limita ao sentido de estar visível, mas de tornar público e acessível à sociedade. A oferta de informações sobre o *Greenpeace* propicia que a organização esteja visível e, de certa forma, legitime as suas ações, de forma análoga, que informa a população para torná-la interlocutora na participação de debates. No entanto, cabe observar que este processo pode ou não criar interlocutores que sejam capazes ou não de gerar um debate favorável à organização.

#### 3.4.2.2 Discussibilidade

<b>Categoria Inicial</b>	<b>Ideia Principal</b>	<b>Categoria Intermediária</b>
10. Vozes autorizadas do <i>Greenpeace</i> ou informação institucionalizada	Declarações institucionalizadas do movimento nas matérias veiculadas	2. Discussibilidade
11. Vozes de outras pessoas e/ou instituições envolvidas com a ação	Declarações de outros personagens ou organizações envolvidos nas ações realizadas pelo <i>Greenpeace</i>	
12. Opiniões de terceiros	Julgamentos de pessoas que não estão envolvidas diretamente com o acontecimento, mas que formam as suas opiniões a respeito do fato	

Quadro 4 – O processo de derivação da categoria intermediária “discutibilidade”

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico e dos documentos analisados

As vozes autorizadas do *Greenpeace* ou informação institucionalizada, bem como as vozes de outras pessoas e/ou instituições envolvidas com a ação, presentes nas notícias, e as opiniões de terceiros, que são encontradas nos espaços destinados aos comentários, compõem esta categoria intermediária que busca entender como estas “falas” promovem a discutibilidade da ação realizada. Os debates fundamentados efetivam-se no instante em que há informação qualificada para tal. Assim, se as matérias dão subsídios informativos para a

formação de opinião dos sujeitos, poderá haver a discutibilidade das pautas. Da mesma forma, que a oferta de informação sustenta uma base argumentativa em relação aos fatos, a diversidade de vozes dentro da construção da notícia possibilita que os indivíduos tenham mais clareza sobre as instituições e/ou pessoas envolvidas com o acontecimento. Dessa maneira, o seu entendimento pode dar-se de modo mais abalizado, refletindo na fundamentação de argumentos, ou seja, na defesa de um em detrimento de outro.

A discutibilidade é uma categoria, para Habermas (2003, 2003b), inerente à esfera pública, bem como para a formação da opinião pública. Para ele, esta característica da esfera pública é a mais importante, já que a discussão sobre as temáticas sociais embasa as deliberações públicas e, dessa forma, concretiza, de fato, a formação desta esfera.

Para o autor, a esfera pública efetiva-se no momento em que os debates acontecem em uma arena pública. A discussão, munida de argumentos, entre os indivíduos é a característica principal e mais importante nas decisões de relevância social. Habermas (2003b) acredita que a discutibilidade é uma característica proveniente da esfera íntima, literária, familiar e fomentada pelo cunho crítico da imprensa artesanal, a qual, mais tarde, foi transformada pela indústria cultural, segundo o autor.

Conforme Gomes (2008), a escolha de Habermas sempre pesou para a categoria da discutibilidade, já que a esfera pública concretizava-se na discussão em cafés, por exemplo. Por isso, Habermas (2003b) atenta para a importância dos cafés no contexto proposto por ele, haja vista que as discussões públicas ocorriam, principalmente, nestes locais. Mas, hoje, o panorama em que Habermas (2003b) conceituou a esfera pública não se aplica, pois as discussões não ocorrem somente em espaços físicos, ou seja, elas ampliaram-se devido aos meios de comunicação de massa e, recentemente, a internet. Os debates acontecem também em ambientes virtuais, visto que as pessoas utilizam as linhas, teoricamente, mais flexíveis da internet para expor os seus pensamentos, o que se dá, em especial, nas redes sociais e nos espaços cedidos a comentários, como vemos a seguir.

*J J da Silva:* Esses manifestantes são hilários e gostam de aparecer aqui no Brasil. Não protestam em seus países de origem. Ah, deveriam fazer manifestação na usina acidentada do Japão.

*Marcos:* É muita palhaçada mesmo, bando de playboys que gostam de imitar gringo. Esse greenpeace deve ser criação da CIA para atrapalhar o crescimento dos concorrentes.

**(Jornal O Tempo – 25/04/2011 - Disponível em:**

**<<http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=117163&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)**

*Fabiana Melo:* Concordo com voce Paulo, os paises devem investir em seguranca nessas usinas e nao acabar com elas. Tanto a Russia como o Japao nao investiram

em segurança. No meu entendimento, não existem explicações para o fato de um país como o Japão, que está visivelmente exposto a terremotos e tsunamis, não possuir em suas usinas um sistema de segurança adequado para esses tipos de fenômenos da natureza. O Brasil com todo o seu atraso tecnológico tem um sistema de segurança mais eficiente que o Japão, e observe que aqui não tem terremotos e tsunamis. É claro que o nosso país deve investir em usinas nucleares cada vez mais seguras e esses acidentes servem como exemplo e lição para que o Brasil e os demais países invistam em segurança nuclear. (**Jornal O Tempo – 26/04/2011** - Disponível em: <http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=169499,OTE&busca=Greenpeace&pagina=1>>.)

*Bianca:* Concordo com o Fayzão! Se temos um grande potencial hidrelétrico, para que investir no nuclear? Que todos sabem que não é um bom caminho?

*Daniel Fernandes:* Eu sou contra a opinião de vocês. Creio que a energia nuclear é o futuro, seu potencial é enorme como energia limpa e durável. Seu impacto ambiental, comparado com as outras fontes de energia mais usadas pelo homem, atualmente, é razoável, pois não há queima de óleo ou inundação de vales; a usina nuclear não expele CO<sub>2</sub> no meio ambiente. Exceto as fontes de energia eólica e solar, ela é a que menos impacta. Mas, se fôssemos todos usar a energia 100% solar, existiriam campos sem fim com placas para poder sustentar nossas cidades; o mesmo se pode dizer da energia eólica, pois não é todo lugar que possui uma constância de ventos o ano inteiro. A energia nuclear tem o problema do lixo, mas creio que logo os cientistas conseguirão resolvê-lo e reciclá-lo. Não devemos temer essa tecnologia e, sim, pensar em meios de evitar “acidentes” como no Japão e em outros lugares. (**Site Greenpeace – 15/03/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Diga-nao-a-energia-nuclear/>>.)

*emerson.paa:* Engraçado... ninguém vai IN LOCO nunca... porquê o GREENPEACE não está com manifestações no Japão??? Inclusive com algum tipo de ajuda também, já que nem só de manifestações teatrais deve se valer essa ONG. Seria uma ótima oportunidade e com muita mídia espontânea não acham? O problema é que o GREENPEACE também tem interesses escusos. Também tem manipulação, também tem gente ganhando dinheiro, enfim... também tem gente... Engraçado que sempre temos que seguir o exemplo de alguém, parece que nosso greenpeace é realmente uma filial do BIG GREENPEACE BROTHER. Existem boas intenções, mas... algumas intenções são tendenciosas. Como creio que antes de tudo um ativista também é crítico, vale o alerta para não se acreditar em tudo que se ouve ou, até mesmo vê. Abraço em todos meus irmãos brasileiros.

*ritarjmartins:* Aplaudo o trabalho do Greenpeace, pois sempre vi nos seus ativistas um sério comprometimento com a proteção do Planeta como um todo. Na questão da energia nuclear, também, considero um absurdo insistirmos em gastar bilhões de reais com uma energia altamente poluente e perigosa para a população. Temos que abandonar este tipo utilização de energia no Brasil e no Mundo. O Brasil tem capacidade para fazer uso da energia eólica e solar, pelo imenso território que tem e possibilidades naturais da sua própria biodiversidade, não entendo a insistência em se manter o uso da energia nuclear.

*verde paz:* isso que fizeram com os ativistas e um absurdo todo cidadão brasileiro tem o direito de protestar e isso ao Greenpeace quando eu me formar eu serei um de vocês. (**Site Greenpeace – 18/03/2011** - Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-energia-que-mata/>>.)

*josuehjr:* O meio ambiente precisa ser respeitado, e este assunto requer muito estudo e discussão para estabelecer qualquer norma.

*PollyhMonteiro:* Mas nós (população) temos que pressionar os políticos para que seja realizada as mudanças necessárias afim de garantir a preservação ambiental e punir quem infringiu e infringirá a lei. Sei que para muitos é complicado aceitar o que estou escrevendo, mas vamos pensar no problema como um todo onde a "balança" deve ser equilibrada. São ações como essa que devemos tentar mostrar para os nossos

representantes para que eles pecebam o quanto ainda temos que dialogar e pesquisar sobre esse assunto tão abrangente e necessário. (**Site Greenpeace – 03/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Congresso-desliga-a-motosserra/>>.)

*Lidia:* Mandei uma mensagem de repúdio a este deputado (Aldo Rebelo) Um comunista apoiando ruralistas. Segue o link: <<http://www2.camara.gov.br/participe/fale-conosco/fale-com-o-deputado?DepValores=524144-SP-M-PCdoB&partidoDeputado=PCdoB&sexoDeputado=M&ufDeputado=SP>>.

Vamos protestar! Se não quiserem entrar neste link, vão pelo google - camara federal - Aldo rebelo

*Maysa Blay:* Prezada Lídia, usei o link que você disponibilizou e mandei eu também mensagem ao deputado Aldo Rebelo. (**Site Greenpeace – 05/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Paramos-a-motosserra-Ate-quando/>>.)

*Fernanda Caroline:* Nós NÃO podemos ficar PARADOS em uma situação tão crítica que está a nossa biodiversidade ou o que restou dela!! Temos de nos unir, movimentar e comover o Brasil, mostrando a violência que estão causando na nossa própria Pátria. A mudança tem que começar primeiro com nós mesmos, cidadãos brasileiros, vamos deixar a letargia de lado e vamos reivindicar pelos nossos direitos, direito de um ambiente mais limpo, preservado, sem mudanças climáticas drásticas...!!! Temos que nos UNIR, se quisermos salvar nosso País, o mundo... as futuras gerações! Somos brasileiros e estamos cansados da vergonha política e jurídica que assola nosso chão! E aí, vamos pra briga??!

*Elvis Bernardes:* Fernanda caroline, estou contigo, se não mostrarmos a nossa indignação com o que vem acontecendo no nosso cenário político, a tendencia é piorar ainda mais, e pior do que está pode ficar sim, e é o nosso dever não deixarmos isso acontecer.

*Fernanda Caroline:* Verdade, temos que mostrar nossa indignação, temos de exercer nosso direito de cidadania... E a melhor forma de fazermos isso é reivindicando [...].

*Laion:* A elite se organiza, encontra parceiros, porque nós não? Estive pensando em criar uma conta no Twitter e fazer uma chamada geral, se tiver 2, 3mil pessoas apoiando a idéia, marcamos uma data para realizarmos um manifesto em uma metrópole. Ex: São Paulo. É uma idéia... Quem aqui apóia iniciar algo do tipo?

*Hilda:* Lion, Eu apoio. Vamos agir, não dá para esperar. A floresta pede socorro!

*Hilda:* Laion, Precisamos entrar com uma ação popular e logo! (**Site Greenpeace – 24/05/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Massacre-da-motosserra-e-consumado/>>.)

A construção da notícia e a utilização de fontes e enquadramentos em tal construção, a partir da lógica dos meios de comunicação, permitem que os indivíduos formem as suas próprias opiniões a respeito do movimento. Verifica-se que, de uma forma geral, os jornais veiculam matérias neutras em relação às ações realizadas pela organização. Já o *site* do *Greenpeace*, com sua lógica institucional, além de informar sobre as suas ações, legitima os seus objetivos, bem como as suas formas de ação e os motivos que as desencadearam. Além do jornal O Tempo (Super Notícia), no *site* institucional da organização, nota-se que há espaços destinados a comentários. De forma intencional, a organização suscita o debate entre indivíduos interessados nas questões ambientais.

Pode-se observar que, tanto nos jornais, quanto no *site* do *Greenpeace*, são utilizadas diversas vozes para a construção da matéria. Esta pluralidade argumentativa pode ser percebida nos comentários feitos posteriormente. Nestes espaços, os indivíduos podem posicionar-se contra ou a favor da organização, o que, de fato, ocorre, a partir do que está exposto nas matérias. Esta circularidade de ideias provoca diversos questionamentos que estão expostos com maior clareza nos espaços destinados aos comentários, onde os indivíduos manifestam diferentes opiniões de acordo com o seu julgamento, já que são receptores ativos e críticos em relação às temáticas veiculadas. Embora possuam determinadas lógicas editoriais, novamente cabe reiterar o papel dos meios de comunicação na construção da discutibilidade de assuntos de interesse social, bem como a importância dos movimentos sociais, no contexto mencionado, já que tematizam estes debates.

### 3.4.3 A Categoria Final

A inferência produzida pelas duas (2) categorias intermediárias e os seus significados emergentes foram agrupados em uma (1) categoria final denominada Ampliação da esfera pública.

<b>Categoria Intermediária</b>	<b>Ideia Principal</b>	<b>Categoria Final</b>
1. Visibilidade	Oferta de informações sobre o <i>Greenpeace</i>	1. Ampliação da esfera pública
2. Discutibilidade	Vozes e posicionamentos em relação às ações desenvolvidas pelo movimento	

Quadro 5 – O processo de derivação da categoria final “ampliação da esfera pública”

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico e dos documentos analisados.

#### 3.4.3.1 Ampliação da esfera pública

A categoria final, ampliação da esfera pública, derivou-se das duas categorias intermediárias, visibilidade e discutibilidade. Esta categoria serve para que haja a discussão a respeito do objetivo proposto neste trabalho: analisar como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação e na sustentação do debate na esfera pública sobre o meio ambiente. Habermas (2003, 2003b) considera que a esfera pública efetiva-se no momento em que há a visibilidade dos assuntos e a discutibilidade sobre eles. Embora o autor afirme que a discutibilidade é mais relevante na formação da esfera pública, busca-se

compreender de que forma estas duas categorias têm importância na formação, na ampliação e na sustentação desta esfera mobilizada pelos movimentos sociais.

A formação da esfera pública é significativa para o entendimento da opinião pública, bem como do modelo democrático deliberativo. Assim, para que a esfera pública realize-se efetivamente é necessário que haja visibilidade e discutibilidade dos assuntos relevantes à sociedade (HABERMAS, 2003b). Para o filósofo em estudo, a visibilidade dos assuntos dava-se por meio da imprensa da época que, de forma crítica, veiculava as temáticas sociais. Embora o autor, mais tarde, tenha atribuído o enfraquecimento da esfera pública aos próprios meios de comunicação, compreendidos como produtos aclamativos da indústria cultural, ele reconheceu o seu papel de agente formador da opinião pública.

Além da visibilidade, a discutibilidade também se caracteriza como uma premissa fundamental na formação da esfera pública. Para Habermas (2003b), a discutibilidade dava-se, primeiramente, na esfera íntima da família burguesa. Mais tarde, os cafés, os salões, as associações, entre outros espaços, assumiram o lugar que abrigava os debates críticos e racionais que faziam circular, entre as pessoas com direito de participação nesta esfera, os assuntos de interesse público. Conforme o autor, a discutibilidade configura-se, impreterivelmente, como a premissa mais importante da esfera pública, já que é a partir dos debates que a deliberação concretiza-se.

A esfera pública, conceituada por Habermas (2003b), sofreu alterações, ao longo do tempo, em seu conceito, já que o contexto sociocultural modificou-se no período. Anteriormente, ela era entendida como espaço físico de debate privilegiado para algumas vozes habilitadas a expor os assuntos relevantes a toda população. Hoje, é concebida como um não-lugar, multifacetado e difuso, que pode ser interceptado por diversos atores, inclusive os movimentos sociais, desconsiderados pelo autor em um primeiro momento.

Embora também pormenorizados anteriormente por Habermas (2003b), os meios de comunicação possuem um papel fundamental nesse cenário, uma vez que eles foram capazes de modificar a estrutura e o conceito do que se entendia por esfera pública. Dentre eles, a internet destaca-se, conforme Lemos e Lévy (2010), pois transformou o espaço público, fazendo-o, agora, com características desterritorializadas, assimétricas, fragmentadas e plurais.

Thompson (1998) vai de encontro à primeira ideia da Habermas (2003b) ao asseverar que, embora os meios de comunicação de massa produzam um conteúdo único, disponibilizam-no a um número maior de pessoas que pode ser informado a respeito dos assuntos sociais. Da mesma forma, ele argumenta que a comunicação de massa é estruturante

na formação da vida social moderna através de uma nova mediação e da fragmentação do espaço físico. Segundo Thompson (1998), os meios de comunicação de massa transformaram o espaço de visibilidade, ampliando-o.

Além de Thompson (1998), Rodrigues (1990) concorda com esta ideia e percebe a comunicação como um processo social estratégico a partir do seu discurso. Ele afirma que deve haver o entendimento da comunicação além dos seus processos técnicos e funcionais, ou seja, ela deve ser compreendida como um agente estratégico no contexto social.

Uma das críticas que Thompson (1998) faz à obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, de Jürgen Habermas (2003b), é em relação ao não reconhecimento dos movimentos sociais como agentes da esfera pública, haja vista que eles não tinham acesso à arena de discussão proposta pela esfera em questão.

Avalia-se que os movimentos sociais têm o empoderamento de colocar em pauta os assuntos de relevância social através da circularidade de ideias para que, dessa maneira, sejam discutidos entre os indivíduos de uma forma geral. Ademais, hoje, os movimentos sociais têm uma função emancipadora e de defesa dos direitos dos indivíduos. Eles possuem muito mais do que uma função social, ainda desempenham uma função política. Segundo Habermas (2003), no modelo de circulação de poder político, existem anéis porosos que se interceptam, sendo que o poder de decisão vem do centro. Mas os movimentos sociais, pertencentes ao anel periférico, embora não tenham poder para decidir, têm maior propriedade para tratar a respeito da realidade na qual estão inseridos e, desse modo, influenciar este anel central. A verdade é que os movimentos sociais, com a sua função política, são capazes de alargar a esfera pública, como espaço de debate de assuntos de interesse coletivo para influenciar os centros decisórios.

Também se pode entender que, por meio da visibilidade de suas práticas e discursos, os movimentos sociais, dentre eles, o *Greenpeace*, perpassam os anéis porosos do modelo indicado por Habermas (2003). O *Greenpeace*, entendido como uma instituição, encontra-se no anel mais periférico do modelo e, por conhecer mais a realidade na qual está inserida e defender o meio ambiente, é um ator social legitimado para “falar” a respeito. Assim entendido, pode-se considerar que ele tem empoderamento para influenciar os anéis restantes, o intermediário e o central, na tomada de decisão. Talvez as ações de mobilização realizadas pelo *Greenpeace* não tenham real poder no âmbito decisório, mas, de qualquer forma, pautam temas importantes, dão-lhes visibilidade e possibilidade de discutibilidade.

Os movimentos, como representantes das minorias, segundo Sodré (2005), também buscam o reconhecimento do Estado para influenciar o centro decisório de poder, o que faz

com que a mídia tenha um papel central neste processo (PAIVA, 2005). As minorias, em sua condição de representantes da luta contra-hegemônica, ensinam o seu reconhecimento pelo Estado. Desse modo, elas representam qualitativamente influência para chamar a atenção dos centros de poder por meio da visibilidade de suas ações.

Além de exercer os seus direitos de cidadania e democracia contra a apatia sociopolítica, os cidadãos que participam dos movimentos sociais contribuem para que estas organizações criem espaços plurais de discussão (ALVAREZ et al. apud QUEVEDO, 2007) por meio de suas ações que buscam minimizar os problema sociais. Assim sendo, os movimentos sociais assumem grande relevância social porque trazem as temáticas sociais à tona para serem pautadas pelos meios de comunicação através de suas estratégias ativistas que se fazem por ações espetaculares e lhes dão visibilidade. Dessa forma, conduzem as discussões sociais, enquanto buscam minimizar as mazelas sociais ao atingir os centros decisórios de poder. Ademais, acredita-se também que os meios de comunicação de massa são agentes fundamentais na mediação social, porque além de oferecer informações à sociedade, dão visibilidade ampliada às discussões propostas por diversos atores, assim como os movimentos sociais.

Considera-se, pois, que as ações realizadas pelos movimentos sociais e pautadas pelos meios de comunicação dão a visibilidade e a discutibilidade necessária na ampliação da esfera pública à medida que influenciam os centros decisórios de poder político. Embora os meios de comunicação possuam alguns filtros de ordem ideológica, mercadológica, entre outras, cumpre concordar com Paiva (2005) que os avalia como mediadores que tornam visíveis os assuntos que compõem a agenda pública. Desse modo, os movimentos sociais buscam os meios massivos e as redes sociais para sair da invisibilidade e legitimarem as suas pautas.

[...] divulgado pelo perfil da ONG no microblog [...]. (**Jornal O Globo – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/18/manifesto-do-greenpeace-contr-construcao-de-angra-3-divide-opinioes-no-twitter-924039915.asp>>.)

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo concedida ontem, o presidente da Comissão Nacional de Energia Atômica, Odair Gonçalves, comentou o vazamento radioativo de *Fukushima* e afirmou que o governo reverá as normas de licenciamento das usinas nucleares no Brasil. (**Site Greenpeace – 15/03/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Diga-nao-a-energia-nuclear/>>.)

Veja a área que seria afetada no Brasil caso houvesse algum acidente nas usinas de Angra. (**Site Greenpeace – 18/03/2011** - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/A-energia-que-mata/>>.)

O *Greenpeace* enviou carta ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) [...]. Confira a íntegra da carta enviada pelo Greenpeace ao BNDES. (Site *Greenpeace* – 11/04/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Meu-dinheiro-em-nuclear-Nao-obrigado/?commentlistpage=1#comments-holder>>.)

Leia abaixo a íntegra do manifesto [...]. (Site *Greenpeace* – 08/06/2011 - Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Peso-pesados-pela-floresta/>>.)

De forma geral, constata-se que o *Greenpeace*, tanto em seu *site* institucional, como nos espaços midiáticos garantidos através de suas ações, consegue dar visibilidade aos seus objetivos, assim como confere suporte para que haja a discutibilidade sobre os seus escopos de trabalho. Adotada tal compreensão, infere-se que consegue sustentar a formação da esfera pública, uma vez que a sua ampliação é garantida pelos meios de comunicação que, principalmente, através da internet, alcançam desterritorializar a informação para que os indivíduos, pela “linkagem”, por exemplo, consigam obter mais informações para debater os assuntos relevantes à sociedade civil.

Assim posto, evidencia-se que a esfera pública não está mais restrita a um espaço físico, ou seja, hoje, este espaço fragmentou-se através dos meios de comunicação. Além disso, pode-se deduzir que os movimentos, através de suas novas configurações em rede, procuram chegar até os espaços midiáticos para dar visibilidade aos seus escopos de trabalho e por em discussão tais assuntos. Para tanto, as estratégias ativistas, com contornos espetaculares, são empregadas como uma forma de alcançar estes objetivos para sustentar os debates na esfera pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a percorrer caminhos teóricos e metodológicos para responder ao questionamento: Como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação do debate, na esfera pública, sobre o meio ambiente? Para tanto, traçou-se o seguinte objetivo geral: Analisar como as estratégias ativistas do *Greenpeace* colaboram na ampliação e na sustentação do debate na esfera pública sobre o meio ambiente.

Diante dos referenciais teóricos e da pesquisa realizada, pôde-se deduzir que a sustentação e a ampliação da esfera pública a partir de atores coletivos, como os movimentos sociais, ocorrem porque eles conseguem atingir as duas premissas básicas desta esfera, a visibilidade e a discutibilidade.

Os movimentos sociais, tratando-se, aqui, principalmente, do objeto de estudo selecionado, o *Greenpeace*, alcançam visibilidade através do desenvolvimento de ações ativistas com características espetaculares e estas captam a atenção dos espectadores para que eles, logo, transformem-se em interlocutores. Estas ações caracterizam-se como estratégicas que são planejadas com dois objetivos bastante específicos, a visibilidade e a mobilização social, a qual busca, por meio de objetivos concretos, integrar os indivíduos na procura dos resultados almejados pelos movimentos.

Além da mobilização social, o ativismo procura conceder visibilidade aos movimentos sociais, já que é uma estratégia deles em resposta às lógicas midiáticas. Pôde-se perceber que o *Greenpeace* desenvolve estas ações de maneira satisfatória, já que logra estar visível nos meios de comunicação de massa através de estratégias ativistas espetaculares. Para tal, o movimento em questão utiliza, em suas ações, diversas dimensões técnicas, ou seja, diferentes formas de atuação. Além disso, a organização emprega variadas dimensões estéticas através de elementos de publicização, que dão coesão às suas ações, formam a sua identidade e chamam a atenção do público.

No que tange à visibilidade como pilar estruturante da esfera pública, os meios de comunicação têm um papel fundamental. Assim sendo, analisa-se que os meios de comunicação possuem grande relevância na formação e, principalmente, na ampliação e na desterritorialização da esfera pública, visto que eles produzem conteúdos que podem ser disseminados em diversos lugares e sem validade temporal. Na sociedade midiaticizada em que se vive, os contornos sociais foram transformados pela mediação destes meios, que possuem suas lógicas próprias e, muitas vezes, elas transformam as informações através de seus

enquadramentos e de suas fontes, uma vez que eles possuem interesses, como os mercadológicos, que moldam estes meios.

De qualquer forma, não se pode deixar de considerar a importância dos meios de comunicação na constituição da sociedade atual, sobretudo, com relação à internet, que é um meio diferenciado e complementar aos demais. A internet não veio para democratizar e revolucionar a informação, pois, assim como os meios tradicionais, também possui os seus pontos negativos, como a exclusão digital. Mesmo assim, a internet apresenta linhas mais flexíveis de produção de conteúdos, bem como de apropriação dos mesmos pelos leitores.

Os meios de comunicação, contudo, perpassaram as suas características funcional-behavioristas do estímulo-resposta e, hoje, são considerados atores estratégicos na sociedade em que se vive. Eles são consideráveis mediadores de discursos e dão a possibilidade de tornar público as informações, assim como tornam legítimos os campos e os atores sociais, tanto que, dentro do próprio conceito habermasiano, a esfera pública foi repensada a partir deles, no que se refere à esfera pública abstrata, mediada pelos meios de comunicação. Dessa forma, parece plausível conceber que os meios de comunicação, além de possuírem um papel estratégico, modificaram o entendimento sobre a esfera pública.

Infere-se, ademais, que a visibilidade buscada pelos movimentos sociais e viabilizada, em maior escala, pelos meios de comunicação fornece subsídios para a formação de outra premissa fundamental na formação da esfera pública, a discutibilidade. Ao contrário do que o pensamento habermasiano mostrava, verifica-se que a visibilidade é preponderante para a formação de debates fundamentados em argumentos críticos.

A discutibilidade que, de acordo com os preceitos habermasianos, foi construída, primeiramente, no círculo íntimo familiar através de esfera literária e, mais tarde, foi fundamental para a constituição dos debates nos cafés europeus, hoje, possui novos contornos. A esfera pública, que antes era restrita à participação de determinadas pessoas, é formada por diferentes atores sociais que têm o direito de participar dos debates, inclusive, os movimentos sociais.

Além de sua função social, os movimentos possuem funções políticas, já que fazem circular ideias entre os indivíduos por meio de seus discursos e de suas ações, buscando mais do que visibilidade aos movimentos, almejam, ainda, debater os seus escopos de trabalho e influenciar a opinião pública.

Os movimentos sociais são minorias qualitativas que tentam influenciar os poderes institucionais a fim de conseguir alcançar os seus objetivos de melhoria social. Para tanto, as suas ações visam ao reconhecimento do Estado para que possam colocá-las em discussão.

Pode-se notar, de acordo com as análises, que o governo caracteriza-se como o principal opositor do *Greenpeace*, já que tenta voltar os olhos do poder institucional para as suas pautas. De acordo com o modelo de circulação do poder político, os movimentos sociais estão no anel periférico e, embora não tenham poder para formular decisões, podem dar subsídios para o estabelecimento de ações públicas.

Esta dinâmica fez com que os movimentos sociais modificassem a sua forma de atuação. Hoje, eles atuam em rede e de forma holística para que, dessa maneira, granjeiem mais poder para influenciar os centros decisórios do governo. A coletivização das ações ativistas e a ação histórica do movimento exemplificam esta afirmação, já que mostram a atuação do *Greenpeace* juntamente com outros atores sociais e coletivos e as suas bases históricas a fim de dar maior poder aos seus discursos e às suas ações.

Em face desses entendimentos, faz-se plausível inferir que o *Greenpeace* consegue ser estratégico ao planejar as suas ações ativistas, de forma espetacular, de acordo com a agenda pública e com as lógicas midiáticas, para, assim, pautar os meios de comunicação e dar visibilidade aos seus escopos de trabalho. Observa-se, de acordo com a categoria intermediária – visibilidade, que todas as informações referentes ao *Greenpeace* são uma forma de conferir-lhe visibilidade, fazendo circular as informações a respeito do assunto e, de certa forma, gerando a discutibilidade, que pode ser evidenciada no *site* do movimento.

Verifica-se que, de forma intencional, o *Greenpeace* cria espaços de discussão entre os indivíduos para a tematização de seus escopos. Esta escolha da organização pode promover alguns contrapontos, como o questionamento sobre as suas ações e a sua constituição compreendida como instituição. Isso pode ser negativo, mas, de certa maneira, também estratégico para o *Greenpeace*, já que ele pode apropriar-se das informações disponíveis para rever as suas políticas e gerenciar possíveis crises.

No entanto, os comentários, na maioria das vezes, são positivos, o que demonstra a legitimidade alcançada pela organização. Muitas pessoas parabenizam a atuação do *Greenpeace*, sugerem formas de mobilização, entre outras coisas. Pode-se verificar, ainda, que as pessoas que participam dos debates, na maioria das vezes, possuem conhecimento sobre o que estão sendo discutido, o que reforça a ideia de que os debates encaminhados pelos meios de comunicação podem ter bases crítico-argumentativas.

A discutibilidade, proporcionada pelo *Greenpeace*, também se reflete a partir das notícias que possuem as suas informações construídas através de enquadramentos e fontes específicas. Embora as pessoas e/ou instituições envolvidas com as ações realizadas pela organização nem sempre se pronunciam com relação ao fato, pode-se observar que a

instituição continuamente mostra-se representada nas matérias, tanto nos jornais, quanto no seu *site* institucional. Avalia-se, no caso presente, que a pluralidade de vozes na construção das notícias também pode ser referência para uma possível discutibilidade.

Assim, faz-se possível afirmar que as estratégias ativistas, além de dar visibilidade aos escopos do *Greenpeace*, geram discutibilidade sobre tais temáticas, de tal forma que é plausível considerar que o movimento consegue sustentar, por meio de suas estratégias ativistas, e ampliar, através das pautas que conseguem nos meios de comunicação, o debate sobre a temática ambiental na formação da esfera pública. Cumpre referir que, em consonância com o novo pensamento habermasiano, os movimentos sociais conseguem captar os problemas sociais latentes nas esferas privadas e levá-los até a esfera pública política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CÉSAR, Regina Escudero. Movimentos sociais, comunidade e cidadania. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Luiz Waldemar (orgs). **Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007. p.78-91.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. et al. **Gestão da Sustentabilidade: na Era do Conhecimento**. Florianópolis: Visual Books, 2008.

FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **A cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias: uma definição teórica e operacional**. 2003. 296fl. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-32.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e comunicação em Direito e Democracia de Jürgen Habermas. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 69-115.

\_\_\_\_\_. Da discussão à visibilidade. In: \_\_\_\_\_; MAIA, Rousiley. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008b. p.117-162.

GREENPEACE. Disponível em <<http://www.greenpeace.org/brasil>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

HABERMAS, Jürgen. O Espaço Público, 30 anos depois. **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**, Ano VII, n. 12, Unicentro, Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 3v.

\_\_\_\_\_. **Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

HENRIQUES, Márcio Simeone. (org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Ativismo, movimentos sociais e relações públicas. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Luiz Waldemar (orgs). **Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007. p. 92-104.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 12 out. 2011.

JORNAL O GLOBO. Disponível em: <<http://www.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 12 out 2011.

JORNAL SUPER NOTÍCIA. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/supernoticia/>>. Acesso em: 12 out 2011.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Sociedade civil, multicitadania e comunicação social. In: \_\_\_\_\_; KUNSCH Luiz Waldemar (orgs). **Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007. p. 59-77.

LE MOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

\_\_\_\_\_; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LYCARIÃO. Diógenes. **Greenpeace, Espetáculo E Internet: o intercruzamento entre diferentes modos de comunicação para a sustentação de debates na esfera pública**. 2010. 147f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, R. C. M. Política deliberativa e reconsiderações acerca do conceito de esfera pública. In: MAIA, R. C. M. (Coord.) **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

\_\_\_\_\_. Deliberação e mídia. In: \_\_\_\_\_ (Coord.) **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008b.

\_\_\_\_\_; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Atores coletivos e participação: o uso da razão pública em diferentes âmbitos interacionais. In: \_\_\_\_\_ (Coord.) **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Os meios de comunicação na esfera pública: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e atores. In: **Líbero**, Ano XI, n. 21, Jun 2008, p.23-36.

MARZOCHI, Samira Feldman (2007). **Cidadania cibernética como construção não-governamental: o cyberativismo** do Greenpeace. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/congresso\\_v02/papers/GT10%20Estado,%20Cidadania%20e%20Identidade/Cidadania%20cibern%20E9tica%20como%20constru%20E7%20E3o%20n%20E3o-governamental.pdf](http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT10%20Estado,%20Cidadania%20e%20Identidade/Cidadania%20cibern%20E9tica%20como%20constru%20E7%20E3o%20n%20E3o-governamental.pdf)>. Acesso em: 12 jun 2010.

MORAES, Dênis de. A cibermilitância: movimentos sociais na Internet. In: \_\_\_\_\_. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 125-148.

NETO, Antônio Fausto. Mídia, prática social: práticas de sentido. In: Congresso Anual da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 15º, 2006, Bauru. **Anais eletrônicos**. Bauru: UNESP, 2006. Disponível em: <[http://www.compos.orr.br/data/biblioteca\\_544.pdf](http://www.compos.orr.br/data/biblioteca_544.pdf)>. Acesso em: 12 nov 2011.

PAIVA, Raquel. Mídia e política de minorias. In: \_\_\_\_\_. BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p.15-26.

PÓVOA, Marcello. **Anatomia da Internet: investigações estratégicas sobre o universo digital**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

QUEVEDO, Júlio. A perspectiva de comunicação na América Latina a partir de seus movimentos sociais como possibilidade de percepção da integração. In: \_\_\_\_\_. IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). **Movimentos sociais na América Latina: desafios teóricos em tempo de globalização**. Santa Maria: MILA, CCSH, Universidade Federal de Santa Maria, 2007. p. 26-48.

RODRIGUES, Adriano. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Presença, 1990.

SCHMIDT, Rafael Vitória. A luta pela democracia na América do Sul e os processos de integração regional: ação política efetiva e os novos movimentos. In: QUEVEDO, Júlio; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). **Movimentos sociais na América Latina: desafios teóricos em tempo de globalização**. Santa Maria: MILA, CCSH, Universidade Federal de Santa Maria, 2007. p. 49-70.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p.11-14.

THOMPSON, John B. **A mídia a modernidade: uma teoria social da mídia**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TORO, Jose Bernardo A.; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social:** um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TOURAINÉ, Alain. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade:** leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2010.